

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

SARAH CRISTINA SILVA LEITE VARGAS

**O INFINITIVO FLEXIONADO DO PORTUGUÊS PAULISTA DOS SÉCULOS XVIII,
XIX E XX: UM ESTUDO POR MEIO DAS TRADIÇÕES DISCURSIVAS E DO
PARÂMETRO DO SUJEITO NULO**

GUARULHOS

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

SARAH CRISTINA SILVA LEITE VARGAS

**O INFINITIVO FLEXIONADO DO PORTUGUÊS PAULISTA DOS SÉCULOS XVIII,
XIX E XX: UM ESTUDO POR MEIO DAS TRADIÇÕES DISCURSIVAS E DO
PARÂMETRO DO SUJEITO NULO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Orientador: Prof. Dr. Rafael Dias Minussi

GUARULHOS

2018

Vargas, Sarah Cristina Silva Leite.

O infinitivo flexionado do português paulista dos séculos XVIII, XIX e XX: um estudo por meio das tradições discursivas e do parâmetro do sujeito nulo. – Guarulhos, 2018.

122 f.

Dissertação de mestrado (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Dias Minussi.

Título em inglês: The inflected infinitive of paulista portuguese of 18th, 19th and 20th centuries: an study through the discursive traditions and the null subject parameter

1. Infinitivo flexionado. 2. Sintaxe diacrônica 3. Caso. 4. Sujeito nulo.
I.Título

Sarah Cristina Silva Leite Vargas

O infinitivo flexionado do português paulista dos séculos XVIII, XIX e XX: um estudo por meio das tradições discursivas e do parâmetro do sujeito nulo

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em: ____/____/____

Prof. Dr. Rafael Dias Minussi
Universidade Federal de São Paulo

Prof^a. Dr^a. Indaiá de Santana Bassani
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. José da Silva Simões
Universidade de São Paulo

*A Deus, detentor de todo conhecimento,
que esteve comigo ao longo dessa jornada.*

*Ao Paulo, meu maior incentivador, meu melhor amigo
e o amor de toda minha vida.*

AGRADECIMENTOS

“Como posso retribuir ao Senhor toda a sua bondade para comigo?”

Salmo 116.12

Como expressar tanto amor e tanta gratidão em poucas páginas? Como agradecer aqueles que me fizeram tanto bem em poucas palavras? Um desafio para mim.

Agradeço primeiramente a Deus, razão do meu viver e do meu sonhar. Sem Ele nada sou. Ele me sustentou e me guiou durante a caminhada no mestrado e continuará a me guiar por toda vida: que tudo o que eu fizer seja sempre para Sua glória.

Um agradecimento especial ao meu orientador, querido Prof. Dr. Rafael Minussi. Rafael, me faltam palavras para te agradecer: como eu cresci nesses dois anos, como eu amadureci e você é o responsável por isso. Obrigada por compartilhar seu conhecimento e se doar tanto para que seus alunos sempre aprendam. Obrigada por todas as reuniões de orientação e por suas palavras motivadoras: realmente o mestrado passa rápido e quase não dói. Obrigada por me ensinar pacientemente, você é um excelente professor!

Agradeço também à Profa. Dra. Indaiá Bassani, que contribuiu muitíssimo para o desenvolvimento deste trabalho, tanto com suas aulas quanto com seus apontamentos e questionamentos relevantes. Suas aulas e reflexões linguísticas são fascinantes, muito enriquecedoras e nos fazem desejar aprender sempre mais.

Ao Prof. Dr. Marcello Marcelino, que ministrou as aulas de sintaxe, muito obrigada pelos importantes questionamentos no SELL e durante todo o curso.

Aos companheiros de InFoLinC, que em 2017 também foram companheiros de Abralin e GEL. É tão importante ter com quem dividir nossas inquietações e frustrações durante o processo de pesquisa, obrigada por esses momentos.

Carol e Patrícia, sempre preocupadas e atenciosas, muito obrigada. Vocês são as melhores irmãs de orientador e ótimas pesquisadoras. Tenho muito orgulho de vocês.

Agradeço também a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo.

Ao Prof. Dr. José da Silva Simões, com quem tive o privilégio de aprender sobre Tradições Discursivas. Obrigada pelos apontamentos tão precisos durante nosso curso e pelas valiosas contribuições na qualificação.

Ao Prof. Dr. Marcello Modesto, pelo curso de introdução ao Programa Minimalista que nos fez enxergar novas partes do gerativismo, muito obrigada.

Preciso agradecer imensamente à minha família por todo apoio e amor durante esses dois anos. Eles foram pacientes e amorosos em todo tempo. Vocês têm todo meu amor e gratidão. Meus pais, Silvio e Lília, obrigada por suas constantes orações e preocupação. Vocês são meu exemplo, minha base e minha inspiração: nada disso seria possível sem vocês.

Keila, minha irmã querida, obrigada por sempre me animar e incentivar. Quando tudo estava difícil, você sempre tinha uma boa história para contar. Você é a melhor irmã do mundo. Jonnas, você é aquele irmão que Deus me deu: obrigada por estar comigo nessa caminhada também.

Meus sogros, Soraia e Josias, vocês sempre oraram por mim e sempre cuidaram para que tudo estivesse bem, muito obrigada por tanto carinho. Aninha e João, vocês ajudaram em tudo, até com problemas da impressora, a vocês toda minha gratidão. Amo vocês.

Ailana, minha amiga distante, mas sempre presente. Obrigada por ouvir meus desabafos.

Andressa e Eduardo, meus amigos mais chegados que irmãos, que são parte da minha família também. Obrigada por me escutarem e ajudarem nesse tempo.

Agradeço muitíssimo aos meus amigos da graduação: Paulo Henrique, Daniel, Jéssica, Júlia e Tati. É sempre bom estar com vocês e lembrar de tantas alegrias que já passamos juntos. Vocês são muito queridos para mim.

Muito obrigada aos amigos e irmãos da Igreja Batista Bereana. Vocês são sempre tão queridos e amorosos comigo, um presente em minha vida.

Agradeço aos alunos, professores, funcionários e corpo diretivo do Colégio Julio Botelho, que desde o início me apoiaram nesse percurso do mestrado.

E quase no final do mestrado, eu descobri que me tornarei mãe. Uma das maiores alegrias dos últimos anos, um momento singular é o que vivo. Filho, nós já te amamos muito e, um dia, você saberá que fez parte dessa trajetória também.

Paulo, me faltam palavras para te agradecer. Você acompanhou tudo, esteve presente em todos os momentos e não mediu esforços para que eu chegasse até o final. Você comprou os livros da bibliografia básica e acreditou que eu passaria no processo seletivo quando eu mesma não acreditava, acreditou que eu poderia aprender uma outra teoria quando eu estava desanimada, me incentivou quando pensei que não conseguiria mais. Obrigada não é suficiente para você, que passou as madrugadas acordado comigo e me trouxe café enquanto eu escrevia, que cozinhou e limpou a casa quando eu estava exausta. Você torna minha vida mais leve e bem mais feliz; você leva meu olhar além do meu quintal. Eu te amo para sempre.

*“Pois o Senhor é quem dá a sabedoria;
de sua boca procedem o conhecimento e o discernimento.”*

Provérbios 2.6

RESUMO

O objetivo deste trabalho é propor uma análise sobre o comportamento dos infinitivos flexionados dos séculos XVIII, XIX e XX em um *corpus* representativo do português paulista. Por meio do estudo dos infinitivos flexionados (MAURER Jr., 1968; PIRES, 2006; SALLES, 2006; MODESTO, 2011), tendo por base a sintaxe diacrônica (KROCH, 1989), foram analisadas ocorrências do fenômeno em destaque em textos do português paulista dos séculos mencionados a partir do parâmetro do sujeito nulo (RAPOSO, 1987; MARINS, 2009).

Este trabalho apresenta uma descrição do infinitivo flexionado nos *corpora* do *Projeto de História do Português Paulista* - dos séculos XVIII, XIX e XX, passando pelas seguintes etapas: a) descrever e analisar o fenômeno no *corpus* selecionado; b) estabelecer uma análise para os infinitivos flexionados para a atribuição de Caso e Marcação excepcional de Caso (CHOMSKY, 1986; VERGNAUD, 2008[1977]; PREMINGER, 2015) e do Parâmetro do Sujeito Nulo (DUARTE, 1995; FIGUEIREDO SILVA, 1996). Os critérios usados para seleção do *corpus* foram obtidos por meio do modelo de tradições discursivas (KOCH, 1997; KABATEK, 2006); buscamos textos que apresentavam os mesmos traços, como, por exemplo: (i) tipos de verbos que admitem flexão, (ii) tipo de verbos que acompanham o infinitivo flexionado, (iii) traço [\pm humano] e, em destaque, (iv) a narratividade dos textos (Cf. KEWITZ, 2007).

O enfraquecimento da flexão dos verbos no português brasileiro é crescente (GALVES, 1993), contudo o infinitivo flexionado contraria essa perda de flexão, sendo utilizado mesmo na escrita em contextos em que não está prevista sua ocorrência (CANEVER, 2012). Nos textos paulistas, contudo, observamos os contextos de presença dos infinitivos, seu crescimento e, no último século, uma presença mais restrita, se opondo a uma tendência verificada em textos mais recentes.

Foram selecionadas 40 cartas de cada século em destaque neste estudo, totalizando 120 cartas. Nessas cartas coletamos as ocorrências de flexão infinitiva, bem como as orações em que cada flexão aparece.

Ao final do estudo, foi possível constatar que há um maior número de ocorrências de infinitivo flexionado nos séculos XVIII e XIX do que no século XX e que a maior parte dos infinitivos flexionados dessas cartas é introduzida por uma oração encaixada com preposição.

A preferência no PB é, no geral, por orações encaixadas com preposição. Esse dado indica que a flexão infinitiva no português paulista se assemelha a flexão infinitiva no PE, pois Raposo (1987) aponta que o infinitivo flexionado aparece em orações introduzidas por preposição.

Quanto aos sujeitos das orações de infinitivo flexionado, há mais infinitivos flexionados com sujeitos nulos nos séculos XVIII e XIX, mas no século XX há mais sujeitos realizados nas orações de infinitivo flexionado. A presença do sujeito lexical é importante para o surgimento da flexão do infinitivo, e o número elevado de sujeitos não nulos nos dados os séculos deste estudo reforça essa percepção. A porcentagem de sujeitos não nulos foi crescente nos últimos séculos deste estudo

A contribuição deste trabalho está em fazer uma análise diacrônica do português brasileiro, especificamente do português paulista, e no estudo do infinitivo flexionado, forma verbal específica de línguas como o português brasileiro e o húngaro, por exemplo.

Palavras-chave: infinitivo flexionado; sintaxe diacrônica; Caso; sujeito nulo, tradições discursivas

ABSTRACT

The objective of this work is to propose an analysis of the behavior of the inflected infinitives of the 18th, 19th and 20th centuries in the representative *corpus* of the São Paulo Portuguese. Through the study of the inflected infinitives (MAURER Jr., 1968, PIRES, 2006, SALLES, 2006, MODESTO, 2011) and of diachronic syntax studies (KROCH, 1989), occurrences of the phenomena highlighted in texts from São Paulo of the mentioned centuries from the null subject parameter (RAPOSO, 1987; MARINS, 2009).

This work presents a description of the inflected infinitive in the *corpora* of the *Project of History of Paulista Portuguese* - from the 18th, 19th and 20th centuries, through the following stages: a) describe and analyze the phenomenon in the selected *corpus*; b) to establish an analysis for inflected infinitives for the assignment of Case and Exceptional Case Marking (CHOMSKY, 1986; VERGNAUD, 2008 [1977]; PREMINGER, 2015) and the Null Subject Parameter (DUARTE, 1995; FIGUEIREDO SILVA, 1996). The criteria used to select the corpus were obtained through the discursive traditions model (KOCH, 1997; KABATEK, 2006); we searched for texts that presented the same traits, such as: (i) types of verbs that admit flexion, (ii) types of verbs that accompany the inflected infinitival, (iii) trace [\pm human], and, iv) the narrativity of texts (Cf. KEWITZ, 2007).

The weakening of the verbal inflection in Brazilian Portuguese is increasing (GALVES, 1993); however, the inflected infinitive contraverses this loss of inflection, being used even in writing in contexts in which it is not predicted to occur (CANEVER, 2012). In the texts of São Paulo, however, we observe the contexts of presence of the infinitives, their presence, growth and, in the last century, a more restricted presence, opposing a trend verified in more recent texts.

We selected 40 letters from each century in this study, totaling 120 letters. In these letters we collect the occurrences of inflected infinitive, as well as the sentences in which each inflected infinitive appears.

At the end of the study, it was possible to verify that there is a greater number of occurrences of inflected inflections in the eighteenth and nineteenth centuries than in the twentieth century and that most of the inflected infinitives of these letters are introduced by a sentence embedded with preposition. The preference in PB is, in general, by sentences pre-docked. This data indicates that infinitival inflection in the Portuguese of São Paulo resembles infinitival inflection in the EP, since Raposo (1987) points out that the inflected infinitive appears in sentences introduced by preposition.

As for the subjects of the inflected infinitives sentences, there are more infinitives inflected with null subjects in the eighteenth and nineteenth centuries, but in the twentieth century there are more subjects performed in the inflected infinitive prayers. The presence of the lexical subject is important for the infinitival inflection, and the high number of non-null subjects in the data of the centuries of this study reinforces this perception. The percentage of non-zero subjects was increasing in the last centuries of this study

The contribution of this work is to make a diachronic analysis of Brazilian Portuguese, specifically of São Paulo Portuguese, and in the study of the inflected infinitive, a specific verbal form of languages such as Brazilian Portuguese and Hungarian, for example.

Key-words: inflected infinitive; diachronic syntax; Case; Null Subject; Discursive Traditions.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Comparação Latim x Português	26
Tabela 2: Comparação Latim x Português de Infinitivos Flexionados	26
Tabela 3: Futuro do subjuntivo	28
Tabela 4: Evolução da retenção pronominal em posição sujeito e objeto em cinco períodos de tempo	40
Tabela 5: Preenchimento da posição objeto por pronomes	41
Tabela 6: Frequência da ordem VC	41
Tabela 7: Flexão do infinitivo - PIRES	53
Tabela 8: Divisão de Coseriu sobre os níveis da linguagem	67
Tabela 9: Divisão de Koch sobre os níveis da linguagem	68
Tabela 10: Quantidade de infinitivos nas cartas de Aldeamento de índios.....	78
Tabela 11: Quantidade de infinitivos nas Cartas Paulistas de Circulação Pública	78
Tabela 12: Quantidade de infinitivos nas cartas da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro	79
Tabela 13: Quantidade de infinitivos na Cartas de Aldeamento de índios – século XIX	79
Tabela 14: Quantidade de infinitivos na Correspondência Passiva de Washington Luís	80
Tabela 15: Quantidade de infinitivos nas Cartas familiares: em torno de Washington Luís.....	80
Tabela 16: Quantidade de infinitivos nas cartas De Fã para Fã	80
Tabela 17: Sujeitos das sentenças infinitivo flexionado do século XVIII	82
Tabela 18: Sujeitos realizados no século XVIII	82
Tabela 19: Tipos de oração com IF no século XVIII	84
Tabela 20: O Recreador Mineiro (GRAVINA, 2008)	85
Tabela 21: Sujeitos das flexões infinitivas do século XIX	86
Tabela 22: Sujeitos realizados das sentenças de IF no século XIX	88
Tabela 23: Tipos de oração com IF no século XIX	88
Tabela 24: Sujeitos das flexões infinitivas do século XX	90
Tabela 25: Sujeitos realizados de infinitivo flexionado no século XX	91
Tabela 26: Tipos de oração com IF no século XX	92

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Juntograma das cartas de AI	71
Gráfico 2: Quantidade de ocorrências por tipo de cartas.....	77
Gráfico 3: Sujeitos nulos e não nulos em cada século	93

SUMÁRIO

Capítulo 1 - INTRODUÇÃO	17
Capítulo 2 - SOBRE O INFINITIVO FLEXIONADO: UMA DESCRIÇÃO DO FENÔMENO E SEU SURGIMENTO	23
2.1 O surgimento do infinitivo flexionado	24
2.2 O desenvolvimento do infinitivo flexionado no PB	29
Capítulo 3 - O INFINITIVO FLEXIONADO E A TEORIA GERATIVA	32
3.1 A Teoria do Caso e seu desenvolvimento na Gramática Gerativa	32
3.2. O infinitivo flexionado na teoria de Princípios e Parâmetros	37
3.1.3 Semelhanças e diferenças entre orações finitas e infinitivas	48
Capítulo 4 - O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO E SUA MARCAÇÃO NO PB	56
4.1 O desenvolvimento do PSN na Teoria de Princípios e Parâmetros	56
4.2 Línguas de sujeito nulo e línguas de sujeito não nulo	57
4.3 O status do PSN no português brasileiro	60
4.4 O PSN na sincronia do português brasileiro	61
Capítulo 5 - A METODOLOGIA PARA SELEÇÃO DO CORPUS: AS TRADIÇÕES DISCURSIVAS E AS CARTAS DOS SÉCULOS XVIII, XIX E XX	66
5.1 O modelo de Tradições discursivas e a seleção de corpus	66
5.2 O PHPP e o corpus do português paulista dos séculos XVIII, XIX e XX	72
Capítulo 6 - DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DOS SÉCULOS XVIII, XIX e XX	76
6.1 Resultados gerais	78
6.2 O Parâmetro do sujeito nulo ocorrências de infinitivo flexionado	81
6.3 Os contextos das orações de infinitivo flexionado e a tendência do Português Paulista	92
6.4 A atribuição de Caso nos infinitivos flexionados do português paulista	95
Capítulo 7 - CONCLUSÃO	97
REFERÊNCIAS	100
ANEXOS: INFINITIVOS FLEXIONADOS ENCONTRADOS NO CORPUS	108

Capítulo 1 - INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é investigar o infinitivo flexionado do português paulista em cartas do século XVIII, XIX e XX. Assim, definem-se os seguintes objetivos específicos: a) Descrever e Comparar as atribuições de Caso no fenômeno do infinitivo flexionado do português paulista; descrevendo os ambientes em que se pode encontrar os infinitivos; b) Analisar, com base na Teoria do Caso (Cf. CHOMSKY, 1986; RAPOSO, 1992; VERGNAUD, 2008[1977]; PREMINGER, 2015), as ocorrências de infinitivos encontrados nos *corpora*; c) Comparar as diferentes ocorrências do infinitivo flexionado nos *corpora* dos séculos XVIII, XIX e XX; d) Estabelecer uma análise para os infinitivos flexionados por meio da Teoria do Caso, para a atribuição de Caso e Marcação excepcional de Caso; e) Estabelecer uma análise para os infinitivos flexionados por meio do parâmetro do sujeito nulo. O estudo sobre a formação de uma tradição discursiva ligada ao infinitivo flexionado pode nos ajudar a entender o porquê, como já descrito por Galves (1993) e Silva e Silva (2014), da flexão no infinitivo ter se mantido e expandido no português culto falado (Cf. CANEVER, 2012), e ter se tornado fraca em contextos finitos.

A questão que se coloca como proposta de trabalho é: *como são os infinitivos flexionados do português paulista?* e *Quais são os sujeitos das sentenças e os contextos em que ocorre a flexão infinitiva no português paulista dos séculos XVIII, XIX e XX?*. Algumas análises do PE (português europeu) nos mostram como é a flexão infinitiva e em quais contextos ela aparece.

O infinitivo flexionado, fenômeno em destaque no presente estudo, se apresenta na língua portuguesa, no galego, no húngaro, no sardo e em algumas línguas do sul da Itália e possui características específicas (Cf. LUZ, 1998; RAPOSO, 1987) por ser um infinitivo que recebeu desinências verbais após ter recebido um sentido pessoal (Cf. MAURER Jr., 1968). Os estudos de Leite de Vasconcelos (1900) consideram o infinitivo pessoal, ao apresentar as sentenças “Ter saúde é bom” e “Ter eu saúde é bom”, ou seja, o emprego deixa de ser impessoal e se torna pessoal e são acrescentadas desinências número pessoais ao verbo (Cf. CARVALHO e MINUSSI, 2016). O infinitivo teria adquirido pessoalidade por admitir sujeitos nominativos: “O infinitivo com sujeito no caso nominativo precedeu certamente o infinitivo flexionado e foi, sem dúvida, o fator decisivo de seu aparecimento.” (MAURER Jr., 1968, p. 70).

Maurer Jr. (1968) propõe algumas regras para o uso do infinitivo flexionado, contudo aponta que a principal regra é: o infinitivo é flexionado quando há a realização do sujeito na sentença.

Há duas hipóteses para o surgimento do infinitivo flexionado português. Estudos como os de Wernecke (1885) e Rodrigues (1914) apontam que a flexão infinitiva é derivada do futuro do subjuntivo imperfeito latino, enquanto estudos como de Maurer Jr. (1968) mostram o infinitivo flexionado como uma variante finita do infinitivo românico.

A hipótese que apresenta a flexão infinitiva como uma derivação do imperfeito do subjuntivo latino argumenta que ainda existia no latim vulgar na região da Galícia e Portugal durante a Idade Média e teria passado a ser empregado com funções do infinitivo românico. O que reforça essa hipótese são os seguintes argumentos: (i) a supressão da conjunção em sentenças finitas subordinadas com o verbo no imperfeito do subjuntivo, que teriam sido equiparadas com sentenças subordinadas infinitivas, bem como (ii) o rearranjo sintático no qual o mais que perfeito do subjuntivo substituiu o imperfeito do subjuntivo (Cf. MARTINS, 2001).

As pesquisas diacrônicas têm como principal foco as línguas e suas respectivas gramáticas. As línguas estão em constante alteração estrutural ao longo do tempo e essa dinâmica configura o objeto de estudo da Linguística Histórica.

Segundo Kroch (2001), a sintaxe histórica é dividida em duas partes: o estudo das gramáticas de línguas do passado e o estudo das mudanças nas gramáticas existentes nos registros históricos. O estudo das gramáticas de línguas do passado busca investigar as estruturas linguísticas passadas, por meio de registros encontrados em textos. O estudo das mudanças nas gramáticas avalia e estuda a instabilidade diacrônica da sintaxe e a transição das gramáticas.

Dessa maneira, a diacronia na sintaxe histórica contribui para o desenvolvimento dos estudos linguísticos, pois esse aspecto não é o escopo do estudo sincrônico das línguas existentes.

A Teoria do Caso, um módulo da Teoria Gerativa, será utilizada para análise dos dados, no que concerne à atribuição de Caso e Marcação excepcional de Caso, caracterizando, assim, o objetivo mais específico, que é a descrição e análise do *corpus* mencionado. Esse

estudo irá abordar dados de diacronia e, conseqüentemente, poderá englobar um estudo/descrição da variação e mudança gramatical, com ênfase no infinitivo, observando as variedades culta e popular e os graus de simetria entre os escritores. O parâmetro do sujeito nulo nos permitirá compreender a mudança paramétrica dentro do português brasileiro.

Tendo em vista esses aspectos, A proposta deste trabalho aborda a Linguística Histórica sob um viés gerativo. A Linguística Gerativa está representada nesta proposta por meio da sintaxe – Teoria do Caso (CHOMSKY, 1986 e seus desdobramentos) e Parâmetro do sujeito nulo – para uma descrição diacrônica (KROCH, 1989; PAIXÃO DE SOUSA, 2004; CAVALCANTE, 2006) dos infinitivos flexionados presentes nos *corpora* do Projeto de História do Português Paulista (PHPP) dos séculos XVIII, XIX e XX, como é possível observar nos trechos das cartas da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro:

- (1) a. Meu charo Amigo, no dia 25 tivemos a incomparavel honra de vermos no nosso solo onosso Idolatrado Principe (BNRJ 01)
- b. hum grande numer de honrados Cidadaõs la se haõde achar na certeza | de serem preteridas suas vontades para maioria contraria dos sapatoens. (BNRJ 02)
- c. he de crer, que sejaõ pobres, eindigentes sem meios, sem forças para promoverem as utilidades, e bens mais da agricultura. (BNRJ 04)

Para Raposo (1987), um teórico do gerativismo, o infinitivo flexionado está relacionado ao núcleo funcional AGR (do inglês *Agree*), independente da realização morfológica dos morfemas de concordância. A análise de Raposo propõe que a flexão do infinitivo no português europeu (PE) é dependente de dois parâmetros distintos, um morfológico (*Infl parameter*) e um sintático (Parâmetro do Sujeito Nulo).

O infinitivo flexionado no PE surge da possibilidade de haver um Infl infinitivo especificado com traços de Agr, da realização de $[-\text{Tempo}, +\text{Agr}]$. Em muitas línguas a escolha de [Tempo] é livre, devido à escolha positiva de Agr. Contudo, na maioria das línguas essa escolha não é livre. Essas opções potenciais são chamadas de *Infl Parameter* e, como dito acima, o PE marca positivamente esse parâmetro.

Para Raposo, como já dissemos, o infinitivo flexionado está associado a dois parâmetros, o parâmetro Infl e o PSN. Apenas quando uma combinação específica é feita com esses dois parâmetros é que uma determinada língua poderá ter flexão do infinitivo com Agr possibilitando a presença de sujeitos lexicais no Caso nominativo. Dessa forma é possível

entender, segundo Cavalcante (2006), que línguas de sujeito não nulo não possuem Infinitivo Flexionado¹.

Entende-se, dessa forma, que a flexão infinitiva está associada à presença de marcas de flexão e à presença de AGR capaz de atribuir Caso nominativo ao sujeito. Questiona-se a relação entre a riqueza de AGR e a manifestação do morfema de concordância. No infinitivo flexionado há morfema \emptyset de flexão na primeira e na terceira pessoas do singular no PE e para o português brasileiro (PB) nas primeiras, nas segundas e nas terceiras pessoas do singular. De acordo com os dados do presente estudo, é possível que haja um sincretismo de formas entre flexão infinitiva e não-flexão infinitiva (a flexão zero). Há casos em que não há manifestação de morfema, mas há uma flexão. O infinitivo flexionado possui, também, características relacionadas à questão do controle, da referência e do tipo de complementação infinitiva.

Há uma diferença entre infinitivo flexionado e infinitivo pessoal e não pessoal para Luz (1994), pois o infinitivo pessoal é aquele que pode licenciar um sujeito lexical. É possível, dessa maneira, ter infinitivo pessoal flexionado (2a) e infinitivo pessoal não-flexionado (2b):

(2) a) Maria saiu sem os meninos saberem.

b) Maria saiu sem os meninos saber.

Línguas como o Inglês, que não apresentam sujeito nulo, possuem infinitivo pessoal, como em (3). O sujeito do infinitivo é licenciado pela preposição, diferente do que ocorre em línguas de infinitivo flexionado.

(3) For John to come early would be good.

Mencionamos acima a questão, a noção de controle e de infinitivo controlado pode ser empregada de duas maneiras. Para Chomsky (1981), há controle obrigatório e não obrigatório. O sujeito de infinitivo controlado deve ser correferente com o sujeito da matriz; de acordo com Chomsky (1981), é uma categoria vazia [+anafórica] e [+pronominal], não

¹ Essa hipótese deverá ser verificada, pois o PB não pode ser considerado uma língua de sujeito nulo plena. Contudo, o PB continua a apresentar o infinitivo flexionado, mesmo em contextos em que tal infinitivo não deveria ocorrer, como nos casos de hipercorreção.

regida, que recebe Caso nulo PRO (3a). Nessa posição não há infinitivo pessoal (4b) ou flexionado (4c).

- (4) a) João tentou PRO beijar Maria.
- b) *João tentou Pedro beijar Maria.
- c) *João tentou beijarmos Maria.

O infinitivo flexionado pode aparecer em contextos de controle não obrigatório. Em (4a) e (4b), há infinitivo de controle não obrigatório, pois o sujeito do infinitivo pode ser tanto correferente ao sujeito da matriz (4a) quanto não correferente (4b).

- (5) a) Maria_i saiu sem e_i trancar a porta.
- b) Maria saiu sem os filhos saberem.

Cavalcante (2006) aponta que com o avanço dos estudos da teoria gerativa, por meio do Programa Minimalista, outras análises surgiram a fim de explicar o controle obrigatório. Hornstein (1999) argumenta que o sujeito nulo do infinitivo controlado deve ser gerado por movimento e é um vestígio de um elemento movido. As estruturas de alçamento e de controle, dessa forma, seriam geradas desta mesma maneira.

O presente estudo aborda questões de extrema relevância para os estudos linguísticos e os estudos do português brasileiro, uma vez que o português brasileiro apresenta o fenômeno do infinitivo flexionado, algo singular à língua, ou seja, não comum às línguas românicas (Cf. MAURER Jr., 1968), como ressaltamos anteriormente.

Utilizaremos o modelo de tradições discursivas para desenvolver a parte metodológica do trabalho. A seleção do *corpus* foi feita por meio do estudo das TD e as cartas selecionadas contribuem para o estudo diacrônico do PB. Trabalhos como o de Lopes (2011) apresentam uma abordagem semelhante a nossa, em que há contribuição das tradições discursivas.

O trabalho de Lopes (2011), que aborda a mudança no sistema de tratamento do português brasileiro, também foi desenvolvido sob a perspectiva das tradições discursivas. A combinação de suas perspectivas de análise permitiu uma análise mais profunda ao longo do estudo. Observa-se que a forma inovadora (você) é evocada no corpus analisado. Nas cartas analisadas, há um trecho em que a forma conservadora (tu) aparece com o emprego de formas do paradigma de você, marcando a imposição de uma tradição discursiva.

O presente trabalho, como já dissemos, irá descrever o infinitivo flexionado utilizando-se de um corpus formado por cartas dos séculos XVIII, XIX e XX. Assim sendo,

trabalhos como o de Cavalcante (2006), que apresenta um estudo diacrônico do português, são de grande importância para a linguística diacrônica. O estudo de Cavalcante (2006) apresenta os infinitivos, destacando a sintaxe diacrônica nos estudos do português brasileiro. Cavalcante apresenta a sintaxe de “se” nas línguas românicas e o licenciamento de se nas sentenças infinitivas. Há uma abordagem para a categoria Agr no português brasileiro, mostrando que o português brasileiro apresenta características de uma língua *pro-drop* parcial por apresentar mudanças em seu sistema de flexão.

Em Galves (1993) argumenta-se que o enfraquecimento da concordância tem como efeito uma reorganização da sentença em que o sujeito se encontra em uma posição mais baixa do que numa língua de concordância forte. A concordância está enfraquecida em alguns contextos do português brasileiro, como: a) quando não há marcação de pessoa; b) contém pessoa como um traço puramente sintático; enquanto o infinitivo flexionado tem sua concordância mantida.

Fazer um estudo diacrônico sobre os contextos de infinitivo contribui para entender aspectos do sistema de concordância do português, mais especificamente como se mantém o sistema de concordância verbal em contextos de infinitivo flexionado, mas não totalmente em outros.

O texto do presente trabalho está organizado da seguinte forma: no capítulo 2 há uma abordagem sobre outros trabalhos que abordam o fenômeno da flexão infinitiva na teoria gerativa, além de um panorama sobre a Teoria do Caso – a marcação de Caso por meio da flexão e a marcação excepcional de Caso -, o Parâmetro do Sujeito Nulo e a marcação desse parâmetro no PB atual. O capítulo 3 contempla o conteúdo das tradições discursivas e apresenta estudos do PHPB – Projeto de História do Português Brasileiro – que abordam a mudança do PB e as tradições discursivas. No capítulo 4, há a apresentação e a descrição dos dados coletados no *corpus* desse trabalho – as ocorrências de infinitivo flexionado nas cartas paulistas do século XVIII, XIX e XX. O capítulo 5 é destinado às conclusões parciais e, por fim, há as referências bibliográficas e os anexos.

Capítulo 2 - SOBRE O INFINITIVO FLEXIONADO: UMA DESCRIÇÃO DO FENÔMENO E SEU SURGIMENTO

Sabemos que o infinitivo flexionado é uma característica própria do Português, sendo assim presente no Português Paulista. Neste capítulo retomamos, brevemente, as bases do fenômeno e sua fixação na língua. Partindo de estudos de descrição do IF, iremos mostrar quais são os contextos em que a flexão infinitiva pode aparecer no Português de modo geral (Cf. BRANDÃO, 1963) e no PB (Cf. MAURER Jr., 1968).

As gramáticas do PB da sincronia trazem uma descrição superficial sobre o fenômeno destacado nesse trabalho e o presente estudo contribui com uma descrição detalhada e um panorama histórico do IF.

A Moderna Gramática Portuguesa (BECHARA, 2006), apresenta no capítulo 6, que é destinado ao estudo do verbo, uma seção chamada “Formas Nominais do verbo”. Há duas páginas destinadas a essa seção.

A definição do infinitivo português aparece da seguinte forma (BECHARA, 2006, p. 498):

“As formas nominais do verbo, com exceção do infinitivo, não definem as pessoas do discurso e, por isso, são conhecidas por *formas finitas*. Possuem, quando possíveis, desinências nominais idênticas às que caracterizam flexão dos nomes (gênero e número): o infinitivo português, ao lado da forma infinita, isto é, sem manifestação explícita das pessoas do discurso, possui outra flexionada.

Infinitivo sem flexão – Cantar

Infinitivo flexionado – Cantar eu

Cantares tu

Cantar ele

Cantarmos nós

Cantardes vós

Cantarem eles”

Na página 555, há uma seção intitulada “Emprego das formas nominais”, distribuída em seis páginas. Existe uma divisão descrevendo quando se deve empregar o infinitivo sem flexão e o infinitivo flexionado:

“Ocorre o infinitivo flexionado nos seguintes casos principais: 1.º) “sempre que o infinitivo estiver acompanhado de um nominativo sujeito, nome ou pronome (quer igual ao de outro verbo, quer diferente);

2.º) sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a ação especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente;

3.º) quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere” [SA.1, 72]: Estudamos para nós vencermos na vida. “Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos lembrardes ainda de um velho homem de armas que para nada presta hoje” [AH apud FB.1, 195]. “É permitido aos versistas poetarem em prosa” [CB.1, 60].”

A Nova gramática do Português Contemporâneo (CUNHA & CINTRA, 2001) apresenta a seção “Emprego do infinitivo”, com seis páginas, e também mostra as diferenças entre o emprego do infinitivo sem flexão e do infinitivo flexionado, dizendo que o último tem sujeito próprio e pode flexionar-se. O autor faz a seguinte observação sobre a flexão infinitiva (p. 489):

“O uso do infinitivo flexionado parece ser mais frequente no português europeu do que no do Brasil em razão da vitalidade, em Portugal, do tratamento tu e, por consequência, da flexão correspondente a esta pessoa no infinitivo pessoal. Predominando na maior parte do Brasil o tratamento íntimo você, que se constrói com o verbo na 3ª pessoa do singular — pessoa desprovida de desinência, ou melhor, com desinência zero 0 —, daí decorre a identificação desta forma do infinitivo pessoal com a do impessoal.”

As duas gramáticas citadas nessa seção não apresentam uma descrição satisfatória sobre o IF. Mesmo apontando quando essa forma deve ser utilizada no PB, não há um detalhamento sobre o fenômeno, o que reforça a importância do presente trabalho.

Seguindo que apresentamos sobre a descrição da flexão infinitiva em gramáticas de nossa sincronia, neste capítulo faremos um breve histórico do surgimento do infinitivo flexionado em duas seções: a primeira irá apresentar o surgimento e o desenvolvimento histórico da flexão infinitiva e a segunda trará uma descrição detalhada do fenômeno, comparando gramáticas de diferentes sincronias.

2.1 O surgimento do infinitivo flexionado

Há duas hipóteses distintas para o surgimento o IF: a primeira argumenta que o Infinitivo teria surgido a partir do imperfeito do subjuntivo (WERNWCKE, 1885;

RODRIGUES, 1914) e a segunda é chamada de hipótese criadora, difundida por Maurer Jr. (1968), a qual sustenta que o Infinitivo teria surgido a partir do infinitivo invariável do latim.

2.1.1 A hipótese do imperfeito do subjuntivo

Vários autores defenderam a teoria do imperfeito do subjuntivo: Wernecke (1885), Gamillscheg (1913), Rodrigues (1914), Michäelis de Vasconcelos (1918), Piel (1944), Meier (1950), Sten (1952), Lausberg (1962–1963), Osborne (1982), Wireback (1994) e, mais recentemente, Martins (2001), porém, os filólogos Gamillscheg (1913) e José Maria Rodrigues (1914) a sistematizaram historicamente de modo mais completo (Cf. MAURER JR., 1968). Para Gamillscheg (1913), o imperfeito do subjuntivo latino permanecia vivo no momento em que surgiu o infinitivo flexionado e, desse modo, o IF “tem tanto do subjuntivo imperfeito como do infinitivo”. Além disso, o autor afirma também que “o seu caráter pessoal deve-o ao subjuntivo imperfeito [enquanto que] o poder ser empregado como qualquer substantivo é próprio do infinitivo [impessoal]” (GAMILLSCHEG, 1913, p. 278 apud MAURER JR., 1968). Abaixo se apresenta um dos exemplos do autor para comprovar a existência do imperfeito do subjuntivo latino, pois pode-se notar que os verbos *intraret* (intro - 1ª conj.) e *perderet* (perdo - 3ª conj.) estão ambos no imperfeito do subjuntivo:

(6) “*et ipse R. roboravit placitum ut, si non renuisset et non duxisset ipsos servos aut per se non venisset, intraret in ipsa custodia, perderet villam suam*”

(determinou que, se ele não desistisse e não trouxesse os servos ou viesse pessoalmente, ficasse de novo sob custódia e perdesse a sua propriedade).

O trabalho de Rodrigues (1914) sustenta também a hipótese do imperfeito do subjuntivo latino, porém, acrescenta que essa forma verbal sobreviveu na língua portuguesa até o século XVI. A argumentação principal desta teoria é a de que o imperfeito do subjuntivo latino ainda existia no latim vulgar na região da Galícia e Portugal durante a Idade Média, como já mostramos através do dado em (X), porém, sem perder sua finitude, teria passado a ser empregado com funções do infinitivo românico.

Os argumentos que favorecem essa hipótese são: (i) a supressão da conjunção em sentenças finitas subordinadas com o verbo no imperfeito do subjuntivo, que teriam sido equiparadas com sentenças subordinadas infinitivas, (ii) bem como o rearranjo sintático no qual o mais que perfeito do subjuntivo latino substituiu o imperfeito do subjuntivo (Cf. MARTINS, 2001). Abaixo, apresenta-se a grande semelhança entre o paradigma verbal do

mais que perfeito do subjuntivo latino e o imperfeito do subjuntivo português, assim como as semelhanças e diferenças entre o imperfeito do subjuntivo latino e as formas do infinitivo flexionado no português tomando como exemplo o verbo *prendere* (prender).

	Latim Mais que perfeito do subjuntivo	Português Imperfeito do subjuntivo
1 SG	Prendissem	Prendesse
1 SG	Prendisses	Prendesses
3 SG	Prendisset	Prendesse
1 PL	Prendissemus	Prendêssemos
2 PL	Prendissetis	Prendêsseis
3 PL	Prendissent	Prendessem

Tabela 1: Comparação Latim x Português

	Latim Imperfeito do subjuntivo	Português Infinitivo flexionado
1 SG	Prenderem	Prender
1 SG	Prenderes	Prenderes
3 SG	Prenderet	Prender
1 PL	Prenderemos	Prendermos
2 PL	Prenderetis	Prenderdes
3 PL	Prenderent	Prenderem

Tabela 2: Comparação Latim x Português – Infinitivo flexionado

Há argumentos que favorecem a primeira hipótese, pois o imperfeito do subjuntivo existia no latim vulgar na região da Galícia e de Portugal durante a Idade Média. Os argumentos que favorecem essa hipótese são: a supressão da conjunção em sentenças finitas subordinadas com o verbo no imperfeito do subjuntivo, que teriam sido equiparadas com sentenças subordinadas infinitivas, bem como o rearranjo sintático no qual o mais que perfeito do subjuntivo substituiu o imperfeito do subjuntivo (Cf. MARTINS, 2001).

A seção a seguir trará a segunda hipótese de surgimento do Infinitivo Flexionado, que foi difundida por Maurer Jr. (1968) e é chamada de hipótese criadora, negando que o fenômeno em destaque tenha derivado do imperfeito do subjuntivo.

2.1.2 A hipótese criadora

A partir dos estudos de Maurer Jr. (1968) em *O infinito flexionado português*, essa hipótese tornou-se bastante aceita pelos estudiosos. A teoria criadora defende que a origem do IF seria o infinitivo invariável. De acordo com Maurer Jr (1968), a principal diferença entre o infinitivo impessoal e o IF seria o fato de o IF “admitir sujeito próprio”, ou seja, “ser pessoal”, afastando-se, assim, de uma forma nominal de verbo.

Richard Otto (1889), em sua tentativa de explicar a origem do IF, aponta para o fato de existir uma ambiguidade dialetal em nível fonológico, na qual houve uma confusão entre o uso dos clíticos e morfemas flexionais (Cf. MAURER JR., 1968, p.67). Essa discussão é retomada por Michaelis que usa como exemplo “andar-nos” que se tornaria “andar-mos”. Porém, Maurer Jr. rejeita que o IF seja originado de um “solecismo” da “ignorância popular” (MAURER JR., 1968, p.102).

José Leite de Vasconcelos (1900) em *Estudos de Filologia Mirandesa* apresenta o IF por meio do exemplo “Ter saúde é bom”, no qual, a princípio, o emprego seria impessoal, porém, ao ser considerado pessoal “Ter eu saúde é bom”, o verbo passou de impessoal para pessoal e, portanto, por analogia acrescentou-se ao verbo as desinências número-pessoais uma vez que era necessário concordar sujeito com verbo:

(7) Ter [eu] saúde é bom.

Teres [tu] saúde é bom.

Ter [ele] saúde é bom.

Termos [nós] saúde é bom.

Terdes [vós] saúde é bom.

Terem [eles] saúde é bom.

Vasconcelos (1900) também sinaliza que “as flexões do futuro do subjuntivo nos verbos regulares ajudavam a constituir no infinitivo as flexões pessoais”. Abaixo se encontra o verbo amar (regular) e fazer (irregular) no futuro do subjuntivo para comparação com paradigma do IF.

	AMAR		FAZER	
	IF	Fut. Do Subjuntivo	IF	Fut. Do Subjuntivo
1 SG	Amar	Amar	Fazer	Fizer
2 SG	Amares	Amares	Fazerdes	Fizerdes
3 SG	Amar	Amar	Fazer	Fizer
1 PL	Amarmos	Amarmos	Fazermos	Fizermos
2 PL	Amardes	Amardes	Fazerdes	Fizerdes
3 PL	Amarem	Amarem	Fazerem	Fizerem

Tabela 3: Futuro do Subjuntivo

Como é possível perceber, nos verbos regulares no futuro do subjuntivo, há grande semelhança com o seu paradigma flexional e o IF. Entretanto, nos verbos irregulares a raiz é diferente nos dois tempos.

Os argumentos de Maurer Jr. (1968) a favor da teoria criadora são quatro:

i) O aparecimento do infinitivo preposicionado no latim vulgar. Segundo o autor, essa “inovação” aumentou o emprego dos infinitivos, resultando numa colocação com a maioria das preposições;

ii) A criação de uma oração infinitiva (normalmente preposicionada) com sujeito no caso nominativo. As orações infinitivas de “sentido genérico e indeterminado” transformaram-se em orações infinitivas com sujeito nominativo, afetando desta forma a natureza do verbo infinitivo que passou a se aproximar de uma forma verbal finita;

iii) A transferência analógica das desinências pessoais das formas finitas do verbo ao infinitivo, nos casos em que este admitia um sujeito nominativo. Através do fenômeno de passagem do verbo infinitivo sem sujeito nominativo e que passa a ter um sujeito nominativo, sua invariabilidade flexional o teria deixado “anômalo” em relação às demais conjugações, portanto, a hipótese do estudioso é a de que o futuro o subjuntivo, por ter o radical semelhante ao infinitivo, concorreu com o infinitivo flexionado, contribuindo para uma “confusão” entre as duas formas e resultando na incorporação destas desinências número-pessoais ao IF.

iv) A lenta, mas progressiva, extensão da forma flexionada a construções nas quais se usava primitivamente o infinitivo invariável, desde que elas pudessem ter um sentido pessoal claro ou latente. (MAURER JR, 1968, p.100-101).

Para refutar os argumentos para a hipótese do imperfeito do subjuntivo, Maurer Jr (1968) apresenta que:

- i) Não há indícios positivos para a sobrevivência do imperfeito do subjuntivo no português;
- ii) Os empregos do infinitivo flexionado correspondem parcialmente aos empregos do imperfeito subjuntivo latino;
- iii) A distância entre a sintaxe dessas duas formas aumenta, ao invés de diminuir com o recuo do tempo;
- iv) A omissão da conjunção *ut* se dava nas orações completivas, com exceção das orações finais, nas quais o uso do infinitivo flexionado é mais recorrente (MAURER Jr., 1968, p.99).

2.2 O desenvolvimento do infinitivo flexionado no PB

Em Brandão (1963), no livro *A Sintaxe Clássica do português*, há um capítulo destinado aos infinitivos e infinitivos flexionados. O autor apresenta quais são os principais verbos que acompanham o IF e também quando os infinitivos têm sujeitos próprios.

Segundo o autor, o português e o galego se diferenciavam das outras línguas românicas por possuírem o infinitivo flexionado. Modelado pela flexão, esse fenômeno tornou-se instrumento de clareza e fator de harmonia para essas línguas. Brandão (1963) aponta que o IF transformou-se num problema gramatical, pois ainda é um “tropeço” para muitas pessoas (BRANDÃO, 1963, p. 441).

Frederico Diez (apud BRANDÃO, 1963), em sua Gramática das Línguas Românicas (1836) condiciona a flexão do infinitivo à possibilidade dele ser substituído por um modo finito, sendo ou não idênticos os sujeitos dos verbos regente e regido.

Para Diez, o infinitivo é um nome verbal abstrato (uma das formas nominais do verbo) que exprime ação, fenômeno, processo, estado e pode ser indeterminado quanto ao tempo e à pessoa da ação. Quando essa indeterminação – do infinitivo impessoal - desaparece, segundo Brandão (1963), há o infinitivo flexionado.

Quando o infinitivo apresenta sujeito próprio, que pode estar nele implícito em outro termo da sentença ou indeterminado, pode servir de sujeito aos seguintes verbos e expressões:

- a) Ser, parecer, estar, ficar com predicativo expresso por substantivo, adjetivo, advérbio (Parece loucura FICARMOS aqui);
- b) É dever, obrigação, ofício, pertence, etc. (Incumbe-vos RENUNCIARDES a Susana.);
- c) Ser de, ser próprio de (É próprio da abelha, em picando, CAIR morta);
- d) Importar, convir, relevar, cumprir (Não importa REPARAR nada contra ele);
- e) Aproveitar, prestar, servir, valer, etc (Que aproveita a um príncipe ESTAR cheio de riquezas, se se ninguém delas aproveita?);
- f) Bastar, escusar (Chama-lhes abelhas, que lhes basta SER pequenas para SEREM coléricas);
- g) Faltar, restar (Faltava-me LEVAR meus rogos aos pés de Diocleciano);
- h) Acontecer, suceder, ocorrer, lembrar, vir à lembrança, esquecer, etc (Não me lembrou nunca SER sua mulher);
- i) Quadrar, assentar, etc (Como queria TER um príncipe seus paços armados de rica tapeçaria e a alma desarmada de virtudes?);
- j) Seguir-se, resultar, proceder, vir, etc (Segue-se TRATAR da qualidade e número dos soldados)
- k) Agradar, prazer, aprazer, alegrar, recrear, deleitar e sinônimos (Se te agrada SAIR, bem vês a porta aberta);

- l) Os antônimos dos verbos precedentes, como aborrecer, desgostar, passar, repugnar e semelhantes (Aborrece-me VER toda essa livraria);
- m) Dependere (AMAR ou não AMAR não bem sei que não depende do alvedrio da gente);
- n) Constar (Seria cousa santa e honesta não se ordenarem, sem constar SEREM destros em algum ofício manual);
- o) Urgir (Urgia ARRANCAR-lhe a criança);
- p) A passiva, analítica ou pronominal, dos verbos que significam dizer, dar, permitir, ordenar, mandar, resolver, tentar, conseguir, ver, ouvir, sentir e semelhantes (Foi-nos dito ACHAREM-se duas pessoas à nossa espera).

O presente capítulo retomou, brevemente, o surgimento do infinitivo flexionado, fenômeno em destaque no presente trabalho, as duas hipóteses mais difundidas acerca de sua origem e o trabalho de Brandão (1963), reforçando que a flexão infinitiva já era alvo de pesquisas em séculos anteriores. O capítulo seguinte insere o fenômeno no quadro gerativista e retoma algumas abordagens, como Raposo (1987) e Galves (1991), para situarmos o fenômeno do infinitivo flexionado no português paulista.

Capítulo 3 - O INFINITIVO FLEXIONADO E A TEORIA GERATIVA

Neste capítulo, faremos uma revisão da Teoria do Caso, seguindo a Teoria da Gramática Gerativa (Chomsky, 1986), numa perspectiva diacrônica e, especialmente, daremos foco aos fenômenos que estão ligados ao infinitivo flexionado como, por exemplo: a) a atribuição de Caso nominativo pela flexão do infinitivo, b) o parâmetro do Sujeito Nulo (na análise dos dados faremos uma observação da presença do sujeito nos séculos desse estudo, a fim de verificar se a hipótese de Maurer Jr. (1968), que propõe que o infinitivo flexionado surge por causa da presença do sujeito lexical, - a respeito da marcação do sujeito está realmente ligada à flexão do infinitivo.

3.1 A Teoria do Caso e seu desenvolvimento na Gramática Gerativa

Para o estudo da flexão infinitiva nesse trabalho, iremos abordar o desenvolvimento estudo do Caso na Gramática Gerativa. A Teoria do Caso já sofreu muitas mudanças devido aos novos estudos descritivos de línguas e às transformações do modelo teórico da Gramática Gerativa.

Vergnaud ([1977] 2008) apresenta a ideia de que línguas como o latim, o alemão, o romeno, o esloveno, o russo, entre outras, apresentam um paradigma de Casos morfológicos. Nessas línguas o Caso é uma marca morfológica, que identifica a função sintática e semântica de um elemento. O autor ainda mostra que o Caso abstrato é universal e o que varia entre as línguas é uma realização morfológica de Caso abstrato.

Chomsky (1981) estabelece propriedades fundamentais para a atribuição de Caso descritas em (8):

- (8) (i) NP é nominativo se governado por AGR
- (ii) NP é objetivo se governado por V com traço de subcategorização
- (iii) NP é oblíquo se governado por P
- (iv) NP é genitivo em [np- X]
- (v) NP é inerente Caso-marcado como determinado pelas propriedades de seu [-N] governante.

Chomsky (1986, p.193) apresenta uma diferença entre Caso inerente e Caso estrutural:

Distinguimos os “Casos estruturais” objetivo e nominativo, atribuídos em termos de Estrutura-S, dos “Casos inerentes” atribuídos em Estrutura-D. Os primeiros incluem o Caso oblíquo atribuído pela preposição e também agora o Caso genitivo, que assumimos ser atribuído por nomes e adjetivos, assim como verbos atribuem Caso objetivo. Caso inerente está associado à marcação Θ , enquanto Caso estrutural não está, assim como se devem entender os processos que se aplicam em Estrutura-D e Estrutura-S, respectivamente. Assim, assumimos que Caso inerente é atribuído por α ao NP se, e somente se, o NP é Θ -marcado, enquanto Caso estrutural é atribuído independente da marcação Θ .

Agora, todas as categorias lexicais atribuem Caso: P, N e A atribuem Caso inerente em Estrutura-D, enquanto V (junto ao INFL contendo AGR; comumente como em inglês INFL finitos) atribui Caso estrutural em Estrutura-S.

Para alguns autores a distinção de Caso estrutural e Caso inerente possui algumas complicações. Negrão e Viotti (2005) afirmam que Chomsky faz essa distinção para separar o Caso acusativo dos Casos inerentes. As autoras defendem que apesar dos Casos nominativo e acusativo servirem para mapear o argumento do sujeito e o argumento do objeto de um predador, eles permitem a interpretação dos diferentes papéis semânticos associados a esses argumentos e seu uso também aponta outras funções semânticas.

A teoria do Caso estuda como se dá a atribuição de Caso. Na Teoria de Princípios e Parâmetros da Gramática Gerativa, a teoria do Caso buscava responder às questões, como (CHOMSKY, 1986): a) quantos e quais são os Casos abstratos?; b) quais são os elementos que atribuem os Casos?; c) quais são os constituintes que os recebem; d) quais são os princípios que regulam a atribuição de Caso. Para Raposo (1987) os traços de Agr dentro da categoria Infl permitem que o infinitivo flexionado seja capaz de atribuir Caso nominativo para o NP/DP sujeito da oração infinitiva.

Caso é uma categoria gramatical que torna possível a identificação das funções sintáticas dos sintagmas determinantes (SDs) presentes nas sentenças. Toda a língua apresenta Caso abstrato (Cf. VERGNAUD, 2008 [1977])., ainda que esse não seja morfológicamente realizado.

Há uma diferenciação entre Caso morfológico e Caso abstrato. No morfológico, os Casos manifestam-se através de morfemas; no abstrato, os Casos são marcados de forma mais

abstrata, através de recursos como a ordenação dos DPs nas sentenças. Os casos abstratos são o nominativo, o acusativo e o oblíquo.²

A diferença entre línguas como o Latim e línguas como o Português é assim uma função, não da existência vs. Não existência de Casos, mas sim da realização morfológica vs. Não realização morfológica do Caso abstrato atribuído aos DPs (em ambas as línguas) na componente sintática da gramática. (RAPOSO, 1992, p.350)

Os elementos que atribuem Caso abstrato são núcleos lexicais [-N] (Verbos e preposição) e o núcleo funcional I finito - trata-se da flexão I^o, núcleo da projeção de IP, do inglês *Inflectional Phrase*. Os constituintes que recebem os Casos são os DPs (do inglês *Determiner Phrase*). Os Casos atribuídos são: nominativo – atribuído à posição de especificador de IP; acusativo: atribuído à posição de complemento de V^o; oblíquo: atribuído à posição de complemento de P^o (Cf. CHOMSKY, 1986; RAPOSO, 1992; PREMINGER, 2015).

O princípio que regula a atribuição de Caso é o filtro de Caso, que diz que todo DP pronunciado em uma sentença tem de receber Caso (Cf. CHOMSKY, 1986). Apenas uma posição na cadeia de DP necessita receber Caso, dessa forma, o Filtro do Caso foi necessário para dirigir o movimento de NP. Há, também, a generalização de Burzio (1986) - postulada no momento em que na teoria vigorava a ideia de que o verbo atribuíria Caso acusativo estrutural para o seu objeto, enquanto I^o ou T^o atribuíria Caso nominativo estrutural para o elemento em seu especificador - que afirma que um verbo, cujo falta um argumento externo, não consegue atribuir Caso acusativo (Cf. HAEGMAN, 1984; MINUSSI, 2008).

Além dos contextos de atribuição canônica de Caso, já apresentados, há contextos de marcação excepcional de Caso (ECM, do inglês *Exceptional Case Marking*), que se diferenciam dessa marcação canônica de Caso por envolver um núcleo que atribui Caso a argumentos de outro núcleo.

- (9) a) O João deixou-[as sair de casa].
- b) James believes [him to be a fool].
- c) It is ilegal [_{CP} for [_{IP} him to pass that law]].
- d) Maria fez palhaçada [para mim rir].

² Sobre uma discussão de Caso estrutural, Caso inerente, Caso abstrato e Caso morfológico, dentro da perspectiva da Morfologia Distribuída, ver Minussi (2008).

Nas sentenças em (9) *a* e *b* o sujeito da oração subordinada infinitiva recebe Caso acusativo do verbo da oração principal, em vez de receber nominativo do verbo da oração encaixada e em *c* o sujeito da oração subordinada recebe Caso oblíquo da preposição **for**, uma vez que o infinitivo do inglês não é capaz de atribuir caso para o argumento do verbo da oração encaixada (“to pass”) (RAPOSO, 1992). Nesses casos, a atribuição de Caso se dá por um elemento que se encontra fora da oração infinitiva. Por causa de sua excepcionalidade na Gramática Universal e do pequeno grupo de verbos que a manifestam nas línguas, esse tipo de marcação de Caso recebe o nome de ECM (PREMINGER, 2015).

Em (9) *d*, a atribuição de Caso envolve a preposição como núcleo atribuidor e o DP preenchido pelo pronome como receptor. O pronome “mim” mostra, por meio da sua morfologia, que há a atribuição de Caso oblíquo por meio da preposição e não a atribuição de nominativo (com uma morfologia expressa pela primeira pessoa “eu”), caracterizando uma ECM. O pronome “mim”, argumento externo de *rir*, recebe Caso, por um núcleo, a preposição “para”, da qual não é argumento.

Há, na Teoria da Gramática Gerativa, a categoria Infl, que apresenta traço [+Agr], mas não possui marcas temporais (RAPOSO, 1992; 1987). As orações de infinitivo flexionado admitem sujeitos fonéticos. A atribuição de Caso ocorre em configuração canônica e excepcional sob regência. A marcação canônica de Caso ocorre devido aos núcleos marcarem seu complemento ou seu especificador. A preposição atribui Caso oblíquo ao seu complemento. O DP marcado por oblíquo vem imediatamente à direita da preposição, na posição de complemento. O verbo atribui Caso acusativo, o DP marcado por acusativo aparece à direita do verbo, na posição de complemento. O núcleo I° atribui Caso nominativo ao seu especificador.

Raposo (1987, p. 87) explica que as sentenças com infinitivo flexionado no português europeu são iguais as sentenças finitas pela presença do sujeito lexical, mas apenas ocorrem encaixadas (não são independentes) e não se admite o complementizador *que*.

(10) Será difícil [eles aprovarem a proposta.]

*Será difícil [eles aprovar a proposta.]

(11) *Eles aprovarem a proposta.

*Será difícil [que eles aprovarem a proposta.]

Para Raposo o infinitivo flexionado surge por meio do Parâmetro *Infl* e o Parâmetro do Sujeito Nulo. O Parâmetro *Infl* apresenta que os verbos podem ter valores [+Tempo]/[-Tempo] e [+Agr]/[-Agr]. No português europeu o parâmetro é positivo, permitindo a escolha de [+Tempo]/[-Tempo] em um *Infl*, e o infinitivo flexionado seria [-Tempo] [+Agr].

Os Casos oblíquo e acusativo são atribuídos à direita, enquanto o Caso nominativo é atribuído à esquerda. Na maioria das vezes o nominativo pressupõe movimento, mas o oblíquo e o acusativo não. O DP marcado por nominativo é movido para posição de especificador de IP.

A atribuição de Caso em uma oração infinitiva é possível porque, na ausência de [+Tempo], *Infl* atribui Caso nominativo a um sujeito lexical, uma vez que o infinitivo é dotado de propriedades como número, pessoa e gênero.

A tese de McFadden (2004), que se localiza dentro do arcabouço teórico da Morfologia Distribuída (Cf. HALLE e MARANTZ, 1993, MARANTZ 1997), se posiciona contra uma indistinção de Caso estrutural e Caso abstrato, reafirmando que Caso morfológico não é *spell-out* direto dos traços de Caso abstrato. Acredita-se, desta forma, que Caso morfológico ocorre por meio de operações pós-sintáticas que acontecem no caminho para PF, depois do *spell-out* sintático.

Após as mudanças do modelo teórico, passaremos agora a Teoria do Caso dentro do Minimalismo na Gramática Gerativa.

No Minimalismo o conceito de Caso abstrato é mantido, mas as propriedades formais da derivação sintática foram repensadas e modificadas. O Caso é como um traço dos DPs que precisa ser checado e não precisa ser atribuído (Cf. CHOMSKY, 1998); o Filtro do Caso é uma das restrições perdidas no Minimalismo. Os traços de Caso dos DPs e núcleos funcionais – e também os traços de EPP – são o que agora desencadeiam e restringem o movimento.

Foi proposto, então, no Programa Minimalista a checagem de Caso, que é expressa pela operação *Agree*. A operação *Agree* foi explicada em Chomsky (1998) da seguinte maneira: uma sonda com traços Φ não-interpretáveis checa seus traços com um alvo que possui traços Φ interpretáveis. Antes do *spell-out* sintático, os traços não-interpretáveis da sonda e o traço não interpretável de Caso do alvo são apagados.

A operação *Agree* foi novamente modificada em CHOMSKY, 2001. Os traços não-interpretáveis passam para a derivação sem ter valor especificado, enquanto os traços

interpretáveis passam com a especificação do valor. Dessa forma, os traços não-interpretáveis possuem valor α e os traços interpretáveis possuem um valor positivo (+). Os traços +interpretáveis são especificados no léxico e os traços -interpretáveis conseguem valoração no curso da derivação por meio de *Agree* (Cf. HORNSTEIN, NUNES e GROHMANN, 2005; MINUSSI, 2008).

Alguns autores apontam em seus estudos que *Agree* é compartilhamento de traços (Cf. FRAMPTON e GUTMANN, 2000), ou seja, traços interpretáveis e não-interpretáveis se combinam, se unem e se tornam um único traço compartilhado (*merger*) e, então, há valoração dos traços. A sonda e o alvo têm traços a compartilhar; o *Agree* não é de mão única. O compartilhamento também diz respeito a não apagamento de traços. Se *Agree* é compartilhamento de traços, então Caso não pertence à sintaxe, pois assim é atribuído pelo compartilhamento de traços (Cf. MODESTO, 2011).

No presente trabalho, utilizaremos a Teoria do Caso para analisar os contextos em que há atribuição canônica ou excepcional dos dados do *corpus*.

3.2. O infinitivo flexionado na teoria de Princípios e Parâmetros

Nesta seção apresentaremos trabalhos anteriores sobre o fenômeno destacado, observando a relação entre o infinitivo flexionado e os parâmetros do português. Há duas posições em relação à (in)dependência da flexão infinitiva em relação ao parâmetro *Infl*: (i) autores que afirmam que IF depende do parâmetro (Cf. RAPOSO, 1987) e (ii) autores que defendem que AGR é gerado fora de *Infl* (Cf. GALVES, 1991).

3.2.1 O Parâmetro *Infl* e o Parâmetro do Sujeito Nulo

Segundo Raposo (1987), morfologicamente, o infinitivo flexionado no PE é formado pela adição do morfema -r e um marcador de concordância (como *em*, *des*, entre outros), cuja morfologia é a mesma não importa qual classe de conjugação o verbo em particular pertença (RAPOSO, 1987, p.86). Sintaticamente, as sentenças com infinitivo flexionado (IF) são como as sentenças finitas devido à presença de sujeito lexical, mas, ao contrário delas, apenas ocorrem encaixadas, ou seja, não são independentes, e nelas não se admite o complementizador *que.*, como podemos observar em (12):

(12) *Os meninos saírem da loja.

A Maria viu os meninos saírem da loja.

(13) O João gostaria que a Maria comprasse o livro.

*O João gostaria que a Maria comprar o livro.

(14) Vai ser difícil eles aprovarem a proposta.

Vai ser difícil que eles aprovem a proposta.

*Vai ser difícil que eles aprovarem a proposta.

Raposo apresenta as situações no PE em que ocorre infinitivo flexionado, licenciando um sujeito lexical. São elas:

- i) Complementos infinitivos [+Agr] ocorrem como orações subordinadas subjetivas em posição extraposta: o infinitivo [+Agr] opõe-se a infinitivo [-Agr] (*Vai ser difícil eles aprovarem a proposta*);
- ii) Infinitivos [+Agr] podem ocorrer em orações subcategorizadas por predicados matrizes epistêmicos (pensar), declarativos (afirmar), factivos (lamentar); não podem, porém, ocorrer em complementos subcategorizados por predicados volitivos (desejar) (*Eu penso os deputados terem trabalhado pouco*);
- iii) O verbo infinitivo que incorpora a flexão pessoal deve preceder o sujeito lexical com predicados matrizes epistêmicos e declarativos; essa restrição não se aplica, no entanto, aos verbos factivos (*Eu detesto as pessoas usarem os outros*);
- iv) Complementos infinitivos [+Agr] ocorrem em orações adjuntas introduzidas por preposição (*Eu entrei em casa sem os meninos verem*);
- v) Complementos infinitivos [+Agr] não podem ocorrer como orações encaixadas interrogativas, como orações encaixadas relativas, ou em construções com operador nulo em C°; nesse contexto só cabem orações infinitivas com infinitivo [-Agr].

Raposo aponta três questões que nos parecem importantes sobre o IF: quais os parâmetros da GU que tornam o IF possível no PE?; quais são suas propriedades básicas?; qual princípio da GU que determina essas propriedades?. O autor adota a Teoria X-barras para a sua análise do IF e a Teoria do Caso para explicar as propriedades das sentenças com IF.

Para o autor, o IF decorre da interação de um parâmetro morfológico - Parâmetro *Infl* e um parâmetro sintático - Parâmetro do Sujeito Nulo.

De acordo com o Parâmetro *Infl*, os verbos podem ter valores $[\pm\text{Tempo}]$, $[\pm\text{AGR}]$. O autor apresenta que em PE o parâmetro é positivo, logo existe a escolha livre de $[\pm\text{Tempo}]$ em um *Infl*, assim, o IF seria $[-T][+\text{Agr}]$.

Por sua vez, para solucionar a atribuição de Caso, o estudioso vale-se da Teoria de Caso, afirmando que "na ausência de $[\text{+T}]$, Infl (ou Agr em Infl) é capaz de atribuir Caso nominativo para o sujeito lexical se ele for especificado para Caso" (p.92), pois, Agr carrega propriedades nominais como número, pessoa e, em algumas línguas, gênero (traços-phi). Porém, Agr pode ou não ser especificado para Caso de acordo com o Parâmetro do Sujeito Nulo. Em línguas de sujeito nulo, Agr pode atribuir Caso. Dada estas considerações, o autor apresenta o IF no PE da seguinte forma: NP $[-\text{Tempo}] [\text{+Agr}]$.

Raposo (apud FIGUEIREDO SILVA, 1996) ressalta que há um subconjunto das construções que admitem o IF, a saber: os sujeitos proposicionais, as frases adjuntas introduzidas por preposição, os complementos dos verbos factivos e dos verbos volitivos.

Quanto à atribuição de Caso, o núcleo de concordância do infinitivo está em condições de atribuir um Caso a seu sujeito somente se ele mesmo recebe Caso. A impossibilidade de uma frase infinitiva em um contexto onde não há disponível nenhum Caso, por exemplo, como complemento de um adjetivo ou de uma preposição é obrigatória.

Na maioria das línguas, existe uma relação bastante estreita entre os valores de $[\text{Tense}]$ e $[\text{Agr}]$: a escolha $[\text{+Tense}]$ implica a de $[\text{+Agr}]$; inversamente, se os traços de concordância são representados em Infl, a opção $[\text{+Tense}]$ é a única possível. O chinês parece poder escolher o valor $[\text{+Tense}]$ independentemente da presença de $[\text{Agr}]$; inversamente, o português parece poder representar a Concordância seja em estrutura finita $[\text{+Tense}]$, seja em estrutura infinitiva $[-\text{Tense}]$.

Somente uma língua com sujeito nulo terá o traço de Caso no núcleo $[\text{Agr}]$ de sua flexão e, conseqüentemente, estará em condições de atribuí-lo ao sujeito do verbo infinitivo. Para Raposo (apud FIGUEIREDO SILVA, 1996), os verbos que admitem o IF em sua complementação são os verbos atribuidores de Caso.

No capítulo sobre o Parâmetro do Sujeito Nulo, falaremos também sobre a posição do sujeito nas frases infinitas e abordaremos alguns questionamentos, dentre eles, como se dá

a atribuição de Caso tanto para a frase infinitiva, que está numa posição de argumento, quanto para o sujeito lexicalmente realizado nesse contexto?.

3.2.2 *Contra a abordagem do Parâmetro Infl e AUX-para-COMP*

O trabalho de Galves em 1993 aborda o enfraquecimento da concordância no PB. A partir de trabalhos anteriores, como Tarallo (1983), foi possível observar que as mudanças aparecem em dois grandes aspectos da sintaxe da língua: o sistema pronominal e a ordem das palavras.

Galves retoma o trabalho de Tarallo, sob uma perspectiva chomskiana, evidenciando que no século XIX se implementou uma mudança gramatical no Brasil: a existência de fenômenos que a gramática anterior não podia gerar e onde se dá essa mudança. Galves levanta questionamentos, como: Qual é o parâmetro fixado diferentemente pelas crianças brasileiras na aquisição de língua no século XX?

Na segunda metade do século XIX há uma tendência ao maior preenchimento pronominal da posição sujeito e ao menor preenchimento pronominal da posição objeto; há menos sujeitos nulos e mais objetos nulos.

Tempo	1725	1775	1825	1880	1981
Sujeito	23,3%	26,6%	16,4%	32,7%	79,4%
Objeto	89,2%	96,2%	83,7%	60,2%	18,2%

Tabela 4: Evolução da retenção pronominal em posição sujeito e objeto em cinco períodos de tempo
(TARALLO, 1983)

O preenchimento da posição por um pronome atinge em posição de sujeito valores próximos daqueles que se constataavam em posição de objeto no século XVIII e na primeira metade do século XIX, e vice-versa. Há, então, uma mudança qualitativa de gramática e não apenas uma variação quantitativa produzida dentro de uma mesma gramática. Há uma diferença entre o primeiro e o último ano: no século XVIII há uma porcentagem maior de objeto preenchido enquanto no século XX a prevalência é de sujeito preenchido.

Sabe-se que a natureza do objeto nulo varia de uma língua para outra. O objeto nulo tem um comportamento diferente no PE e no PB. No PE, a ocorrência é limitada a certas estruturas, enquanto no PB a ocorrência do objeto nulo parece praticamente irrestrita.

No PE, o sujeito trata-se de um elemento de mesma natureza do que os vestígios de movimento de elementos-QU, que são fortemente submetidos a restrições de localidade. No PB trata-se de um pronome nulo, livre para co-referir com um elemento do contexto linguístico ou extralinguístico.

Cyrino (1990) aponta para a existência, já nessa época, de objetos nulos que só podem ser gerados por uma gramática que permite pronomes nulos em posição de objeto. O objeto nulo, num contexto onde um vestígio de movimento-QU é impossível, aparece nos *corpora* pela primeira vez na segunda metade do século XIX.

Há, no mesmo momento, o aparecimento de outro fenômeno, o pronome tônico em posição de objeto, cujo aparecimento é retratado na tabela 2:

Século	Clítico	Tônico
1ª met. Séc. XVIII	100%	0%
1ª met. Séc. XIX	100%	0%
2ª met. Séc. XIX	91,3%	8,6%
1ª met. Séc. XX	81,6%	18,3%
2ª met. Séc. XX	47, 3%	52,6%

Tabela 5: Preenchimento da posição do objeto por pronomes (CYRINO, 1990)

O aumento do objeto nulo, a ampliação dos contextos em que este aparece, e o surgimento do pronome tônico em posição de objeto se articulam também à diminuição da frequência dos clíticos e à alteração na sua colocação na oração. Isso constitui um conjunto de fenômenos intimamente relacionados, que apontam para uma reorganização do sistema pronominal na língua.

O trabalho de Berlinck (1989) retrata o decréscimo da ordem VS nas frases afirmativas do século XVIII ao século XX:

Século XVIII	42%
Século XIX	31%
Século XX	21%

Tabela 6: Frequência da ordem VC (BERLINCK, 1989)

A ordem VS passa a ser condicionada, em primeiro lugar, pelo tipo de verbo, enquanto esse era o último fator importante para o condicionamento no século XVIII. A ordem VS continua a existir na língua, mas a sua significação gramatical muda: até o século XVIII, a sintaxe oferece essa opção, que é escolhida na base da organização informacional da sentença. A partir do século XIX, a ordem VS passa a depender das propriedades lexicais dos verbos.

No século XIX há outro aspecto a ser observado, segundo Galves, que é a diminuição da frequência da concordância em estruturas com *se*. Nunes (1990) analisa essa evolução, observando que o *se* tende a ser interpretado como indeterminador e não mais como apassivador. Nunes baseou-se em estudos mostrando a possibilidade da interpretação indeterminada do sujeito nulo sem a presença do pronome *se* no PB (KATO e TARALLO, 1986; GALVES, 1987).

Já em relação aos clíticos, Galves ressalta que o estudo diacrônico contribui para interpretação das ocorrências de clíticos. A mudança gramatical também é visível na distribuição dos clíticos. Não é só no PB que há uma mudança de clíticos no século XIX, mas também no PE. O que ocorre no PB, no século XIX, é o aumento da ênclise. O PB moderno é mais proclítico, o que mostra uma contradição, que pode ser atribuída à forte pressão da norma portuguesa na escrita, mesmo na escrita informal.

Os dados de Cyrino (1990), extraídos de peças de teatro, apresentam na segunda metade do século XIX o imperativo com próclise, início da tendência à próclise sistemática com infinitivo flexionado. A emergência da próclise ao verbo principal (não flexionado) nas locuções verbais aparece muito claramente nos dados de Cyrino.

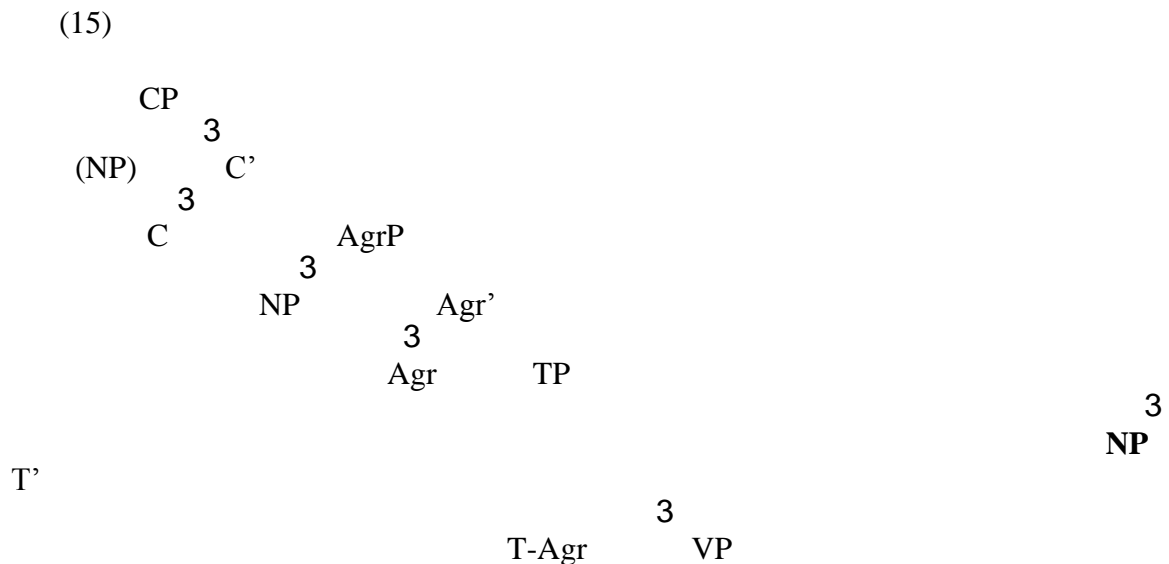
A consequência fundamental dos postulados da teoria de Princípios e Parâmetros para os estudos diacrônicos, segundo Galves, é que o conjunto de fenômenos atestando uma mudança deve ser explicado por uma só causa profunda. Galves (1991) considera o elemento de concordância da flexão do PB “fraco”. A concordância é fraca quando não contém pessoa, ou contém pessoa como um traço puramente sintático. Isso corresponde a uma concordância fraca morfológica e semanticamente.

Os dois componentes da flexão – Tempo (T) e Concordância (Agr) são dois núcleos independentes na estrutura profunda, que se afixam no decorrer da derivação e Agr domina T. No final da derivação, a flexão tem como núcleo a concordância (Agr). Galves propõe que um

morfema de concordância fraco não é gerado debaixo de um núcleo independente, mas como um afixo de T.

Há evidências de que um núcleo Agr, independente da realização morfológica, que domina o sintagma temporal de sujeito suplementar exista no PB, o que explica os diversos fenômenos de língua orientada para o tópico.

O enfraquecimento da flexão tem como efeito uma reorganização da oração, em que o sujeito se encontra numa posição mais baixa do que numa língua de concordância forte, como em (15).



O verbo encontra em T todos os elementos flexionais e não tem razão para subir à Agr, assim o sujeito recebe o nominativo na posição de especificador de T. O especificador de Agr pode ser o lugar de geração de outro sintagma nominal interpretado como sujeito, cujo predicado é a oração que contém um pronome correferente a ele.

Em seu trabalho sobre o infinitivo flexionado e a legitimação de AGR, Galves retoma Raposo (1987) e apresenta a proposta do pesquisador sobre as sentenças de IF em PE. V-AGR ocorre em uma posição para qual algum Caso possa ser atribuído e, dessa forma, “na ausência de [+Tempo], Infl (ou AGR em Infl) é capaz de atribuir Caso nominativo a um sujeito lexical se ele mesmo for especificado para Caso.” (Raposo, 1987, p. 92 *apud* Galves, 1993, p. 181).

Verbos factivos e epistêmicos não legitimam o AGR encaixado. Para verbos epistêmicos e declarativos, a única posição disponível, segundo Raposo, para o verbo flexionado no complemento infinitivo é a posição de pré-sujeito, ocupada por verbos auxiliares.

Galves retoma que para Raposo (1987) verbos factivos e preposições selecionam complementos [+N], seleção essa que é satisfeita por AGR em Infl e por sua projeção IP. Agr, assim, pode receber Caso fora de seu domínio, já que esse é o núcleo do complemento do verbo principal ou da preposição. Em sentenças com sujeito extraposto, a oração em que o sujeito ocorre também é IP, seu AGR recebe o Caso por co-indexação com Infl da matriz.

A flexão infinitiva pode ocorrer com verbos factivos e epistêmicos, mas não com verbos volitivos, como em (16) e (17):

(16) *Eu desejava os deputados terem trabalhado mais.

(17) *Eu desejava terem os deputados trabalhado mais.

Segundo Raposo, o complemento selecionado por essa classe de verbos é CP, contudo o seu Comp é [-N], ele não pode abrigar AGR.

O trabalho de Galves propõe uma modificação à análise de Raposo na forma como AGR é legitimado em orações de IF em PE. A autora propõe que AGR é legitimado apenas por Tempo e por P, mas não por V.

Na análise de Galves (2001), há uma substituição do Parâmetro *Infl* de Raposo e há a asserção de que os complementos infinitivos flexionados encaixados são sempre CPs. A autora apresenta os pressupostos da análise de Raposo (1987), mostrando que a atribuição de Caso para AGR por verbos factivos e epistêmicos depende de certos pressupostos, que para Galves são problemáticos.

Os verbos que admitem IF em seus complementos atribuem Caso, mas esse pressuposto é questionável. A autora ressalta que muitos verbos epistêmicos exigem um objeto PP em PE, como em (18):

(18) a. Não acredito *(n)esta história.

b. Eu penso *(n)esta pessoa.

O estudo ainda destaca que esses verbos não admitem miniorações adjetivas ou nominais, o que é possível observar em (19):

(19) a. *Acredito a Maria doente.

b. *Penso o João um imbecil.

Um verbo passivo não admite um complemento IF, mas o trabalho de Raposo (1988 *apud* Galves, 2001) apresenta uma sentença contrária a postulação anterior:

(20) Foi lamentado pelo professor os meninos terem roubado o livro.

Galves observa que nos complementos de verbos epistêmicos e declarativos, em Raposo (1987), AGR tem de ser alçado a Comp para receber seu Caso, mas somente os auxiliares passam por esse alçamento.

O fenômeno AUX-para-COMP existe em línguas em que não há IF, como o italiano. Há, então, uma razão para esse alçamento. A presença obrigatória de um auxiliar de tempo ou um modal está relacionada à presença de Tempo em Comp, segundo Raposo.

Se a diferença entre o italiano e o português fosse a realização não explícita de AGR, o infinitivo pessoal deveria ocorrer – no italiano- em outros contextos. Opondo-se ao português, as estruturas AUX-para-COMP no italiano só legitimam *pro* expletivo. Galves retoma exemplos de Cinque (1990) para exemplificar o contraste entre línguas:

(21) *Maria li ha aiutati benché ritenessimo non essere *pro* disposta a farlo.

Maria os ajudou apesar de pensarmos não estar *pro* disposta a fazê-lo.

(22) Ritenevamo non essere *pro* necessário partire immediatamente.

Pensávamos não ser *pro* necessário partir imediatamente.

A autora aponta que para Cinque (1990) esse contraste prova que “a construção AUX-para-COMP (diferentemente da construção comum com Tempo) não contém AGR com traços nominais de número, pessoa ou gênero, capaz de tornar a interpretação pessoal possível [...]” (CINQUE, 1990, p. 78 *apud* Galves, 2001, p. 184).

Galves propõe que AUX-para-COMP se relaciona mais à presença de Tempo em Comp do que à natureza de AGR e que é o Tempo que atribui o Caso nominativo sob regência ao sujeito (Cf. Roberts, 1993). AGR, contudo, é responsável pela identificação do sujeito referencial de *pro*.

A natureza do parâmetro que rege a possibilidade da ocorrência do IF em uma determinada língua é discutida pela autora. Para Galves, o infinitivo flexionado tem a peculiaridade de ser independente do valor de Tempo em *Infl*, então sua existência pode ser explicada se seu elemento AGR fosse gerado fora do domínio de Infl. A posição que há na sentença para isso é Comp. Em PE, há a extração de sujeitos da posição pré-verbal. A presença de AGR em Comp não é consequência da presença de uma palavra QU em Spec/CP, mas um primitivo da gramática da língua portuguesa, que corresponde a uma escolha paramétrica para a posição de AGR na sentença. Para Galves, o infinitivo flexionado não depende do Parâmetro *Infl*, como proposto por Raposo (1987). A autora diz que a flexão infinitiva é dependente de AGR.

Em sentenças raízes, quando Comp não possui outros traços, V-AGR é alçado para AGR, deixando o clítico em AGR. O sujeito também é alçado para seu Spec/CP e recebe Caso nominativo sob concordância com AGR. Quando em contextos de Comp com seus traços próprios, AGR deixa de ser o núcleo de Comp e não pode atribuir Caso nominativo ao especificador de CP. A possibilidade de V-Agr continuar dentro de AgrP é com a produção de uma próclise.

A proposta da autora defende que não é mais necessário fazer uma distinção entre IP e CP e não há necessidade do Parâmetro *Infl* para as orações de IF. AGR (em Infl) deve ser nulo quando Tempo for [-Finito]. Percebe-se que AGR em contextos infinitivos é AGR gerado em Comp. Para Galves, AGR em sentenças infinitivas só pode ser legitimado sob regência de um operador temporal (Tempo [+Finito]) ou por P. Se considerarmos que P pode desempenhar o papel de categoria funcional em muitas línguas, sendo gerado em Infl ou em Comp, a flexão infinitiva deixa de ser exceção em relação à legitimação de AGR em sentenças com Tempo.

AGR em Comp está no domínio de Tempo da oração matriz. O caráter nominal de um complemento factivo pode ser expresso pelo fato de que o único traço selecionado em seu Comp é [+N]. AGR pode satisfazer a seleção [+N] e é o núcleo de C, por isso o sujeito pode receber Caso nominativo em seu Spec/CP, produzindo a ordem Sujeito V-AGR. Se o sujeito permanecer em Spec/IP, irá produzir a ordem V-AGR *Sujeito*.

Os complementos dos verbos epistêmicos não são regidos por um Tempo mais alto, pois são irmãos de V. A autora retoma que Tempo em Comp pode ser lexicalizado pelo alçamento de AUX, e o sujeito pode receber o Caso nominativo em Spec/IP. Dessa maneira, a

legitimação de AGR ocorre por um operador temporal, o auxiliar e o que atribui Caso é Tempo e não AGR. Assim, o fenômeno *AUX-para-Comp* é igual em PE e em línguas sem IF. Contudo, Tempo em Comp em PE tem traços de concordância capazes de identificar referencialmente um *pro* em posição de sujeito. Predicados volitivos têm a propriedade lexical de não aceitarem complementos sentenciais nominais. AGR é excluído de seu complementizador e não há possibilidade de IF. Galves apresenta a não realização de IF em sentenças interrogativas indiretas, como em (23):

(23) *Não sei quem convidarmos.

A agramaticalidade de (23) para Galves ocorre porque AGR em Comp não está no domínio do Tempo mais alto, pois é regido pelo verbo da matriz. *AUX-para-Comp* também é bloqueado em (24):

(24) *Não sei quem termos convidado.

E (24) nenhum operador temporal é permitido em Comp nessas estruturas. Essa proibição é atribuída à presença do traço QU selecionado pelo verbo matriz.

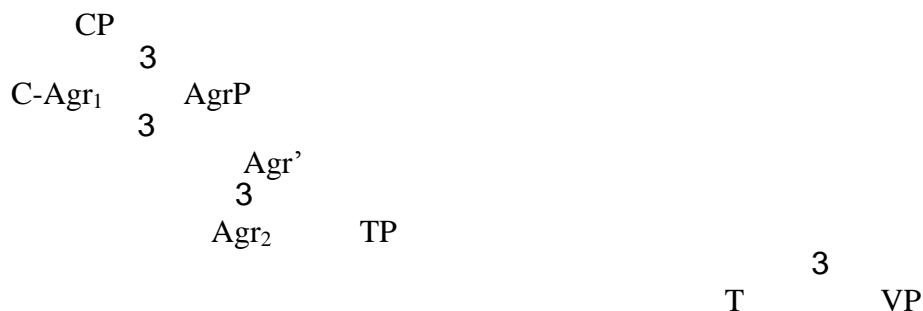
Em sentenças como (25) é possível perceber que há outro contexto que legitima o infinitivo flexionado, quando a oração é introduzida por uma preposição.

(25) Entrei em casa sem os meninos verem.

O trabalho de Galves reforça que V não poderia ser legitimador para AGR, pois não haveria como impedir a atribuição de Caso para o sujeito pelo verbo, na configuração $V[_{IP}NP]$. O núcleo de um sintagma funcional não impede que seu especificador seja regido de fora.

A proposta de Galves é relativa ao engendramento do núcleo de Concordância na frase. Assim, [Agr] em PE pode ser gerado fora do domínio de Infl, no nível CP:

(26)



Essa opção da gramática do PE é responsável não somente pela existência do IF, mas também da distribuição dos clíticos nessa língua: a ênclise nas frases matrizes finitas pode ser analisada como movimento de V+Agr₂ para Agr₁ (possível quando o nível CP não porta nenhum traço de seleção), deixando o clítico em Agr₂. O sujeito ocupará Spec CP, onde receberá o Caso nominativo.

A análise proposta por Raposo (1987) e Galves (1991), apesar de opostas, têm em comum o papel central de C° na legitimação do sujeito lexicalmente realizado em PE, pois cabe a ele a tarefa de atribuir Caso Nominativo a esse sujeito na maior parte das situações examinadas.

No PB, a posição C° não desempenha papel algum na legitimação da posição sujeito das frases infinitivas: é a concordância infinitiva por sua flexão número-pessoal que lhe atribui Caso Nominativo. A frase com IF é analisada como uma proposição independente (Cf. FIGUEIREDO SILVA, 1996).

No capítulo sobre o sujeito, buscaremos responder mais algumas questões, dentre as quais, como o PB distingue as construções de controle das construções livres.

3.1.3 Semelhanças e diferenças entre orações finitas e infinitivas

O trabalho de Salles apresenta a estabilidade na variação da flexão do infinitivo em português, salientando as propriedades das construções e implicações teóricas. Os infinitivos flexionados no português têm despertado interesse em estudos gramaticais. O infinitivo flexionado constitui um fenômeno gramatical isolado entre as línguas.

Assim como outros autores, Salles também afirma que a flexão do infinitivo propicia a ocorrência de um sujeito lexical em orações infinitivas, o que não ocorre em línguas que não possuem essa categoria gramatical. Tal ocorrência pode ser observada em dados do português e do francês mostrados por Salles.

(27) Maria lamenta os alunos saírem.

(28)*Marie regrette les élèves sortir.

O fato da flexão infinitiva apresentar o sujeito lexical sugere um paralelo distribucional entre orações de infinitivo flexionado e orações finitas, o que pode ser visto em (29), que se opõe ao que é visto em (27).

(29) Maria lamenta que os alunos saiam.

No entanto, há aspectos da sintaxe da flexão infinitiva que não permitem uma comparação com as orações finitas. A oração com infinitivo flexionado não ocorre como oração independente ou como oração raiz e se restringe a contextos em que há subordinação.

É possível identificar um contraste morfológico entre a forma verbal finita e a flexão infinitiva, pois a forma verbal finita codifica as categorias de modo, tempo, pessoa e número, cumulativamente; a flexão infinitiva codifica apenas pessoa e número. Percebe-se, então, que em português as informações de modo e tempo são de grande importância para a realização das orações do tipo independente/raiz. Essas categorias são dispensáveis em contextos de subordinação, segundo a autora, mostrando que é possível que elas sejam compartilhadas anaforicamente com a oração matriz.

Em alguns contextos de subordinação a oração finita não pode ser substituída pela oração com infinitivo flexionado, como se pode ver em (30) e (31):

(30) Maria quer que os alunos saiam.

(31) *Maria quer os alunos saírem.

A agramaticalidade de (31) pode se dar porque existe alguma incompatibilidade entre as propriedades dos verbos volitivos, bloqueando a realização da oração infinitiva com sujeito lexical na posição de complemento. Essa restrição não se mantém se houver correferencialidade entre o sujeito da oração matriz e o sujeito da oração subordinada.

Em línguas como o inglês, por exemplo, podemos identificar o elemento “to” precedendo o infinitivo, é um elemento morfossintático realizando a categoria funcional de T (tempo) na projeção da oração.

Salles aponta nesse estudo que o estatuto oracional do predicado pressupõe a presença sintática do sujeito. A autora assume que a posição de sujeito da oração infinitiva é realizada por uma categoria pronominal nula, pertencente ao contexto sintático de produção, que será referida como PRO.

O trabalho de Salles concentra-se em um aspecto particular da sintaxe de orações de flexão infinitiva, que é a possibilidade de alternância com o infinitivo não flexionado, como em construções com verbos perceptivos e causativos.

As construções com verbos perceptivos e causativos no português apresentam uma diversidade de realizações morfossintáticas em que se destacam, além dos argumentos e a ordem dos termos do predicado subordinado, contrastes sintático-semânticos entre verbos perceptivos e causativos.

O estudo de Salles busca examinar o uso variável da flexão infinitiva, salientando que essa variação se mantém estável na diacronia do português, conforme se depreende da referência ao fenômeno nas gramáticas históricas.

A autora considera a perspectiva diacrônica em seu trabalho e o fato de que a variação permanece estável no contraste entre o PE e o PB atuais. Por meio do quadro teórico gerativista, destacando o Programa Minimalista, Salles demonstra que a estabilidade da variação se deve ao fato de que cada forma variante ocorre em uma configuração sintática específica.

Há a perda e enfraquecimento da flexão na configuração em que a relação sintática, que licencia o sintagma na posição de sujeito, é marcada no nível morfofonológico. O estudo ressalta que essa situação é diferenciada da que a variação está associada a diferentes configurações estruturais.

Salles ainda diz que coexistência das formas flexionadas e não-flexionadas gera implicações para o entendimento do papel dos processos morfológicos/flexionais na mudança linguística. A autora ainda apresenta outros estudos que tratam da variação flexão infinitiva (PERINI, 1977).

Segundo Salles (2006), há evidências da existência de duas configurações para construções com verbos perceptivos e causativos diante das características inovadoras da gramática do PB. A estabilidade da variação entre o infinitivo flexionado e não flexionado em construções com verbos perceptivos e causativos gera um embate entre PB e PE., o que é visto em (32) e (33):

(32) a) Maria mandou/fez varrer a casa ao empregado. (PE/*PB)

b) Maria mandou/fez-lhe varrer a casa. (PE/*PB)

(33) a) Maria mandou/fez o empregado varrer a casa (PE/PB)

b) Maria mandou ele varrer a casa. (*PE/PB)

A construção presente apresenta uma situação de ambiguidade: o constituinte ‘o empregado’ pode ser realizado no domínio sintático do predicado causativo, no domínio sintático do predicado subordinado, correspondendo à construção com infinitivo não-flexionado e flexionado.

A análise proposta não exclui a possibilidade de que a perda da marca fonológica de flexão infinitiva esteja associada a uma única configuração.

3.1.4 A flexão infinitiva, Agr e verbos de controle

Em trabalhos como Modesto (2011), é possível observar os infinitivos flexionados, dados do PB, e a teoria do controle por movimento dentro do Programa Minimalista. Por meio do trabalho de Modesto podemos analisar os dados do corpus do presente estudo e entender qual é o tipo de controle de infinitivos nos séculos XVIII, XIX e XX.

Modesto retoma o trabalho de Raposo (1987) para expor a teoria do Caso. As orações subjetivas infinitivas recebem Caso do Infl do verbo matriz; as adjuntas recebem Caso da preposição; as orações completivas de predicados epistêmicos recebem Caso do verbo matriz por movimento de Infl para Comp; os complementos factivos podem ter um IP como complemento. Nesses contextos descritos por Raposo (1987), os sujeitos podem ser lexicais ou pronominais nulos.

No desenvolvimento da teoria de Regência e Ligação, entendeu-se que IF teria um *pro* ou sujeito lexical, mas os infinitivos não flexionados admitem um PRO. Dessa maneira, segundo Modesto (2011), as construções com infinitivo flexionado não são consideradas como construções de controle obrigatório “em que o sujeito da oração infinitiva é PRO”. Contudo há uma inadequação nessa premissa, pois há infinitivo flexionado de forma opcional em PE e em PB em construções de controle obrigatório por objeto.

Modesto apresenta, então, que nenhum dos contextos presentes em Raposo (1987), em que o infinitivo flexionado licencia um sujeito lexical em PE, também ocorre em PB:

(34) *Eu acredito os deputados terem trabalhado pouco.

E também não licencia um pronome nulo com referência definida.

(35) *Ele acredita termos trabalhado pouco.

O autor evoca diversos trabalhos para reiterar que esse fenômeno não é inusitado, haja vista que mesmo em verbos finitos, no PB, não são licenciados sujeitos nulos referenciais. O autor ainda observa as construções em PB e mostra em quais contextos a flexão infinitiva é obrigatória ou não (MODESTO, 2011, pp. 9 – 10):

a) Obrigatória:

- 1– Oração com sujeito lexical (orações subjetivas e adjuntas; complementos de predicados factivos, causativos e de percepção);
- 2– Complementos de predicados preposicionais e desiderativos; complementos controlados por objeto com leitura de controle parcial.

b) Opcional:

- 1– Orações finais e outros adjuntos oracionais sem sujeito lexical, controladas por sujeito, com leitura exaustiva ou parcial;
- 2– Complementos controlados por objeto com leitura exaustiva;
- 3– Complementos de predicados proposicionais com leitura exaustiva;
- 4– Complementos oracionais de nomes.

c) Impossível:

- 1- Complementos de predicados desiderativos controlados por sujeito com leitura exaustiva;
- 2- Complementos de predicados interrogativos, modais, aspectuais e implicativos;
- 3- Complementos de alçamento.

Modesto afirma, dessa maneira que a flexão infinitiva não pode ser baseada somente na atribuição de Caso nominativo pela sua flexão, nem por alternância de *pro* e PRO, porque a flexão “não licencia sujeitos pronominais nulos referenciais” em verbos finitos ou infinitivos.

As primeiras seções deste capítulo apresentaram o desenvolvimento de trabalhos anteriores sobre o IF na perspectiva gerativista, mostrando os contextos para o surgimento da flexão infinitiva no PE e no PB. O infinitivo flexionado na teoria gerativa é analisado também por meio de Caso. O desenvolvimento da teoria do Caso, desde a teoria de Princípios e Parâmetros até o Programa Minimalista, corrobora para a análise do infinitivo, como poderemos ver na próxima seção.

Pires (2006) aponta que os infinitivos podem ser não-finitos ou flexionados em número e pessoa. Há uma diferença entre o paradigma da flexão infinitiva no PE e no PB, no PB o paradigma é estabelecido da seguinte maneira:

PESSOAS	SINGULAR	PLURAL
1 ^a	(Eu) Fala-r	(Nós) Fala-r-mos
2 ^a	(Você) Fala-r	(Vocês) Fala-r-em
3 ^a	(Ele) Fala-r	(Eles) Fala-r-em

Tabela 7: flexão do infinitivo de Pires (2006)

O trabalho de Hornstein (1999) contribui para o desenvolvimento do trabalho de Pires (2006) para explicar a diferença entre controle obrigatório e controle não-obrigatório. Nos testes de Perini (2006) é possível observar essas diferenças.

i) Necessidade de um antecedente local para c-comandar:

a - (PE) [Os pais do Paulo]_j_k lamentam PRO_j^{*}_k chegar tarde.

[Os nossos_j pais] lamentam pro_j chegarmos tarde.

b – (PB) [Nossos_j amigos]_k detestam PRO_j_k perder as coisas deles.

[Nossos_j amigos] detestam *pro*_j perdermos as coisas deles.

ii) Leitura “sloppy” de elipses:

a- (PE) O Paulo_j lamenta PRO_j_k^{*} ter perdido e a Silvia também. (= Silvia lamenta ter perdido).

O Paulo_j lamenta *pro*_k termos perdido e a Silvia também. (= lamenta nós termos perdido)

b- (PB) O Pedro_j aceita PRO_j_k^{*} votar todas as propostas hoje e a Ana também. (=Ana aceita votar todas as propostas hoje)

O Pedro_j aceita *pro*_k votarmos todas as propostas hoje e a Ana também. (=Ana aceita que nós votemos todas as propostas hoje).

iii) Impossibilidade de ter antecedente cindido:

a- (PE e PB) Eu_j convenci a $Maria_k$ $PRO_k/*_j+k$ a viajar com o Paulo.

b- Eu_j convenci a $Maria_k$ pro_{j+k} a viajarmos com o Paulo.

De acordo com Pires (2006), Hornstein (1999) usava essas propriedades para reforçar que o controle é resultante do movimento de DP. Por meio dos textos acima descritos, concluiu-se que o infinitivo flexionado apresenta um comportamento de controle obrigatório (CO) e seus sujeitos são resultados do movimento de DP. No que diz respeito ao IF, o comportamento apresentado foi de controle não-obrigatório e, por conseguinte, o sujeito é um DP lexical ou uma categoria vazia *pro*. O estudioso observa que essa diferença está no T dos dois infinitivos, pois o T do infinitivo não flexionado não pode checar os traços de Caso do DP que está na posição de sujeito da oração encaixada, sendo assim, este DP se move para checar traço com o T da oração matriz. A análise de checagem de traços que o autor propõe está pautada no Programa Minimalista de Chomsky (2000, 2001).

Nos infinitivos não flexionados em que o controle é obrigatório, o DP ocupa a posição de sujeito da oração infinitiva, porém, uma vez que não pode checar Caso nesta posição, segue para a oração matriz a fim de checar seu Caso. Isso explica a relação anafórica entre os sujeitos. Nas orações com IF, há um T com um conjunto completo de traços- ϕ que pode checar o Caso do DP e não precisa se mover para a sentença matriz (DP lexical ou *pro*). No caso dos infinitivos não flexionados, o autor mostra que a abordagem de movimento-A pode ser aplicada a vários tipos de controle.

Há casos em que a sentença matriz não funciona como um domínio de ligação para anafóra/pronome na sentença encaixada, visto que a correferência é marginalmente aceita. Assim, a possibilidade de correferência do pronome da oração encaixada com o DP sujeito da sentença matriz não é aceita por todos os falantes, mas este fenômeno não é muito explorado pelo autor: [O Pedro e o Paulo]_j vão esperar eles_{j/k} vender(em) o carro. (PB coloquial).

Pires chama de PB coloquial aquele que se caracteriza pela perda das marcas de concordância no IF e a perda do sujeito nulo, mas ainda possibilita um sujeito pré-verbal nas infinitivas. Para explicar a perda da marca de concordância no IF, o autor apresenta dois fatores: primeiro, houve uma mudança no sistema pronominal – a nova 2SG/PL “você/s” que pede uma forma verbal de 3PS/PL e a “gente”, que ocupa o lugar do pronome de 1PL, o qual

pede a forma verbal de 3PS para fazer sua concordância: 1 SG (eu) falar; 2/3 (você/ele/ela) falar; 1 PL (nós) falarmos; 1 PL a gente falar; 2/3 (vocês/eles/elas) falarem. Segundo, houve uma redução geral na flexão verbal brasileira, o efeito deste fenômeno é a perda da morfologia flexional no IF que o tornou idêntico ao infinitivo impessoal. O estudioso ainda afirma que só há diferença entre o infinitivo não flexionado e o IF na variedade padrão do PB (1PL e 3PL), mas que no PB coloquial a marcação de número/pessoa é cada vez menos usada.

Esse fenômeno no IF do PB não padrão não parece fazê-lo perder sua capacidade de licenciar sujeito declarado, ou seja, a perda morfológica da concordância não o transforma em infinitivo não flexionado. Soma-se a isso, a impossibilidade de um pronome oblíquo ou acusativo como sujeito do infinitivo indicando que não corresponde a um exemplo de Marcação Excepcional de Caso (ECM) que licenciaria um clítico de Caso acusativo. Assim, a falta da concordância não resulta na obrigatoriedade do controle.

Capítulo 4 - O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO E SUA MARCAÇÃO NO PB

Com o desenvolvimento da Gramática Gerativa, Chomsky (1981) apresenta a Teoria de Princípios e Parâmetros, partindo da ideia de que a Gramática Universal (GU) é formada por princípios gerais que atuam nos diferentes módulos em que a gramática é composta. Os princípios compreendem as características comuns presentes em todas as línguas naturais; a variação entre as línguas pode ser explicada pela noção de parâmetro. Os princípios são regras universais, enquanto os parâmetros são escolhas que as línguas fazem dentro dos princípios. Parâmetros são mais específicos, sua marcação varia de língua e é marcada durante a aquisição de língua e sua valoração é definida ao final desse processo. A fixação de um parâmetro se dá por meio do *input*.

A partir da ideia de que parâmetros são conjuntos de propriedades do sistema gramatical, que têm seu valor fixado por meio da informação positiva, ou seja não há dados negativos ou agramaticais, do *input*, explicaremos o Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN).

4.1 O desenvolvimento do PSN na Teoria de Princípios e Parâmetros

A Teoria de Princípios e Parâmetros foi gerada considerando que cada língua possui um conjunto de características particulares, específicas, que são os parâmetros. Esses parâmetros são desdobramentos dos princípios universais, que podem ser marcados positiva ou negativamente. Cada língua forma uma combinação única de marcações paramétricas.

Os estudos gerativos sobre PSN se baseiam em Chomsky (1981), na divisão que autor fez entre Princípios e Parâmetros. Os parâmetros são responsáveis pelas diferenças nas línguas existentes no mundo; a marcação positiva ou negativa do parâmetro é a diferença primitiva entre sistemas gramaticais de uma língua, quando comparada a outra.

O Parâmetro do Sujeito Nulo está associado ao Princípio de Projeção Estendida (EPP). Este princípio enuncia que toda sentença, em qualquer língua, tem sujeito. Apesar de toda sentença apresentar um sujeito, em determinadas línguas, o sujeito será pronunciado sempre, já em outras línguas isso não é obrigatório.

Sujeito nulo é o nome dado aos sujeitos pronominais que não são pronunciados. Eles recebem esse nome porque, segundo a Teoria, considera-se que a posição sintática onde

deveria estar o sujeito não está vazia, mas ocupada por um elemento foneticamente nulo, uma categoria vazia.

Quando se fala em sujeito nulo, remete-se à categoria vazia *pro*, uma categoria pronominal não realizada lexicalmente. Para Chomsky (1981), os DPs sem matriz fonética possuem tipologia semelhante à dos DPs lexicais:

- + anafórico/ - pronominal = vestígios de DPs
- - anafórico/ + pronominal = *pro*
- - anafórico/ - pronominal = vestígios de Wh
- + anafórico/+pronominal = PRO

4.2 Línguas de sujeito nulo e línguas de sujeito não nulo

Algumas línguas, como o PE e o italiano, licenciam o apagamento do sujeito e marcam o PSN positivamente, ou seja, são [+*pro drop*], outras línguas, como o inglês, marcam esse parâmetro negativamente [-*pro drop*], ou seja, o sujeito é uma categoria que necessita de material fonético.

No exemplo em (36), é possível perceber que em inglês há a obrigatoriedade de um pronome pessoal para preceder a posição de sujeito nas duas sentenças, diferente do PE, em que há uma preferência por deixar o sujeito nulo:

(36) a) I like Orange juice, but I prefer water.

b) *Like Orange juice, but prefer water.

c) _{pro} gosto de suco de laranja, mas _{pro} prefiro água. (PE)

A possibilidade de ocorrência de sujeito nulo em uma determinada língua foi denominado PSN por Chomsky (1981). Assim, podemos dividir as línguas em dois grupos: i) línguas que permitem a não realização fonética do sujeito, que marcam o PSN positivamente; e ii) línguas que exigem a realização do sujeito, que seriam marcadas de forma negativa a respeito do PSN. As línguas que marcam o PSN positivamente são denominadas “*pro-drop*”, termo do inglês “pronominal dropping”, que significa “queda do pronome”.

As línguas que marcam valor positivo para esse parâmetro apresentam, também, a inversão livre do sujeito e a ausência do efeito “that-t” (em línguas de sujeito não nulo, como

inglês, a extração de um complementador de uma subordinada não pode ocorrer quando o “that” está na sentença). Em línguas de sujeito nulo, a extração do “that” é permitida.

A propriedade de o sujeito ser foneticamente realizado está relacionada com a riqueza flexional de determinada língua. Ao comparar o paradigma verbal do inglês e do italiano, é possível ver que o italiano apresenta uma forma verbal para cada pessoa, enquanto o inglês não, e isso seria o motivo de o italiano ser uma língua de sujeito nulo.

Há alguns aspectos que outorgam a não realização fonética do sujeito. Acreditava-se que esse parâmetro estava relacionado à morfologia do paradigma verbal. Dessa maneira, línguas como o italiano, que trazem seis oposições de número e pessoa no paradigma flexional do verbo, licenciariam o sujeito nulo, identificado por meio da desinência. Entretanto, estudos como os de Huang (1984) mostraram que o chinês, por exemplo, exibe um paradigma verbal uniforme, mas permite o apagamento e a identificação do sujeito.

Assim, Huang (1989) observa que o sujeito nulo é licenciado pela uniformidade morfológica dos paradigmas verbais. A categoria de sujeito não é realizada foneticamente em línguas que apresentam paradigma flexional com formas compostas apenas pelo radical do verbo ou línguas que têm paradigma flexional apresenta desinências de tempo, modo, número e pessoa (Cf. MARINS, 2009).

Em Roberts (1993) há uma nova proposta para o sujeito nulo: um paradigma morfológicamente igual deixa de ser condição para o licenciamento do sujeito nulo. Se um paradigma apresentar um número limitado de oposições, ele poderá licenciar um sujeito nulo, pode haver sincretismo entre formas que indiquem mais de uma pessoa gramatical.

Algumas línguas como o PE, o espanhol e o italiano identificam seus sujeitos por meio da flexão verbal, isso ocorre porque essas línguas apresentam um paradigma flexional diversificado, cada pessoa do singular e do plural possui uma flexão verbal específica. Esse tipo de sujeito nulo identificável pela flexão verbal é aquele que tem a categoria vazia *pro*.

Há, também, outra variedade de línguas de sujeito nulo. Como não possuem um vasto paradigma flexional, não é possível identificar o sujeito pela flexão verbal; o chinês é um exemplo dessas línguas. O que licencia o sujeito, então, é o contexto. Esses nulos são chamados de categorias vazias do tipo variável.

Chomsky (1981, p. 240) traz alguns exemplos em (36)³ de sujeito nulo do italiano:

(36) I. Sujeito pronominal nulo:

a) _____{CV}⁴ He trovato il libro.

b) I found the book.

Tradução: Eu encontrei o livro.

II. Inversão “livre” de sentenças simples:

a) L’há mangiato Giovanni.

b) Giovanni ate it.

Tradução: Giovanni comeu isso.

III. Movimento longo de *qu*-sujeito:

a) L’uomo_i [che_i mi domando [chi_____j abbia visto]]

b) The man x such [that I wonder [who he saw]]

Tradução: O homem que eu me pergunto quem ele teria visto.

IV. Pronomes resumptivos vazios em orações encaixadas:

a) Ecco la **ragazza**_i [che_i mi domando [chi crede [che_____j possa SV]]]

b) This is the girl [who I wonder that [who thinks [that she may SV]]]

Tradução: Eis a moça que eu me pergunto quem acredita que ela tenha...

V. Aparente violação do filtro [that-t] (“that-trace”/“que-vestígio”)

a) Chi_i credi [che _____j partirá]

b) Who do you think [(that) will leave]

Tradução: Quem você acredita que vai embora

É possível observar que há no inglês, por exemplo, características opostas às características do italiano, como em (36). As sentenças do inglês precisam apresentar um sujeito foneticamente realizado para não serem agramaticais. Chomsky (1981) aponta que em línguas prototipicamente [+pro drop] o sujeito nulo não é obrigatório, é um caso “default”.

³ Os exemplos presentes na letra (a) são do italiano, enquanto os que aparecem na letra (b) são do inglês.

⁴ CV é categoria vazia, do inglês *empty category*.

Uma característica das línguas de sujeito nulo é o fato de permitirem uma maior liberdade no arranjo dos constituintes. A ordem SVO é derivada por movimento – A⁵ do sujeito para spec-IP, para satisfazer a verificação de Caso e traços Φ , já os expletivos nulos preenchem a mesma posição nas ordens com inversão VSO e VOS. Assim, spec-IP está obrigatoriamente projetado na estrutura frasal e se define como a posição dos sujeitos sintáticos, lexicais ou nulos, referenciais e expletivos (Cf. DUARTE, 1987).

Duarte (1987) aponta que “tópico não marcado” são os sujeitos pré-verbais em spec-IP e “tópico marcado” são os sujeitos em uma posição externa a IP, como adjunção IP ou CP. O sujeito pré-verbal em IP não é interpretado como tópico marcado.

4.3 O status do PSN no português brasileiro

Se estabelecermos uma comparação paramétrica entre o PB e o PE, o parâmetro relevante para observação seria o PSN, contendo as seguintes variações: i) é preciso haver um preenchimento com material fonético de todos os sujeitos pronominais das sentenças; ii) em dadas condições especiais, o sujeito pode ser deixado nulo, sem preenchimento fonético. Enquanto o inglês, como mostrado anteriormente, se encaixa no primeiro caso, com sentenças como “It rains”; “I went to the mall”; o PE se enquadra no segundo caso: “Chove”; “Fui ao shopping”, pois as sentenças podem não apresentar o preenchimento da posição de sujeito.

Alguns estudos como Duarte (1995) e Kato e Negrão (2000), mostram que há uma preferência pelo preenchimento do sujeito no PB. Partindo de uma língua estritamente de sujeito nulo, o PE, o PB caminha hoje para uma marcação paramétrica parcial em relação ao PSN.

Duarte (1993) investigou a presença do sujeito em peças teatrais populares de 1845 a 1992 e verificou uma redução progressiva na utilização de sujeitos nulos – nas primeiras peças havia um total de 75% de sujeitos nulos, enquanto nos últimos anos, apenas 26% de sujeito nulo. De acordo com o estudo, o aumento da utilização de sujeitos plenos ocorre devido à impossibilidade de se identificar os nulos pelas flexões verbais, pois já era possível notar uma redução do paradigma flexional do PB. As taxas de sujeito nulo encontradas no PB não são tão baixas como em línguas de sujeito pleno, mas fica claro que o PB tem um *status*

⁵ Esse é um movimento para uma posição argumental.

diferente do PE. Há, no entanto, duas hipóteses para o licenciamento desses sujeitos nulos no PB.

4.3.1 As hipóteses para o licenciamento dos nulos no PB

Segundo Duarte (1995), há poucos nulos no PB. Para a autora, a língua estaria caminhando para ter apenas sujeitos plenos, como o inglês, e a presença de nulos na língua ocorre devido a um contato da gramática atual com a antiga. Para a pesquisadora, a utilização de nulos se deve também ao processo de escolarização, pois há uma transmissão da concepção de que o uso de pronomes plenos em vários contextos é inadequado. Duarte defende que os nulos ainda existentes no PB ocorrem apenas em situações restritas e são identificados por uma categoria vazia que tende a desaparecer.

Em oposição à hipótese de Duarte, temos Figueiredo Silva (1996) que considera que os nulos do PB não são como os do PE. Esses nulos estão presentes porque a estrutura da língua permite sua identificação por meio de outros mecanismos que não as flexões, como ocorre no chinês. O contexto das sentenças seria o identificador e licenciaria os nulos, que ocorreriam em maior quantidade e em contextos menos restritos do que na hipótese de Duarte.

Para Figueiredo Silva (1996), o PB é uma língua de sujeito nulo, mas seu mecanismo de identificação teria se modificado. A gramática da língua, segundo a autora, não está em processo de mudança, mas é, na verdade, uma gramática estável de línguas desse tipo.

O PB já passou por uma mudança paramétrica, não necessariamente no PSN, mas com os mecanismos de licenciamento de nulos, que deixaram de ser ligados às flexões e passaram a integrar-se com a informação fornecida pelo contexto.

4.4 O PSN na sincronia do português brasileiro

No PB, o PSN tem sido amplamente estudados, salientamos aqui Tarallo (1983). Duarte (1993; 1995) e Gravina (2008) dentro do quadro gerativista⁶. O PB, por ter sofrido mudança paramétrica, estaria caminhando para se tornar uma língua não-pro-drop. Uma das principais evidências para isso seria o fato de o paradigma verbal do PB ter reduzido o seu número de flexões e a sensível diminuição da ordem VS.

⁶ Outros trabalhos podem ser destacados, como Figueiredo Silva (1996), Novaes (1996), Modesto (2004), Marins (2009)

O uso de “você” e “a gente” como pronomes pessoais, aliado a perda da 2ª pessoa do paradigma verbal do PB, ocasionou três paradigmas. O primeiro apresenta quatro posições (eu lavo; ele/você/a gente lava; nós lavamos; eles/vocês lavam); o segundo com três posições (eu lavo; ele/você/ a gente lava; eles/vocês lavam); o terceiro aparece com duas posições apenas (eu lavo; ele/você/a gente/eles/vocês lava).

A passagem do PB de língua *pro-drop* para uma língua com restrições de SN aponta para uma diferença paramétrica em relação ao PE. No entanto, não se pode dizer que o PB é, então, uma língua de sujeito nulo, pois o PB ainda apresenta certa quantia de sujeitos nulos (DUARTE, 1995).

Para Figueiredo Silva (1996), a presença de sujeitos nulos não está relacionada com a concordância verbal (riqueza flexional), mas com a presença de um antecedente na sentença. O uso de sujeito nulo no PB não está ligado ao licenciamento, mas a identificação.

As diferenças entre o sujeito nulo e o sujeito não-nulo não referencial são apontadas por Figueiredo Silva (1996): os sujeitos nulos não referenciais são sujeitos não argumentais e “*quase*-argumentais”, como representados abaixo:

- (37) a) Parece que o João assou por aqui.
- b) *Isso/ele parece que o João passou por aqui.
- c) Choveu a noite inteira.
- d) *Isso/ele choveu a noite inteira.

Os exemplos acima indicam que esses sujeitos podem ser realizados por um pronome lexical no PB. Em relação às propriedades a respeito dos sujeitos nulos referenciais, Figueiredo Silva afirma que há outras restrições à sua presença em certos contextos:

- (38)a) Comprei um carro ontem.
- b) * A Maria disse que comprei um carro muito caro.
- c) Eu, a Maria disse que comprei um carro muito caro.

Os dados em (28c) mostram que no PB os sujeitos nulos podem ter um tópico antecedente. Esse tópico não tem de estar presente no contexto linguístico imediato quando o sujeito nulo está em oração matriz, mas quando está em uma oração encaixada sim. A relação entre o sujeito nulo de uma oração encaixada e o tópico é bloqueada por elementos-QU.

Para Figueiredo Silva (1996), ainda há sujeitos nulos obrigatórios no PB, os não referenciais. Contudo, como os sujeitos nulos referenciais não são pronomes nulos (*pro*), mas outros tipos de categorias vazias, não são interpretados pela morfologia verbal, precisam de algum antecedente.

Estudos como os de Figueiredo Silva (2000) e Rodrigues (2004), indicam que os sujeitos nulos no PB são ambientes sintáticos de realizações específicas, que não contemplam categorias vazias com um pronome nulo *pro*. As categorias vazias encontradas são vestígios de movimento, logo, são variáveis ou anáforas.

O sujeito nulo referencial, segundo Figueiredo Silva (2000), se classifica em dois tipos: anafórico e variável, dependendo da posição A ou A-barra de seu antecessor. O sujeito nulo de uma oração encaixada será sempre co-referente ao sujeito de uma oração mais alta ou um tópico.

Rodrigues (2004) afirma que um dos fatores de o PB não se enquadrar como língua *pro-drop* é o fato de não respeitar o princípio “evite pronome” (categorias vazias têm preferência sobre o pronome pleno). Por causa disso, há no PB sentenças com ambiguidade na interpretação, o que pode ser observado em (29):

(39) O João₁ disse ele_{1/2} vendeu o carro.

Além do princípio “evite pronome”, não são observados, no PB, efeitos do princípio de Montalbetti (presente em línguas de sujeito nulo, impedindo que um pronome lexical seja localmente ligado por uma variável, se um pronome é nulo nessa posição). Podemos observar que em (39) não é possível saber quem realmente vendeu o carro, o João ou outra pessoa.

Figueiredo Silva (2000) considera a existência de sujeitos nulos no PB em orações matrizes, se ocorrerem de forma anafórica. Em interrogativas, o PB atual, segundo a autora, apresenta pronomes plenos.

O PB, apesar de algumas restrições, é entendido como uma língua cuja posição sujeito não deve ser obrigatoriamente preenchida por um pronome lexical; mas trabalhos em linguística estatística (Cf. FIGUEIREDO SILVA, 1994) indicam que há no PB uma tendência de utilizar pronomes lexicais na posição sujeito.

O PB se apresenta de maneira diferente de línguas de sujeito nulo. Duarte (1995) aborda que no PB o preenchimento da posição de sujeito na sentença ocorre de forma ampla. O PB também não apresenta mais a inversão “livre”, o que pode ser observado pela

preferência da ordem SVO. Kato e Duarte (2005) trazem em seu estudo que o PB rejeita, na maioria das vezes, o verbo em primeira posição, mesmo com pronome nulo referencial ou um expletivo nulo. Há também uma preferência por pronomes resumptivos em orações encaixadas (Cf. MARINS, 2009).

A realização do sujeito nulo no PB não é obrigatória, contudo é possível notar que há uma preferência pelo preenchimento da posição de sujeito, por sua realização fonética. Em línguas que marcam positivamente o PSN, o Princípio “Evite Pronome”, que corrobora no apagamento do sujeito, é dominante. Sentenças com sujeito nulo são amplamente aceitas e gramaticais no PB, mostrando que o PB perdeu o princípio “Evite Pronome”, marcando negativamente o PSN.

Pesquisas recentes apontam que há parâmetro parcial, micro e macro parâmetro (SHEEHAN, 2010) e que o PB apresenta, então, um parâmetro parcial para Sujeito Nulo. Essa discussão é importante para o presente trabalho para observação dos sujeitos presentes no *corpus*.

O sujeito nulo de uma frase encaixada finita pode ser co-referencial, seja com o sujeito da frase matriz, seja com um tópico lexicalmente realizado, mas não pode ser livre. Os sujeitos nulos infinitivos parecem respeitar as mesmas restrições que os sujeitos das frases finitas.

A análise de Figueiredo Silva (1996) sugere que o PB é uma língua com sujeito nulo parcial, utilizando-se de estratégias específicas para identificar os sujeitos nulos quando interpretados referencialmente. O PB está distante das línguas *pro-drop* românicas, mas também difere das línguas não *pro-drop*, como o francês, admitindo posições de sujeito não preenchidas lexicalmente.

Em frases encaixadas do PB, o sujeito nulo pode ser interpretado como co-referencial ao sujeito da frase imediatamente mais alta na árvore ou como co-referente a um tópico (lexicalizado ou pertencente ao discurso imediatamente precedente).

A categoria vazia *pro*, [+pronominal, - anafórica], deve ser submetida a duas exigências diferentes (RIZZI, 1986; *apud* FIGUEIREDO SILVA, 1996) ; *pro* deve ser:

- a) Formalmente legitimado (isto é, ele deve estar em relação com uma categoria de nível zero, X⁰, sendo X⁰ membro da classe de legitimadores em questão);

- b) Identificado em seu conteúdo (isto é, ele deve receber referência do conjunto de traços do X} com o qual está co-indexado).

De acordo com Figueiredo Silva (1996), *pro* existe no PB, contudo a falta do traço de pessoa na morfologia verbal tornou impossível, fora de contexto, um sujeito nulo com interpretação definida. Em contextos apropriados, ainda é possível encontrar sujeitos nulos em PB com interpretação referencial. Apesar do enfraquecimento de AGR no PB, há o morfema de plural sobre o infinitivo, que o torna flexionado.

Capítulo 5 - A METODOLOGIA PARA SELEÇÃO DO CORPUS: AS TRADIÇÕES DISCURSIVAS E AS CARTAS DOS SÉCULOS XVIII, XIX E XX

Este capítulo irá abordar o modelo usado para a seleção do *corpus* do trabalho, que é o modelo de Tradições discursivas (TD). Assim, partiremos dos níveis da linguagem propostos por Coseriu até a análise do modelo de junção, pois o modelo de TD foi utilizado para seleção do *corpus* do presente trabalho, como descreveremos nesse capítulo.

A partir do modelo de Tradições Discursivas, pudemos estabelecer critérios de seleção dos textos, pois conseguimos selecionar textos nos quais poderíamos encontrar i) tipos de verbos que admitem flexão; ii) tipos de verbos que acompanham o infinitivo flexionado, iii) traço [+humano]/[-humano] e, em destaque, iv) a narratividade dos textos, pois esta é fundamental em textos em que há flexão infinitiva.

Iniciaremos o capítulo explicando o conceito de tradições discursivas (KABATEK, 2006), além de explicitar os fundamentos do modelo que nos ajudaram na seleção dos textos. Também veremos um exemplo de uma análise de junção por meio do conceito de TD e, então, apresentaremos o *corpus* utilizado no presente trabalho.

A noção de TD tem conquistado notoriedade dentro dos estudos linguísticos, especialmente na última década, especialmente em estudos de linguística histórica. De acordo com Öesterreicher (1997) e Kabatek (2005), a seleção de textos (*corpus*) baseada na distinção de TD é fundamental para pesquisa em variação e mudança, pois a temática, as finalidades comunicativas do escrevente e as condições gerais do texto, as TD predispõem o uso, a frequência e a distribuição de determinadas construções linguísticas, de modo que é possível prever que certas TD devem constituir espaços propícios à variação e à mudança, enquanto outras TD são refreadoras.

5.1 O modelo de Tradições discursivas e a seleção de corpus

Coseriu (1979) conceitua a linguagem como fruto de uma capacidade adquirida geneticamente pelo homem. Há uma distinção coseriana entre três níveis do falar: o nível universal do falar em geral – o falar em geral, comum a todos os seres humanos, prévio a toda distinção de línguas -, o segundo nível é o histórico, o nível das línguas históricas, línguas em

particular, e o terceiro nível – individual – é o nível dos atos linguísticos, dos atos de fala, que um falante pode produzir de maneira falada ou escrita.

Nível	Domínio	Tipo de Norma	Tipo de regra
Universal	Competência linguística		Regras da linguagem
Histórico	Língua Particular	Normas linguísticas	Regras da língua
Individual/atual	Discurso		

Tabela 8: Divisão de Coseriu sobre os níveis da linguagem

Cada nível da linguagem é baseado em saberes específicos: o saber falar em geral é um *saber elocucional*, o saber expressar-se em língua específica é um *saber idiomático* e o saber elaborar textos adequados a determinadas situações é o *saber expressivo*.

Há uma distinção proposta por Coseriu (1979) entre sistema, norma e fala. A fala é responsável por atos linguísticos do momento de produção; a norma é responsável pela repetição de modelos anteriores no falar concreto; o sistema é a oposição funcional, tradição constante, elemento comum em todo o falar.

“O sistema é um sistema de possibilidades, de coordenadas que indicam caminhos abertos e caminhos fechados: pode ser considerado como conjunto de “imposições”, mas também, e talvez melhor, como conjunto de liberdades, pois que admite infinitas realizações e só exige que não se afetem mais as condições funcionais do instrumento linguístico: mais que “imperativa”, sua índole é consultiva. [...] O que, na realidade, se impõe ao indivíduo, limitando sua liberdade expressiva e comprimindo as possibilidades oferecidas pelo sistema dentro do marco fixado pelas realizações obrigadas, é a norma. A norma é, com efeito, um sistema de realizações obrigadas, de imposições sociais e culturais, e varia segundo a comunidade.” (1979, pp. 74, 75)

Para Coseriu, independentemente da língua, do sistema - com estrutura, gramática e léxico específicos – existem tradições textuais definidas. A tradição textual não corresponde necessariamente à tradição linguística – base do que tem sido proposto pela Linguística Histórica de feição pragmática. Existe uma história dos textos independente da história da língua.

O conceito de Tradições discursivas (TD) parte da definição desses níveis de Coseriu, pois foi possível perceber que os textos podem decorrer de suas próprias tradições - independentes de idiomas particulares – seguindo formas fixas.

Durante o século XX, os estudos linguísticos deram origem a diferentes correntes de análise da textualidade; os estudos combinavam diferentes aspectos da linguística variacional e da pragmática. Ao longo da década de 1980, surgiram novos estudos com aspectos de linguística variacional e pragmática. O trabalho de Brigitte Schlieben-Lange propôs uma “pragmática histórica”, relacionando uma discussão sobre oralidade e escrituralidade, baseado numa visão histórica – fundamento para o estudo de TD.

Os estudos sobre a oralidade e o processo de escrituralização nas línguas românicas de Peter Koch (1997) e Wulf Oesterreicher (1997) chegaram ao conceito de TD. Coseriu havia proposto três níveis da linguagem: o universal, o histórico e o individual. Koch (1997) propôs uma nova subdivisão ao nível histórico, baseado nos estudos de Brigitte Schlieben-Lange (1975) e nos níveis de Coseriu, percebeu a necessidade de relacionar oralidade com escrituralidade à uma visão histórica, então, desenvolveu o nível histórico, acrescentando as tradições discursivas (Cf. KEWITZ & SIMÕES, 2009):

Nível	Domínio	Tipo de Norma	Tipo de regra
Universal	Competência linguística	Regras da linguagem	
Histórico	Língua particular	Normas linguísticas	Regras da língua
Histórico	Tradição discursiva	Normas discursivas	Regras discursivas
Individual/atual	Discurso		

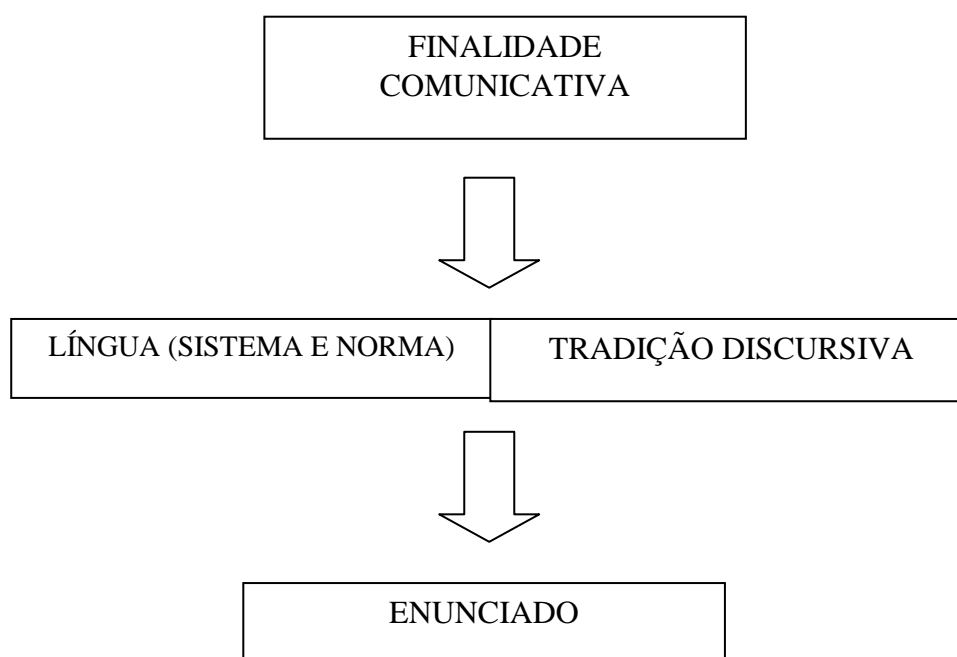
Tabela 9: Divisão de Koch (1997) sobre os níveis da linguagem

Kabatek (2006) propõe que o conceito de TD seja visto como um modelo de análise linguística que vai além dos níveis propostos por Coseriu, definindo, assim, o conceito de TD:

Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados. (KABATEK, 2006, p. 512)

Comumente se fala que TD é um gênero textual, contudo há conceitos como repetição, evocação, atualização e tradição que são específicos do estudo das TD; mesmo que um gênero textual esteja restrito a uma única língua em particular, haverá microestruturas que serão evocações de outras TD. O objetivo é não só observar a composicionalidade dos textos, como se faz em outras correntes da Linguística Textual, como analisar de que maneira a norma de uma língua particular é afetada por causa das transposições, atualizações ou permanências de TD, gerando uma mudança linguística. A TD é mais que um enunciado; é um ato linguístico que relaciona texto com uma realidade, uma situação, e ainda com outros textos da mesma tradição. Uma TD não é somente uma forma textual repetida; é também uma forma textual ou uma combinação particular de elementos.

O esquema abaixo ilustra bem esse modelo (Kabatek 2006: 508), em que se tem uma finalidade comunicativa qualquer, a qual deve passar por pelo menos dois filtros, o da própria língua com suas normas fonológicas, sintáticas etc. e o filtro das tradições discursivas, que em certa medida modelará as normas da língua, para assim se chegar ao texto/enunciado:



Segundo Kabatek (2006), o conceito de TD tem alguns traços fundamentais que as definem como material composicional dos gêneros textuais, isto é, a inovação e a repetição, que permite o estabelecimento de uma relação com outros textos em um determinado momento da história. Assim, os estudos de TD apontam que os gêneros são constituídos de

remissões, evocações, tradições, muitas vezes fáceis de serem reconhecidas, às vezes nem tanto.

Assim, uma das aplicações do estudo das TD é o vínculo com a Linguística Histórica, que nos permite observar com mais atenção a evolução de uma determinada língua e seus processos de mudança linguística. Inúmeras vezes, pensa-se que a evolução de uma língua é um processo unilinear e que o objetivo do historiador da língua é a reconstrução dessa espécie de “diacronia ideal”.

O estudo de Simões (2007) aborda a discursivização das orações de gerúndio a partir do século XVIII. Para sua tese, Simões (2007) utilizou o i) gerúndio como núcleo de uma predicação secundária (dependente), ii) como gerúndio adverbial dependente; iii) Gerúndio ambíguo; dentre outros, e o iv) gerúndio como núcleo de uma predicação primária (independente), como gerúndio adverbial independente; gerúndio em nominalizações; dentre outros. Há uma redução relevante de alguns gerúndios (dependentes e independentes) no decorrer dos séculos. Por meio desse trabalho, observa-se que há um aumento das perífrases com gerúndio no uso do português brasileiro, provocando uma nova tradição discursiva com essas perífrases de orações gerundivas.

Em seu trabalho, Longhin (2014, pp. 43, 44) traz um exemplo de aplicação do modelo de junção, um modelo desenvolvido dentro do modelo de tradições discursivas que propõe um cruzamento do eixo da arquitetura sintática com o eixo de graus de combinação, em um texto do *corpus* Iboruna. Em negrito estão as construções de junção oracional e o símbolo Ø compreende as paratáticas justapostas.

Longhin-Thomazi e Rodrigues (2013) desenvolveram em seu trabalho um mapeamento dos esquemas de junção das cartas de aldeamento de índios. Há, nessas cartas, um alto índice de construções causais e finais, em que predominam os arranjos hipotáticos. Essas construções funcionam como estratégias de defesa e legitimação, que resultam da finalidade das cartas, pois os escreventes justificavam para seus superiores – em hierarquia social ou religiosa – os diversos fatos da administração das aldeias (Cf. LONGHIN, 2014, p. 60). Esses dados são importantes para o desenvolvimento de nossa pesquisa, pois mostram o que é possível encontrar em um *corpus* composto de cartas.

O mapeamento dos esquemas de junção nas cartas de Aldeamento de índios (LONGHIN-THOMAZI e RODRIGUES, 2013) mostrou que o modo hipotático era

predominante naquele período. O gráfico 1 apresenta dois pontos mais elevados, caracterizando as relações de causa e finalidade.

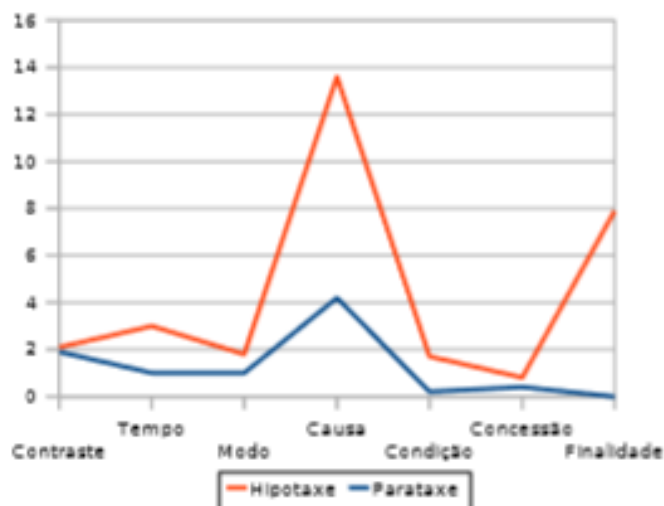


Gráfico 1: Juntograma das cartas de Aldeamento de índios (LONGHIN-THOMAZI e RODRIGUES, 2013, p. 207)

As relações semânticas das cartas de Aldeamento de índios mostram uma finalidade comunicativa. Aqueles que escrevem as cartas precisam descrever e explicar aos seus superiores o que acontece nas aldeias, por isso há um grau de formalidade maior nessas cartas e um grande número de construções causais e finais, que são utilizadas para defesa e legitimação.

Nas relações causais das cartas de aldeamento, os juntores mais utilizados foram *porque* e *como*, além de construções *por+infinitivo* e gerúndio. Em causas de parataxe, que em sua maioria são epistêmicas, o juntor que apresentou maior ocorrência foi o *pois* e construções *e+anafórico*. As construções de finalidade apresentaram perífrases conjuncionais e preposicionais, como *para que*, *a fim de que*, *para o fim de*, *para+infinitivo*.

O mapeamento de cartas de *Aldeamento de índios*, realizado pelos trabalhos de Longhin-Thomazi e Rodrigues (2013), conjunto de cartas que compõe o *corpus* do presente trabalho, mostra que as construções infinitivas nessas cartas são, em sua maioria, precedidas por preposições (*para* e *por*), o que reforça uma característica encontrada na análise dos dados, como veremos no próximo capítulo.

A análise dos juntores nos mostra uma tendência do que é possível encontrar nas cartas do corpus do presente trabalho, mas a análise do modelo de junção não será aplicada neste trabalho.

5.2 O PHPP e o corpus do português paulista dos séculos XVIII, XIX e XX

A proposta de trabalho segue um método que pretende analisar formas e ocorrências do infinitivo do material selecionado como *corpus*; por meio da observação de exemplos do fenômeno linguístico se buscará estabelecer análises embasadas na teoria selecionada. Para o *corpus* desse estudo, utilizou-se os *corpora* do PHPP (Projeto de História do Português Paulista), doravante PHPP.

O Projeto de História do Português Paulista é um subprojeto do PHPB (Projeto de História do Português Brasileiro). O PHPP é definido sob a seguinte perspectiva:

“É um conjunto articulado de subprojetos situados na Área da Linguística Histórica do Português, centrados nos objetivos de (a) coletar, organizar e disponibilizar corpora diacrônicos do Português Paulista, de modo a apoiar pesquisas sobre essa variedade; (b) analisar tais corpora em três eixos: (i) estudo da variação e mudança gramatical, dos ângulos funcionalista – cognitivista e gerativista, com ênfase nas classes de palavras e nas construções sintáticas; (ii) estudo da formação das variedades culta e popular e da difusão da popular na região do Médio Tietê, paralelamente ao traçado sócio histórico do Português Paulista; (iii) estudo de gêneros discursivos e de processos de construção textual, sob as perspectivas crítico-discursiva e textual-interativa. Assim estruturado, o PHPP pretende promover um diálogo entre teorias linguísticas, indispensáveis nas pesquisas contemporâneas da Linguística Histórica, não só para dar conta da complexidade dos fenômenos a serem pesquisados, como também para a complementaridade entre os Subprojetos. Com efeito, contemplam-se aqui as dimensões gramatical, semântica e textual-discursiva como constitutivas das categorias da língua em uso. Justifica-se, desse modo, a abrangência do Projeto que, circunscrito ao Português Paulista, contribuirá para um empreendimento nacional, o Projeto de História do Português Brasileiro (PHPB), ao qual se integra, juntamente com projetos diacrônicos em desenvolvimento em outros onze Estados: Pernambuco, Bahia, Paraíba, Alagoas, Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Norte e Pará. Esse grande projeto nacional surgiu das iniciativas do PHPP, tomadas em 1997.”

O corpus do presente trabalho é constituído por conjuntos de cartas presente nos *corpora* do PHPP. Selecionamos conjuntos de cartas aleatórios para representar cada século. A organização deste material foi feita por integrantes do PHPP, que têm contribuídos sobremaneira para os estudos diacrônicos do PB – com foco no português paulista.

A seleção de cartas se deu de forma aleatória, pois um dos objetivos iniciais era buscar se havia flexão infinitiva nessas cartas representativas do português paulista. Assim, os conjuntos de cartas apresentam alguns documentos em que não há infinitivo flexionado.

Selecionamos 40 cartas de cada século; as cartas apresentam, em média, a mesma extensão – uma média de 2 laudas por epístola. Não foi possível fazer a contagem de palavras em cada carta, pois a transcrição do PHPP privilegia a escrita de cada autor das cartas, mantendo o mesmo espaçamento entre as palavras. Há sentenças escritas com mais de três palavras aglutinadas, o que foi escrito pelo próprio autor de cada carta.

O corpus do século XVIII é composto por cartas de *Aldeamento de Índios* datadas de 1701 a 1750. São 25 cartas que correspondentes à primeira metade do século XVIII. Há, também, 15 cartas de *Correspondências paulistas de circulação pública* que compõe o conjunto de cartas do século XVIII – essas últimas são datadas de 1765 a 1775.

O conjunto de cartas do XVIII selecionado apresenta 381 ocorrências de infinitivo sem flexão. A forma infinitiva está presente em todas as cartas, mostrando um amplo uso da não flexão do infinitivo já no século XVIII. Alguns dos infinitivos encontrados são formas compostas do futuro e também são acompanhados de verbos auxiliares que estão flexionados.

Inicialmente, esse trabalho contemplaria apenas a flexão do infinitivo nos séculos XIX e XX, contudo percebeu-se que era necessário buscar informações no século anterior para melhor compreensão do fenômeno estudado. Dos séculos destacados neste trabalho, o século XVIII é o que apresenta um maior número de ocorrências de infinitivo flexionado. Há 55 ocorrências de infinitivo flexionado nas cartas do século XVIII.

A flexão que aparece no século XVIII é sempre no plural: são nove ocorrências em primeira pessoa e quarenta e seis ocorrências em terceira pessoa.

Das 25 cartas da primeira metade do século, oito não apresentam ocorrências de infinitivo flexionado, mas todas apresentam infinitivo sem flexão. São 52 ocorrências de flexão do infinitivo presentes na primeira metade do século XVIII.

Das 15 cartas que representam o restante do século, doze não apresentam flexão do infinitivo contra três que apresentam a flexão. A flexão do infinitivo se concentra na primeira metade do século.

O corpus representativo do século XIX é composto por dezenove cartas do arquivo *Cartas paulistas da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* de 1801 a 1822, uma carta de

Aldeamento de índios de 1809 e vinte cartas do *arquivo Correspondência Passiva de Washington Luiz* de 1897 a 1900.

As cartas do século XIX apresentam 583 formas infinitivas não flexionadas e 49 ocorrências de flexão infinitiva. Todas as cartas presentes no corpus deste século apresentam formas infinitivas.

Nas cartas do século XIX há quarenta e nove ocorrências de infinitivo flexionado, o segundo século que mais apresenta flexão do infinitivo nesse estudo. A concentração dessas ocorrências também é no início do século (como no século XVIII).

As Cartas paulistas da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e a carta de *Aldeamento de índios* contemplam trinta e seis infinitivos flexionados, as da *Correspondência Passiva de Washington Luiz* contemplam treze infinitivos flexionados.

A flexão do infinitivo no século XIX se divide em singular e plural. São seis ocorrências de segunda pessoa do singular, duas em primeira pessoa do plural e quarenta e uma em terceira pessoa do plural.

Segundo Simões e Kewitz (2006), as cartas paulistas da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro foram coletadas em julho de 2004, a fim de integrar os corpora do PHPP. Foram selecionadas 20 cartas que contemplam, sobretudo, assuntos relacionados a José Bonifácio de Andrada e Silva. As cartas foram escritas de 1801 a 1822, século XIX. Esses documentos têm como pano de fundo as tensões que permeavam o cenário político brasileiro, especialmente em Santos, São Paulo e Rio de Janeiro. As características discursivas são importantes nessas cartas.

Para a primeira metade do século XX, selecionamos 22 cartas do arquivo *Cartas familiares: Em torno de Washington Luís – Edição semidiplomática da 1ª metade do século XX*. Nessas cartas foram encontradas sete ocorrências de flexão infinitiva em 1ª e 3ª pessoas do singular e 1ª e 3ª pessoas do plural.

No arquivo *De fã para fã: edição de cartas particulares da 2ª metade do século XX* há 465 ocorrências de infinitivo na forma não flexionado e onze ocorrências de infinitivo flexionado. O menor número de ocorrências no século XX é um dado reforçado por Modesto (2011), pois o autor afirma que o PB perdeu AGR ao longo do tempo.

As cartas dos arquivos *Cartas familiares: Em torno de Washington Luís – Edição semidiplomática da 1ª metade do século XX* e *De fã para fã: edição de cartas particulares da*

2ª metade do século XX apresentam dezoito ocorrências de infinitivo flexionado. São duas ocorrências em 1ª pessoa do singular, duas em 3ª pessoa do singular, uma em 1ª pessoa do plural e treze em 3ª pessoa do plural. Nas cartas do século XX há apenas um registro de flexão em primeira pessoa do plural, pois a forma “a gente” passa a ser inserida no quadro pronominal do PB (LOPES, 2003).

Em uma primeira análise feita, foi possível perceber que o século XX é o que concentra menor ocorrência de infinitivos flexionados, mas há também um grande número de ocorrências de infinitivos sem flexão⁷.

No próximo capítulo, iremos desenvolver uma análise das sentenças com infinitivo flexionado encontradas no corpus e sua relação com o Parâmetro do Sujeito Nulo no PB, com destaque especial para o português paulista, que é amplamente abordado por meio das ocorrências de flexão infinitiva neste trabalho.

⁷ Os infinitivos sem flexão serão separados e serão importantes para verificar se há presença de um morfema zero atribuidor de Caso, ou se são contextos em que não há atribuição de Caso pelo morfema, e sim por meio de outros atribuidores, como preposições.

Capítulo 6 - DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DOS SÉCULOS XVIII, XIX e XX

Nesse capítulo serão apresentados os resultados encontrados no *corpus* de cartas organizado para esse trabalho. Esse corpus, como mencionado anteriormente, é composto por conjuntos de cartas retirados dos *corpora* do PHPP (Projeto de História do Português Paulista), divididos em três séculos. O primeiro conjunto de cartas, que representa o século XVIII é composto por *Cartas de Aldeamento de índios* (AI – XVIII; AI – XIX) e *Cartas Paulistas de Circulação Pública* (CPCP); por sua vez, as *Cartas Paulistas da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* (BNRJ) e a *Correspondência Passiva de Washington Luís* (CPWL) correspondem ao corpus representativo do século XIX; já os conjuntos de cartas *De Fã para Fã* (FÃ) e *Cartas Familiares: Em torno de Washington Luís* (CFWL) correspondem ao *corpus* do século XX.

Seguindo a metodologia utilizada para este trabalho, pudemos contabilizar 122 ocorrências de infinitivo flexionado e 1.507 ocorrências de infinitivos sem flexão.

Selecionamos quarenta cartas de cada século, totalizando cento e vinte cartas que constituem o *corpus* do presente trabalho. Dentro do *corpus*, destacamos os infinitivos sem flexão e os flexionados. As cartas apresentam, em média, a mesma medida: duas laudas por carta. Não é possível contabilizar a quantidade de palavras em cada carta, pois a transcrição feita pelos membros do PHPP privilegia a escrita de cada autor, mantendo o espaçamento original entre as palavras (e também a falta de espaço entre as palavras). Dessa maneira, a maioria das cartas apresenta sentenças escritas com duas ou três palavras agregadas.

Essa seção será dividida em duas partes: primeiro mostraremos quais são os termos antecedentes das flexões infinitivas e depois apontaremos a divisão entre as orações de infinitivo flexionado com sujeito realizado e as orações de infinitivo flexionado de sujeito nulo.

Das 40 cartas do século XVIII, 25 são de *Aldeamento de índios*, com 52 ocorrências de IF, e 15 são do arquivo *Correspondências Paulistas de Circulação Pública*, com três ocorrências de IF. As cartas de *Aldeamento* são as que mais apresentam ocorrências de infinitivo flexionado em todo o *corpus*.

Como mencionamos no capítulo 5, a seleção das cartas se deu de maneira eventual, pois um dos objetivos iniciais do projeto era investigar a presença da flexão infinitiva nesses

corpora representativos do português paulista. Assim, os conjuntos são compostos por algumas cartas em que não há infinitivo flexionado, o que torna o *corpus* representativo ainda mais crível, já que não foram selecionadas apenas cartas em que havia presença de flexão infinitiva.

O *corpus* do século XIX foi composto da seguinte forma: são 19 cartas do arquivo *Cartas Paulistas da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, com 35 ocorrências de IF, uma carta de Aldeamento de índios, com uma ocorrência de IF, e 20 cartas da *Correspondência Passiva de Washington Luís*, com 13 ocorrências de IF.

As *Cartas familiares: Em torno de Washington Luís* correspondem à primeira metade do século XX; são 22 cartas com 7 ocorrências de IF. O arquivo *De fã para fã* representa a segunda metade do século, com 18 cartas e 11 ocorrências de IF.

No gráfico 2 é possível ver as quantidades ocorrências infinitivo flexionado em cada arquivo para uma melhor compreensão dos dados.

Número de ocorrências de Infinitivos Flexionados por Tipo de Carta

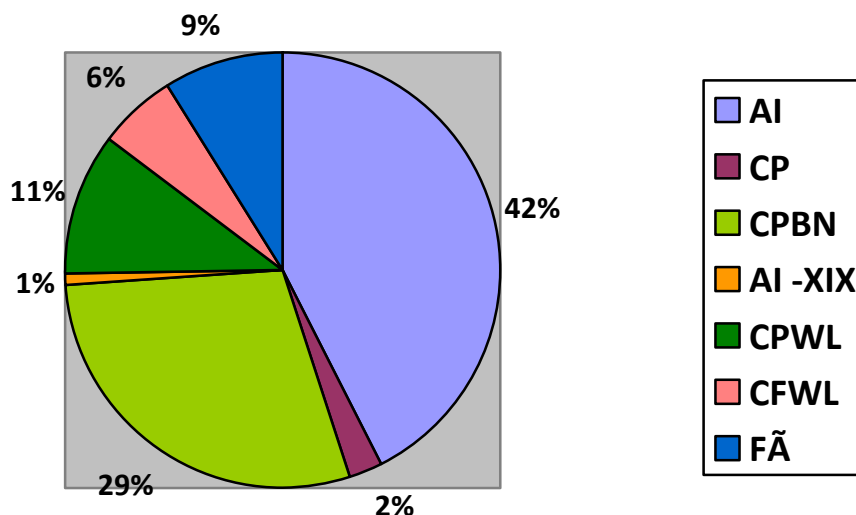


Gráfico 2: Quantidade de ocorrências por tipo de cartas

Há, especialmente no século XX, cartas em que não há flexão infinitiva. Essas cartas foram mantidas na contagem, pois se trata de um *corpus* investigativo que busca analisar as

ocorrências – e a quantidade de ocorrências – nos séculos selecionados. Além disso, nos importa também a frequência da flexão infinitiva e se ela se mantém por igual em todos os séculos.

6.1 Resultados gerais

Inicialmente, apresentaremos os resultados de cada conjunto de cartas, indicando as ocorrências de flexão infinitiva.

Cartas de Aldeamento de índios (1701-1750)

Variantes	Infinitivo sem flexão	Infinitivo flexionado	Total
Quantidade	276	52	328
Porcentagem	84,15%	15,85%	100%

Tabela 10: Quantidade de infinitivos nas cartas de aldeamento de índios

A tabela acima apresenta os dados encontrados nas cartas de Aldeamento de índios do século XVIII. Há, nessas cartas, 276 – 84, 15% - infinitivos sem flexão e 52 infinitivos flexionados – 15, 85%. Esse é o conjunto de cartas que apresentam um maior número de ocorrências da flexão infinitiva do presente estudo.

Sobre as cartas de Aldeamento de índios, é importante destacar que para esses autores havia um acúmulo de funções comunicativas. Encontram-se desabafos e destemperos do missivista juntamente com a prestação de contas do desenvolvimento de cada aldeia (SIMÕES & KEWITZ, 2006).

Correspondências Paulistas de Circulação Pública (1765 – 1775)

Variantes	Infinitivo sem flexão	Infinitivo flexionado	Total
Quantidade	105	3	108
Porcentagem	97,3%	2,7%	100%

Tabela 11: Quantidade de infinitivos nas cartas paulistas de circulação pública

As Correspondências Paulistas de Circulação Pública são cartas predominantemente enviadas por militares, padres, ouvidores, juízes, agricultores, mineradores, entre outros. Essas cartas do século XVIII apresentam 105 infinitivos sem flexão – 97,3% - e três infinitivos flexionados – 2,7% desse conjunto.

Cartas Paulistas da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (1801-1822)

Variantes	Infinitivo sem flexão	Infinitivo flexionado	Total
Quantidade	433	30	463
Porcentagem	93,53%	6,47%	100%

Tabela 12: Quantidade de infinitivos nas cartas da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

As Cartas paulistas da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro são cartas que giram em torno de José Bonifácio de Andrada e Silva. Essas epístolas abordam as tensões políticas do período em que foram escritas e já indicavam um afastamento das relações entre Brasil e Portugal. Do total de 463 ocorrências de infinitivo, 433 são de infinitivo sem flexão – 93,53% - e 30 são de infinitivo com flexão – 6,47%.

Carta de Aldeamento de índios (1809)

Variantes	Infinitivo sem flexão	Infinitivo flexionado	Total
Quantidade	19	6	25
Porcentagem	76%	24%	100%

Tabela 13: Quantidade de infinitivos na carta de aldeamento de índios do século XIX

Essa carta de Aldeamento de índios faz parte do conjunto de cartas mencionado acima, contudo essa carta pertence ao século XIX. Para utilizar o conjunto de Cartas de Aldeamento de índios por completo, selecionamos essa carta para compor o *corpus* do século XIX. Dos 25 infinitivos encontrados nessa carta, 6 apresentam flexão – 24% - e 19 aparecem sem flexão – 76%.

Correspondência Passiva de Washington Luís (1897-1900)

Variantes	Infinitivo sem flexão	Infinitivo flexionado	Total
Quantidade	131	13	144
Porcentagem	90,98%	9,02%	100%

Tabela 14: Quantidade de infinitivos na correspondência passiva de Washington Luís

Esse conjunto é de cartas recebidas por Washington Luís ao longo de sua vida pública e privada. Os remetentes eram próximos a Washington Luís, por isso há um maior grau de simetria entre remetente e destinatário. Essas cartas apresentam 13 flexões infinitivas – 9,02% - e 131 infinitivos sem flexão – 90,98%.

Cartas familiares: em torno de Washington Luís (1901-1950)

Variantes	Infinitivo sem flexão	Infinitivo flexionado	Total
Quantidade	78	7	85
Porcentagem	91,77%	8,23%	100%

Tabela 15: Quantidade de infinitivos nas cartas familiares: em torno de Washington Luís

Esse conjunto de cartas também permeia a vida de Washington Luís. São cartas enviadas a ele por seus familiares durante o período em que estava em São Paulo. Nessas cartas, que representam a primeira metade do século XX, foram encontrados 7 ocorrências de flexão infinitiva – 8,23% do total – e 78 infinitivos sem flexão – 91,77%.

De fã para fã (1990-1997)

Variantes	Infinitivo sem flexão	Infinitivo flexionado	Total
Quantidade	465	11	476
Porcentagem	97,7%	2,3%	100%

Tabela 16: Quantidade de infinitivos nas cartas De fã para fã

As cartas de Fã para Fã compõem o corpus representativo do português paulista do século XX. Esse conjunto representa o final do século XX e apresenta 476 ocorrências de infinitivo, dos quais 465 aparecem sem flexão – 97,7% - e 11 são flexionados – 2,3%.

É possível observar que as cartas concentram um número maior de infinitivos sem flexão, o que já era esperado por ser esta uma forma nominal do verbo. Em todo o *corpus*, que apresenta 40 cartas de cada século, há 1.629 ocorrências de infinitivo. No século XVIII há 381 ocorrências de infinitivo sem flexão; no século XIX há 583 infinitivos sem flexão; e no século XX há 543 infinitivos sem flexão.

Quanto às ocorrências com flexão, no século XVIII há 55 infinitivos flexionados; no século XIX há 49 infinitivos flexionados; e no século XX há 18 infinitivos flexionados, totalizando 122 ocorrências de flexão infinitiva em todo *corpus*.

Ao comparar esses dados, percebemos que há um maior número de ocorrências de flexão infinitiva no século XVIII. Esse século apresenta 55 ocorrências do fenômeno destacado, o que corresponde a 45,09% do total de ocorrências de flexão infinitiva do presente trabalho, que são 122.

O século XIX se aproxima do século XVIII em quantidade de ocorrências de infinitivo flexionado, totalizando 49 flexões infinitivas nas cartas deste século, que correspondem a 40,16% das 122 ocorrências de infinitivo flexionado de todo *corpus*. Os primeiros séculos destacados neste estudo indicam uma presença constante do infinitivo flexionado no português paulista.

Há um decréscimo na quantidade de ocorrências de infinitivo flexionado no século XX: são 18 ocorrências, que correspondem a 14,75% do total do corpus representativo do português paulista. O trabalho de Canever (2012) ressalta o crescente uso da flexão infinitiva no PB do século XXI, contudo o presente trabalho tem como objeto de estudo o português paulista. Estudos futuros poderão nos indicar se no século XXI há um aumento ou diminuição do uso da flexão infinitivo no português paulista.

6.2 O Parâmetro do sujeito nulo ocorrências de infinitivo flexionado

Esta seção tratará dos tipos de sujeitos que acompanham a flexão infinitiva nos dados desse estudo, mostrando os dados coletados em cada século em quantidade e em porcentagem. Iremos apresentar também os tipos de orações que acompanham o infinitivo flexionado em cada século.

Por meio das ocorrências de flexão infinitiva selecionadas no *corpus* de cada século, foi feita a contagem de quantas ocorrências apresentam sujeito nulo e quantas apresentam sujeito não nulo. Segundo Duarte (1995), o PB atual apresenta uma larga preferência pelo

preenchimento da posição de sujeito mesmo quando a flexão poderia garantir a interpretação de sujeito nulo.

6.2.1 Os sujeitos no século XVIII

Passemos, então, a um estudo mais aprofundado, analisando os sujeitos das sentenças em que há flexão infinitiva no *corpus* do presente trabalho. Apresentaremos, a seguir, tabelas e gráficos que nos ajudarão a entender os dados coletados sobre os sujeitos do *corpus*.

Variáveis	Sujeito realizado	Sujeito nulo	Total
Quantidade	16	39	55
Porcentagem	29,1%	70,9%	100%

Tabela 17: os sujeitos das sentenças de infinitivo flexionado no século XVIII

A próxima tabela apresenta as quantidades de sujeito pronominal e sujeito como expressão referencial, dos sujeitos realizados. Assim, é possível dizer se no *corpus* do presente trabalho, que representa o português paulista dos séculos XVIII, XIX e XX, há uma preferência pelo sujeito pronominal ou pelo sujeito referencial.

Sujeitos realizados no século XVIII

Variáveis	Sujeito pronominal	Sujeito como expressão referencial	Total
Quantidade	12	4	16
Porcentagem	75%	25%	100%

Tabela 18: sujeitos realizados no século XVIII

O século XVIII, primeiro século de estudo deste trabalho, tem mais sujeito pronominais do que sujeitos como expressão referencial. O uso de pronomes no século XVIII era maior que o uso de expressões referenciais, como “os índios” (expressam usada por alguns dos missivistas).

No século XVIII, o primeiro século destacado no presente estudo, há mais sujeitos nulos acompanhando as sentenças de infinitivo flexionado. Nos exemplos em (40) podemos observar, primeiro, algumas sentenças em que há a realização do sujeito:

(40) a. para elles **ficarem** mais Sua vontade [AI 15]

b. Sendo aCauza, deter admoestado ao dito Tenente puseSse cobro nosSeos *filhos* eescravos por **Serem** estes perturbadores das Almas da dita aldeia [AI 19]

c. vindo aella de noute ededia; efazendo as In-dias **hirem** aSua fazenda, como mediceraõ duas, *que* as achey de noute [AI 19]

No exemplo em (41) seleccionamos alguns trechos das cartas de Aldeamento de índios em que há sujeito nulo, que é o mais presente no século XVIII.

(41) a. MediSse, agora medisse hua India, *que* o Capitam da aldeia tinha ordem do *Senhor Joseph para* vegiar as Indias, *que* entraSsem dentro desta Casa aleva alguã couza, compena de **Serem** a Soutadas [AI 19]

b. Isto hê o*que* querem para **viverem** como Gentio

c. ao brigacoins deque Sam em Carre-gados pelo Directorio, *que* he **fazerem** Roça demilho, fejaõ, e Arros, dar em agua e Lenha, huma CoSinheira, e hum Rapas para lheajudar a Missa

d. eigoal mente algodoaes deque sevestiaõ por ser aquele terraõ de reconheSsida produSsaõ para estez dous gêneros: deannos porem aesta parte **sevem** privados daquele meyo

e. Era *muito* bom correndo o [*tempo*] felicitado em tudo **aproveitarem** os dias do Na tal, e principio do anno para os bonó annos o Cu[lt]o de Deos

Há uma preferência pelo sujeito nulo acompanhando a flexão infinitiva no século XVIII, isso ocorre em mais de 70% das ocorrências do século XVIII. Ao final do capítulo poderemos comparar os dados deste primeiro século com os dados dos demais séculos para confirmar ou não a prevalência do sujeito nulo.

A partir da seleção das sentenças de infinitivo flexionado, foi feito um levantamento dos tipos de orações que acompanham o fenômeno em destaque nessa pesquisa. No século XVIII, as sentenças se dividem da seguinte forma: (i) orações encaixadas com outro conectivo (conjunções, pronomes); (ii) orações encaixadas com preposição; (iii) orações encaixadas completivas verbais;

(iv) orações encaixadas completivas nominais. Na tabela abaixo podemos observar como ocorre a distribuição de cada oração e notar quais são os tipos de orações em que há sujeito nulo e sujeito realizado.

Tipos de oração com infinitivo flexionado no século XVIII

Tipos de Oração	Sujeito Nulo		Sujeito Realizado		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Orações encaixadas com outro conectivo	11	84,62%	2	15,38%	13	100%
Orações encaixadas com preposição	22	70,97%	9	29,03%	31	100%
Orações encaixadas completivas verbais	4	80%	1	20%	5	100%
Orações encaixadas completivas nominais	3	50%	3	50%	6	100%

Tabela: 19 tipos de oração com infinitivo flexionado do século XVIII

A tabela acima nos mostra que das 55 ocorrências de infinitivo flexionado presentes no século XVIII, 31 foram encontradas em orações encaixadas com preposição. Do total de orações de infinitivo flexionado, foram encontradas 31 orações encaixadas com preposição, que contam 56,37% do total de orações; 13 orações encaixadas com outro conectivo, compondo 23,63% do total; 5 orações encaixadas completivas verbais, que são 9,1% das orações de infinitivo flexionado; 6 ocorrências de orações encaixadas completivas nominais, que correspondem a 10,9% do total de orações com flexão infinitiva.

Destarte, percebe-se que no século XVIII havia uma prevalência de sujeito nulo sobre o sujeito realizado. O *corpus* representativo do século XVIII mostra que o português paulista indicava uma preferência pelo não preenchimento do sujeito, como visto em Gravina (2008), que analisou o sujeito nulo em jornais mineiros.

Tipos de oração	Sujeito Nulo		Sujeito pronominal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Orações coordenadas	310	90%	34	10%	344	100%
Orações matrizes	133	76%	40	24%	173	100%
Orações – wh	120	83%	24	17%	144	100%
Orações encaixadas com outro conectivo	92	73%	34	27%	126	100%
Orações encaixadas completivas verbais	19	82,5%	4	17,5%	23	100%
Or. encaixadas completivas nominais	14	93%	1	7%	15	100%

Tabela 20: O Recreador Mineiro; Gravina (2008)

Gravina analisou a distribuição de sujeitos nulos e pronominais em jornais mineiros dos mesmos séculos deste estudo; a autora mostra que o português mineiro indicava uma preferência pelo sujeito nulo. Gravina (2008) encontrou 83, 40% de sujeitos nulos no Recreador Mineiro, mostrando que naquele período havia mais sujeitos nulos do que sujeitos realizados no português mineiro; o que também encontramos no *corpus* do presente trabalho.

Nesse século, no corpus deste estudo, há uma predileção pelas orações encaixadas com preposição para as ocorrências de infinitivo flexionado.

6.2.2 Os sujeitos no século XIX

Apresentaremos nesta seção os dados dos sujeitos das orações de infinitivo flexionado do século XIX e estabeleceremos uma comparação com o que foi mostrado sobre o século anterior, a fim de identificarmos qual é o tipo de sujeito predominante nesses dois primeiros séculos destacados nessa pesquisa.

Ocorrências de IF no século XIX

Variáveis	Sujeito realizado	Sujeito nulo	Total
Quantidade	21	28	49
Porcentagem	42,86%	57,14%	100%

Tabela 21: os sujeitos das flexões infinitivas do século XIX

O século XIX parece acompanhar o previsto pelo século anterior: há uma predileção pelo sujeito nulo, mas a quantidade de ocorrências de sujeito não nulo não é muito inferior. São 21 ocorrências de flexão infinitiva com sujeito realizado, 42,86% do total de ocorrências, e 28 ocorrências de sujeito nulo com infinitivo flexionado, que correspondem a 57,14% das orações com infinitivo flexionado do século XIX. Em (42) há exemplos das ocorrências de infinitivo flexionado com o sujeito nulo nas Cartas Paulistas da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ) e da Correspondência Passiva de Washington Luís (CPWL):

(42) a. Meu charo Amigo, no dia 25 tivemos a incomparavel honra de **vermos** | no nosso solo onosso Idolatrado Principe [BNRJ 01]

b. Da ordens pre= | cizas *para* a plantação de canas, e carpição das *que estiverem* no matto. [BNRJ 03]

c. As matriculas acham-se abertas e é bom **aproveitares** a ocasião para **occupares** um dos primeiros lugares de ordem [CPWL 13]

d. És um felisardo; sem **solicitares** cou- sa alguma, vaes te deixando levar - assim com [s]eus ares de Napo- leão no Egypto [CPWL 16]

e. E te será esta a ultima !.... para o anno **entrarmos** quasi juntos no Outonno da vida ! [CPWL 17]

Nessas cartas também há a presença da flexão infinitiva em 2ª pessoa do singular (*tu*), o que não ocorre nos outros conjuntos de cartas. O século XIX apresenta 6 ocorrências de flexão infinitiva, enquanto não há esse tipo de ocorrência nos outros séculos. No trecho em (42c) há duas ocorrências de infinitivo flexionado na segunda pessoa do singular. Pelo fato de no século XIX a forma conservadora (*tu*) ainda prevalecer sobre a forma inovadora (*você*) há esse tipo de ocorrência. Os séculos XVIII e XIX apresentam a forma *tu* nas cartas, mas não há ocorrência dessa forma pronominal no século XX. A forma pronominal *vosmecê* já aparecia no início do século XX e, no final do século, já há a inserção completa da forma *você*.

Agora, nos exemplos em (43) poderemos observar as ocorrências de infinitivo flexionado em que o sujeito é realizado:

(43) a. Estando Membros d' | alguã *Villas*, ainda assim tenho feito, *que* se não tenha installado | a Junta, a espera de Sorocaba, *que* ainda não o quiz mandar (apesar | de *que* está também com bons sentimentos) e *por que* creio não devem | tardar as *Providencias* da Corte, certo porem, *que* se ellas **tardarem**, ea | Facção tiver arte, pode tudo attrapalhar, emquanto a Comarca não | estiver centralizada devo dar a V. Exa. uma ligeira idea disto ca, e | do miseravel estado da Capital, e suas *dependencias*, a concluir, pedindo | se esforce a cooperar *por* a brevidade dos remédios [BNRJ 11]

b. sobre tudo *por* a es- | colha delles, e sobre as terriveis *consequencias*, se elles **tardarem** [BNRJ 11]

c. deo isto Cauza, *aque* o dito Intendente, me intregace *por* Ordem, as Cha= | ves dos armazens Reais, *para* eu *por* ellas Responder, efazer o Servisso, | etaõ bem *aqual* o dito Sargento Mor, foce mandado governar, e Commandar | as *Villas* de Ubatuba e São Sebastiam, *para* **ficarem** desvanecidas as ethique= | tas Como dito Intendente: immediatamente logo veyo Commandar esta Pra= | ça o Coronel pago Antonio Luiz da Roxa Ferreira [BNRJ 19]

d. esperando, *que* o prezente General me nomeye sucessor, a= | pezar detodos me **dizerem**, onaõ fará; porem eu no meyo | destas Couzas, ja escrevi em 20 de Agosto proximo passado aditos Silva & Fi= | lho [BNRJ 19]

e. Assim ves que mais ou menos sou conhecedor de toda a materia; calma tenho bastante, prova escripta já fiz e tive “acima de soffrivel”, a ques- tão toda e os homens não **bombearem** sem mais nem menos [CPWL 13]

Ao comparar os dados dos sujeitos do século XVIII com os dados do século XIX há diferença na porcentagem de ocorrências de sujeito nulo, contudo nos dois séculos há mais sujeitos nulos do que sujeitos realizados. Depois que apresentarmos os dados do século XX, analisaremos se a predileção do sujeito nulo se manteve em todo o *corpus* ou apenas nos dois primeiros séculos.

Separamos as ocorrências de sujeito realizado no século XIX entre sujeito pronominal e sujeito como expressão referencial para estabelecer comparação com os dados do século anterior.

Sujeitos realizados no século XIX

Variáveis	Sujeito pronominal	Sujeito como expressão referencial	Total
Quantidade	8	13	21
Porcentagem	38,1%	61,9%	100%

Tabela 22: os sujeitos realizados das sentenças de infinitivo flexionado no século XIX

O século XIX, segundo século de estudo deste trabalho, tem mais sujeitos como expressão referencial do que sujeitos pronominais. Esses dados se opõem aos dados de sujeito do século XVIII. Houve, no *corpus* do presente trabalho, uma queda no uso dos pronomes do século XVIII para o século XIX.

Passemos para a análise dos dados no que diz respeito às orações que acompanham a flexão infinitiva no século XIX. No século XIX, a flexão infinitiva aparece com três tipos de orações: (i) orações encaixadas com preposição; (ii) orações encaixadas com; (iii) orações encaixadas completivas nominais. Na tabela a seguir, há a distribuição de cada oração de infinitivo flexionado encontradas no *corpus* do século XIX.

Tipos de oração com infinitivo flexionado no século XIX

Tipos de Oração	Sujeito Nulo		Sujeito Realizado		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Orações encaixadas com preposição	23	82,14%	5	17,86%	28	100%
Orações encaixadas completivas nominais	6	28,57%	15	71,43%	21	100%

Tabela 23: tipos de oração com infinitivo flexionado no século XIX

Os dados apresentados na tabela com os tipos de oração com infinitivo flexionado no século XIX mostram que a maioria das orações são orações encaixadas com pronomes, 20 orações desse tipo, que correspondem a 40, 82% do total de orações de flexão infinitiva. As orações encaixadas com preposição correspondem a 19 ocorrências e 38,78% das orações do

século XIX, enquanto as orações encaixadas completivas nominais apresentam 10 ocorrências, que são 20,40% do total.

A tabela indica que as porcentagens maiores, ou seja, o maior número de ocorrências ainda permanece com os sujeitos nulos. Nesse século a predileção pelo uso do sujeito nulo com a flexão infinitiva permanece.

Os séculos XVIII e XIX mostram que há uma preferência pela flexão infinitiva em orações encaixadas com preposição. Mas o número de ocorrências de flexão infinitiva em orações encaixadas com preposição e orações completivas nominais não é muito diferente; são esses os dois tipos de oração em que a flexão infinitiva aparece no século XIX deste estudo.

Assim, por meio dos dados do século XIX, podemos ver que a preferência pelo sujeito nulo se manteve no português paulista. O sujeito nulo acompanhado da flexão infinitiva aparece mais em orações encaixadas com preposição, são 23 orações encaixadas com preposição e sujeito nulo. Na análise do século XX poderemos ver se o sujeito nulo é o mais usado nos três séculos ou se há uma mudança no português paulista neste último século.

6.2.3 *Os sujeitos no século XX*

O último século a ser analisado no presente trabalho é o século XX, que já apresenta uma diferença: é o que apresenta o menor número de ocorrências; há apenas 18 flexões infinitivas nas 40 cartas deste século. O presente trabalho analisou cartas do português paulista de determinados séculos, destacando no século XX a primeira metade e os anos finais. Não é possível dizer que a quantidade de ocorrências de infinitivo flexionado encontradas aqui se aplique para uma análise de todo PB. Os séculos anteriores têm mais que o dobro de infinitivos flexionados no século XX. Dessa maneira, já é possível dizer que há uma diminuição nas ocorrências de infinitivo flexionado no corpus do PHPP selecionado, já que o século XVIII apresenta 55 ocorrências, o século XIX 49 e o século XX apenas 18. Faremos uma comparação com os dados dos séculos anteriores e estabeleceremos se o sujeito nulo também é o que apresenta maior predileção neste século.

Ocorrências de IF no século XX

Variáveis	Sujeito realizado	Sujeito nulo	Total
Quantidade	12	6	18
Porcentagem	66,67%	33,33%	100%

Tabela 24: os sujeitos das sentenças de infinitivo flexionado no século XX

Ao observar a tabela acima, podemos ver que o século XX se difere bastante dos séculos anteriores: há mais sujeitos realizados com a flexão infinitiva do que sujeitos nulos. São 66,67% de sujeitos realizados, que marcam 12 ocorrências, e 33,33% de sujeitos nulos, que são apenas 6 ocorrências no total de 18.

Ressaltamos aqui que a análise do presente trabalho procura verificar uma tendência de aparição de infinitivos e de sujeitos; sabemos que o *corpus* do século XX difere dos séculos anteriores pelo tipo de carta e também pela quantidade de ocorrências.

No exemplo em (44) podemos ver algumas ocorrências de flexão infinitiva com sujeito realizado no século XX:

(44) a. Aí come- çamos a pular para chamar a atenção mesmo!!! Ficamos de guarda para ver eles **entrarem** no ônibus e mais um monte de macaquices que um dia eu te conto melhor e com calma, ok? [FÃ 02]

b. Ah! O cara do correio falou que vai demorar um pouco as fitas **desembarcarem** por aí porque o correio está com ‘excesso de cargas’ [FÃ 05]

c. eu tava pensando em mandar uma carta para a gravadora pedindo para eles **entregarem** uma carta nossa nas mãos do Ian, que tal? [FÃ 12]

d. se voce podes_ se emprestar-me 500\$ até eu **arranjar** o negocio com o commissario [CFWL 18] (Flexão zero; 1ª pessoa do singular)

e. Agora é rezar para eles **passarem** sempre, não é? [FÃ 12]

Agora, no exemplo em (45) temos alguns exemplos de orações de infinitivo flexionado com sujeito nulo do século XX:

(45) a. As letras das músicas eu tentei traduzir (as que eu tenho) e ficaram bem “es- tranhas’ mesmo, mas que não deixam de **serem** maravilhosas, não? [FÃ 06]

b. eu preciso declarar ficando a mobilia me pertencendo para depois de minha morte **dividirem** aos filhos por sorte. [CFWL 08]

c. Voce converse com Alvara [sic], e faça favor me **diserem** francamente o que resolvem. [CFWL 08]

d. encarreguem alguém para tomar a direcção dos seus negocios, visto não **podermos** continuar com tal encargo [CFWL 04]

Veremos, na tabela a seguir, se os sujeitos realizados no século XX tem maior número de ocorrências com sujeito pronominal ou com sujeito como expressão referencial.

Sujeitos realizados no século XX

Variáveis	Sujeito pronominal	Sujeito como expressão referencial	Total
Quantidade	8	4	12
Porcentagem	66,66%	33,34%	100%

Tabela 25: os sujeitos realizados das sentenças de infinitivo flexionado no século XX

Em relação aos sujeitos realizados, o século XX apresenta resultado semelhante ao século XVIII: há mais sujeitos pronominais. O único século deste estudo que indica maior número de sujeitos como expressão referencial é o século XIX. É possível que os autores das cartas do século XIX optassem mais por expressões referenciais, mas não é possível dizer que essa é uma tendência de todo português paulista do século XIX.

Quanto às orações em que aparecem as flexões infinitivas no século XX, foram encontradas orações de três tipos: (i) orações encaixadas com preposição; (ii) orações encaixadas com outros conectivos (como pronomes e conjunções); orações encaixadas completivas nominais.

Tipos de oração com infinitivo flexionado no século XX

Tipos de Oração	Sujeito Nulo		Sujeito Realizado		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%

Orações encaixadas com outro conectivo	4 33,33%	8 66,67%	12 100%
Orações encaixadas com preposição	1 50%	1 50%	2 100%
Orações encaixadas completivas nominais	1 25%	3 75%	4 100%

Tabela 26: tipos de oração de infinitivo flexionado no século XX

A maioria das flexões infinitivas aparece em orações encaixadas com outros conectivos (como conjunções e pronomes), são 12 do total de 18 ocorrências. E das orações encaixadas com pronomes, mais de 60% aparecem com sujeito realizado.

O século XX é o que mais se distancia dos séculos vistos anteriormente. Possui o menor número de ocorrências de flexão infinitiva e o sujeito em destaque com as orações é o sujeito realizado. Provavelmente aparecem mais sujeitos realizados do que sujeitos nulos porque a flexão infinitiva permite identificar qual é o sujeito (MAURER Jr., 1968).

6.3 Os contextos das orações de infinitivo flexionado e a tendência do Português Paulista

A tendência do português paulista é, então, apresentar um decréscimo no uso do infinitivo flexionado e também no sujeito nulo, optando por preencher a posição de sujeito. É o que pudemos verificar nesse *corpus* representativo de textos escritos.

Em todo o *corpus*, o maior número de ocorrências é de sujeito nulo. Das 114 ocorrências de infinitivo flexionado encontradas, 65 são de sujeito nulo e 49 de sujeito não nulo. Modesto (2011) aponta que a flexão no PB marca o sujeito, possibilitando a maior presença de sujeitos nulos. No gráfico 3, é possível observar a porcentagem de ocorrências de sujeito nulo e não nulo em cada século; é possível observar que o século XX apresenta uma grande diferença em relação o sujeito nulo dos séculos XVIII e XIX.

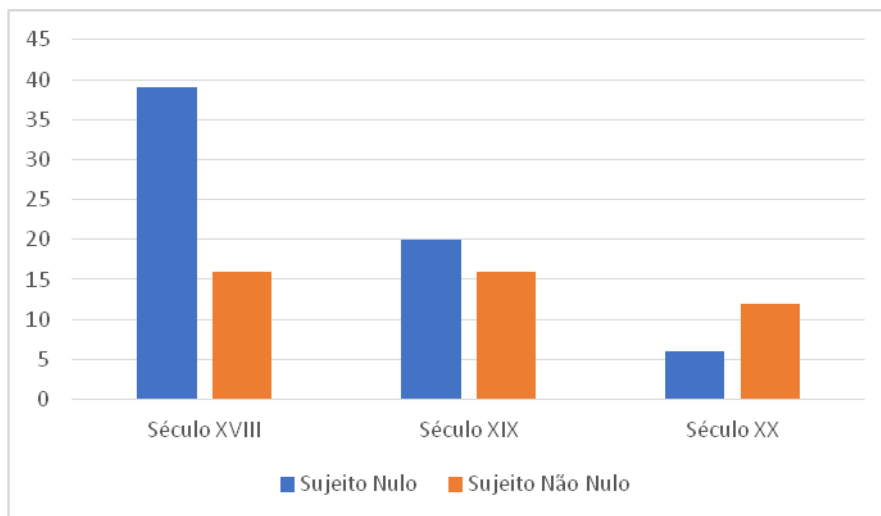


Gráfico 3: sujeito nulos e não nulos por século.

Como já citado no capítulo 2, Raposo (1987) analisa quatro contextos em que a flexão do infinitivo é usada no PE e licencia um sujeito lexical. Os contextos analisados são:

- a) Orações subjetivas – (Vai ser difícil eles aprovarem a proposta);
- b) Orações completivas subcategorizadas por um predicado matriz epistêmico ou declarativo, cujo verbo tem de preceder o sujeito lexical - (Eu acredito os deputados terem trabalhado pouco);
- c) Orações completivas subcategorizadas por um predicado matriz factivo, em que o verbo não necessariamente tem de preceder o sujeito lexical – (Eu detesto as pessoas usarem os outros);
- d) Orações adjuntas introduzidas por uma preposição – (Eu entrei em casa sem os meninos verem).

A análise proposta por Raposo (1987) assume que os traços de Agr em Infl precisam receber Caso estrutural para Infl atribuir Caso nominativo ao seu sujeito. Destarte, entende-se porque orações não-finitas são agramaticais em contextos independentes.

No presente capítulo, também pudemos analisar que os contextos das orações infinitivas do PE se mantêm no PB. A preferência no PB é, no geral, por orações encaixadas com preposição. Esse dado indica que a flexão infinitiva no português paulista se assemelha a flexão infinitiva no PE, pois Raposo (1987) aponta que o infinitivo flexionado aparece em orações introduzidas por preposição.

A sintaxe diacrônica possibilita compreender o desenvolvimento da língua. A flexão do infinitivo no PB tem sido alvo de uma série de estudos também sob perspectiva diacrônica. No presente estudo observou-se a flexão do infinitivo nos séculos XVIII, XIX e XX sob uma perspectiva diacrônica. Os dados do português paulista nos mostram que há mais sujeito nulo acompanhando a flexão infinitiva, o que é reforçado pelo trabalho de Duarte (1995), pois a flexão marca o sujeito, evidenciando os sujeitos nulos.

A presença do sujeito lexical é importante para o surgimento da flexão do infinitivo, e o número elevado de sujeitos não nulos nos dados dos séculos deste estudo reforça essa percepção. A porcentagem de sujeitos não nulos foi crescente nos últimos séculos deste estudo.

Ao compararmos a flexão do infinitivo no PB atual e no PB do século XVIII, percebe-se que a flexão de primeira pessoa do plural não está presente em alguns contextos devido ao desuso do pronome “nós”, como mencionado acima, pois houve perda da flexão infinitiva (PIRES, 2006). Isso ocorre porque “a gente” não propõe uma marcação de pessoa, projetando, dessa forma, o enfraquecimento da flexão – como previsto em Galves (1993).

Raposo (1987) descreve que a flexão infinitiva no PE pode ocorrer em orações subcategorizadas por um predicado matriz epistêmico, declarativo ou factivo, contudo não pode ocorrer em complementos com predicados volitivos. Os dados do *corpus* do presente trabalho se enquadram na descrição de Raposo sobre o PE: há flexão infinitiva com predicados matrizes epistêmicos, declarativos, factivos, mas não com verbos volitivos, como podemos ver em (46):

(46) a. Ah! O cara do correio falou que vai demorar um pouco as fitas **desembarcarem** por aí porque o correio está com ‘excesso de cargas’ [FÃ 05]

b. Meu charo Amigo, no dia 25 tivemos a incomparavel honra de **vermos** no nosso solo onosso Idolatrado Principe[BNRJ 01]

c. SenaõaLis=ta agente que dez[ej]a, por lhefaLtar todo oneCeSsatio preCizo para **poderem** Condu=zirse, edesde aentrada da Coresmã até o dia prezente naõ tenho tido o minimo

SoCego emproCurar que SeaListe para adita Guerra [AI 13]

Assim, seguindo o *corpus* analisado neste trabalho, podemos dizer que a descrição do PE feita por Raposo (1987) se aplica à flexão infinitiva do português paulista dos séculos XVIII, XIX e XX.

6.4 A atribuição de Caso nos infinitivos flexionados do português paulista

Nessa seção mostraremos como ocorre em termos sintáticos a atribuição de Caso em nosso *corpus* representativo dos séculos XVIII, XIX e XX de acordo com o descrito na literatura, ressaltando se há alguma peculiaridade encontrada nessas cartas.

O capítulo 3 deste trabalho traz uma descrição sobre a Teoria do Caso e seu funcionamento no PE e no PB. Explicamos, naquele momento, que a Teoria do Caso é de extrema importância no estudo dos infinitivos flexionados, porque esse fenômeno corroborou, e ainda corrobora, para o desenvolvimento da Teoria Gerativa e, atualmente, para a discussão sobre Controle no Minimalismo (CHOMSKY, 2001, MODESTO, 2011). Utilizaremos uma sentença de cada século a fim de apresentar como se dá a marcação de Caso em sentenças infinitivas no português paulista dos séculos XVIII, XIX e XX.

Para o século XVIII, selecionamos, primeiramente, um trecho da carta 19 de Aldeamento de índios em (40c), na qual podemos ver a flexão do infinitivo de 3ª pessoa do plural –em no verbo ir em *hirem*. Essa flexão está concordando com o sujeito *as Indias*, que está no plural. Segundo o Filtro do Caso (Chomsky (1986), todos os DPs pronunciados devem receber Caso, de modo que não há, nesta sentença, outro atribuidor de Caso para o DP que não seja a flexão do infinitivo, uma vez que a forma gerundiva *fazendo* não atribui Caso.

(40c) (...)efazendo as In-dias **hirem** aSua fazenda, como mediceraõ duas, *que* as achey de noute.

Ainda no século XVIII, selecionamos um trecho da Carta 15 (exemplo em 30a), no qual podemos constatar que o Caso atribuído pela flexão do infinitivo é o Caso Nominativo. No exemplo abaixo, temos o sintagma “*para elles ficarem* mais a sua vontade”, em que há uma preposição, que também pode servir como atribuidor de Caso para o pronome *elles*, mas temos a concordância do infinitivo, mostrando que deve existir uma relação entre o especificador e o núcleo da flexão – provavelmente um núcleo de concordância – para que o Caso nominativo seja atribuído ao pronome *elles*⁸.

(40a) *eque* mefaçam algumas descortezias afim denos**desgostarmos**, [e]**Sairmos** *para* *elles* **ficarem** mais aSua vontade

⁸ Não colocamos neste trabalho uma estrutura para o século XVIII porque para isso seria necessário um aprofundamento de outras questões como, por exemplo, a posição dos clíticos, o sujeito posposto, os auxiliares e a negação. Para uma estrutura para o PE, ver Galves (2001).

Como exemplo de atribuição de Caso e estrutura infinitiva do século XIX, tomamos o trecho da Carta 06 das Cartas Paulistas da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

(47) Nodia 19 | doprezente publicavase aordem para se **Retirarem** para esta Provincia as Tro= | pas Milicianas

Neste exemplo, podemos notar a ocorrência da concordância de 3ª pessoa no verbo *retirar*, o qual está localizado numa oração encaixada introduzida pela preposição *para*. Tal concordância tem relação com o sintagma *as Tropas Milicianas* que está na posição de complemento e, portanto, posposto ao verbo, além da presença do clítico *se*, o qual surge no lugar do sujeito que foi apagado, ou para dar a interpretação de indeterminação à sentença. Uma vez que a sentença é ambígua, não é possível dizer, com certeza, se teríamos como ordem subjacente a ordem *para as tropas se retirarem*, em que o sintagma *as tropas* estaria numa posição de sujeito da sentença recebendo Caso nominativo, ou uma estrutura em que há um pronome nulo de terceira pessoa do plural, responsável pela concordância presente no verbo retirar e o pronome *se* dando a interpretação de indeterminação. Pode-se ressaltar ainda que esse tipo de estrutura com o clítico *se* tem dado lugar a estruturas sem o clítico no PB atual, assim sendo, uma sentença como *para retirarem as tropas*, teria uma interpretação de indeterminação e uma sentença como *para se retirarem as tropas* seria agramatical.

No que diz respeito à atribuição de Caso no século XX, selecionamos como exemplo um trecho das Cartas familiares: em torno de Washington Luís, a Carta 01, que contém um dos poucos exemplos em que há flexão de infinitivo para a 1ª pessoa do singular. Consideramos no exemplo em (38) que o verbo *chegar* tem uma flexão zero, que para a primeira pessoa é um morfema zero.

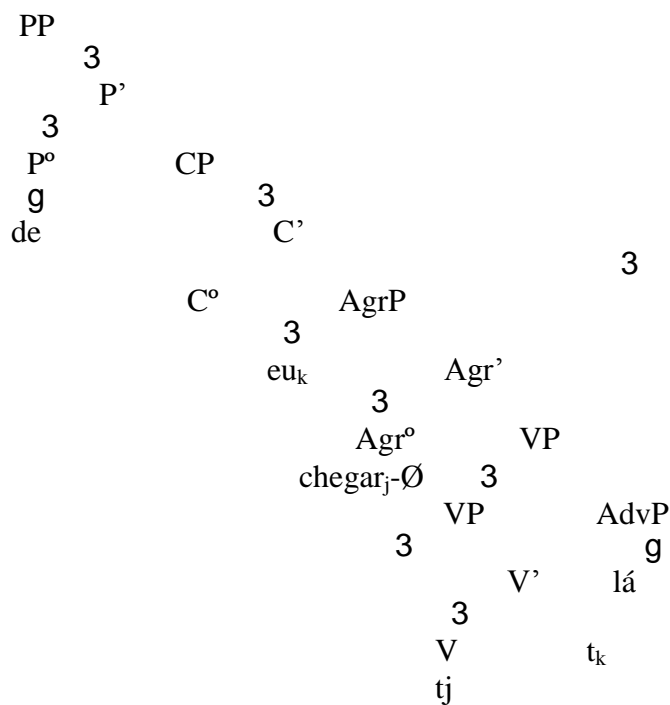
(48) acho melhor Elisa não vir a São Paulo antes de eu lá **chegar**

Um argumento para a presença do morfema zero tem relação com a atribuição de Caso para o pronome de 1ª pessoa, uma vez que tal pronome está realizado no Caso Nominativo, indicando que recebeu tal Caso da flexão do infinitivo e não da preposição *de* que o antecede. Se a preposição *de* tivesse atribuído Caso para o pronome esperaríamos encontrar a realização de um pronome oblíquo como *mim*, como acontece no PB coloquial em casos como, por

exemplo, *O professor pediu para mim sair da sala*. Nesta sentença, o atribuidor de Caso para a 1ª pessoa é a preposição *para*, evidenciado pela forma do pronome. Assim sendo, em *pediu para mim sair da sala*, o verbo *sair* não está flexionado e, portanto, não pode atribuir Caso nominativo, restando à preposição atribuir o Caso Oblíquo.

Em (49), apresentamos uma estrutura para a sentença acima.

(49)



O capítulo 6 apresentou a análise do fenômeno descrito e estudado neste trabalho: o infinitivo flexionado e suas ocorrências no português paulista dos séculos XVIII, XIX e XX. Vimos as quantidades e porcentagens de infinitivo em cada século; os contextos em que a flexão infinitiva aparece, como tipos de sentenças e tipos de verbos da oração matriz; os sujeitos nulos e realizados, além dos sujeitos pronominais e expressões referenciais.

Capítulo 7 - CONCLUSÃO

Neste trabalho foi elaborado um estudo diacrônico a respeito da flexão infinitiva e sua relação com o Parâmetro do Sujeito Nulo e a Teoria do Caso. A partir de um *corpus* composto por cartas dos séculos XVIII, XIX e XX, foi possível propor uma análise diacrônica para a flexão infinitiva do português paulista. Os resultados apresentados nos levaram à conclusão de que no decorrer do tempo houve uma variação entre a flexão infinitiva e os sujeitos: nos séculos XVIII e XIX há mais sujeitos nulos com a flexão infinitiva, mas no século XX há mais sujeitos realizados.

Iniciamos o estudo com uma ampla descrição sobre o infinitivo flexionado e seu surgimento no PB, salientando que este fenômeno não está presente apenas no português, mas também no galego, no húngaro, no sardo e algumas línguas do sul da Itália

Descrevemos a Teoria do Caso e seu desenvolvimento dentro da Gramática Gerativa, desde Princípios e Parâmetros até o Programa Minimalista. Essa descrição foi retomada no capítulo 6 para a análise de Caso nos dados do *corpus*.

Quanto ao Parâmetro do Sujeito Nulo, mostramos que atualmente a valoração desse parâmetro no PB é parcial, pois não há apenas sujeitos nulos. Pudemos, também, expor os estudos de Duarte (1995) e Figueiredo Silva (1996), salientando que a proposta da última autora nos parece mais adequada.

Como dito ao longo de todo o trabalho, as ocorrências de infinitivo flexionado aqui analisadas foram retiradas dos *corpora* do PHPP e são representativas do português paulista. O PHPP tem como um de seus objetivos, analisar a mudança gramatical do português paulista, como desenvolvido neste trabalho. O modelo de tradições discursivas, explicado no capítulo 5, foi de grande importância para a metodologia e seleção de *corpus* nesta pesquisa. Não se pode dizer que o que foi encontrado especificamente nessas cartas se aplica a todo português paulista, pois nessas cartas não há uma preocupação com a escrita; por serem cartas, há menor grau de formalidade.

Vimos em nossos dados que os séculos XVIII e XX apresentam, quanto aos sujeitos realizados, uma maior quantidade de sujeitos pronominais, enquanto o século XIX apresenta mais sujeitos realizados como expressão referencial. Isso indica que na maioria das ocorrências de infinitivo flexionado dessas cartas do português paulista, o princípio “Evite Pronome” não se mantém, como visto em Duarte (1995) sobre o PB.

Como consequência do estudo da flexão infinitiva no português paulista, desenvolvemos uma análise sobre os sujeitos, os tipos de oração que acompanham o infinitivo flexionado, os tipos de verbos e a atribuição de Caso nos séculos XVIII, XIX e XX. Por meio dessa análise, percebemos que as ocorrências de infinitivo flexionado se apresentam semelhantes em número nos séculos XVIII e XIX, mas no século XX há menos ocorrência deste fenômeno.

Os sujeitos nulos acompanham o infinitivo flexionado em 59, 83% das 122 ocorrências presentes no *corpus*. Apenas no século XX, último século estudado neste trabalho, há mais sujeitos realizados do que sujeitos nulos; nos primeiros séculos – XVIII e XIX – há uma predileção por sujeitos nulos com flexão infinitiva. Assim, os dados do português paulista nos mostram que há mais sujeito nulo acompanhando a flexão infinitiva nos séculos XVIII e XIX, o que é reforçado pelo trabalho de Duarte (1995), pois a flexão marca o sujeito, evidenciando os sujeitos nulos.

Dentre os sujeitos realizados, encontrados mais sujeitos pronominais no século XVIII – 12 ocorrências do total de 16 -; no século XIX há mais sujeitos como expressão referencial – 13 do total de 21 ocorrências – e no século XX há, novamente, uma preferência por sujeitos pronominais, pois são 8 sujeitos pronominais do total de 12.

Ao final do capítulo 6, mostramos uma estrutura de como se daria a Atribuição de Caso em uma sentença do século XX do nosso *corpus*. Na estrutura em questão, explicitamos que o morfema zero é o responsável pela atribuição especificador de INFL do Caso nominativo. Além disso, explicamos, por meio de outras sentenças, como se dá a atribuição de Caso no português paulista dos séculos aqui estudados.

Destarte, concluímos que a sintaxe diacrônica possibilita compreender o desenvolvimento da língua. A flexão do infinitivo no PB tem sido alvo de uma série de estudos também sob perspectiva diacrônica. A presença do sujeito lexical é importante para o surgimento da flexão do infinitivo, e o número de ocorrências de sujeitos não nulos nos dados dos séculos deste estudo reforça essa percepção. A porcentagem de sujeitos não nulos foi crescente nos séculos deste estudo.

Ao compararmos a flexão do infinitivo no PB atual e no PB do século XVIII, percebe-se que a flexão de primeira pessoa do plural não está presente em alguns contextos devido ao desuso do pronome “nós”, como mencionado anteriormente, pois houve perda da flexão infinitiva (PIRES, 2006). Isso ocorre porque “a gente” não propõe uma marcação de pessoa,

projetando, dessa forma, o enfraquecimento da flexão – como previsto em Galves (1993).

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Lucena, 2006.

- BERLINCK, R. de A. **A construção VS no Português do Brasil - uma visão diacrônica do fenômeno da ordem.** In: TARALLO, F. (org.) Fotografias sociolinguísticas. Campinas: Pontes, 1989.
- BURZIO, L. **Italian Syntax. A Government Binding Approach.** Dordrecht, Reidel, 1986.
- CANEVER, Fernanda. **Evidências para um modelo de língua baseado no uso: o infinitivo flexionado no português brasileiro.** Dissertação de mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2012.
- CARVALHO, Patrícia Helena Veloso de & MINUSSI, Rafael Dias. **Do infinitivo impessoal latino ao infinitivo flexionado no português brasileiro: origens e reanálise da flexão de número e pessoa.** Estudos linguísticos e literários N°44. Salvador: pp.67-100, 2016.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Abordagem da língua como um sistema complexo. Contribuições para uma nova linguística histórica.** In.: CASTILHO, A.T. de; MORAIS, M. A. Torres; LOPES, R. E. V.; CYRINO S. M. L. (Orgs.) Descrição, história e aquisição do português brasileiro. Homenagem a Mary A. Kato. Campinas: Pontes/Fapespe, p.329-360, 2007.
- CAVALCANTE, Silvia Regina de Oliveira. **O uso de SE com infinitivo na História do Português: Do Português Clássico ao Português Europeu e Brasileiro Modernos.** Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas
- CHOMSKY, Noam. **Lectures on Government and Binding.** Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, Noam. **Knowledge of language: its nature, origin and use.** Westport: Praeger, 1986.
- CHOMSKY, Noam. **Minimalist Inquiries: The Framework.** Cambridge, Massachussets: MIT WPL, 1998.
- CHOMSKY, Noam. **Derivation by phase.** In: KENSTOWICZ, M. (ed.) Ken Hale: A Life in Language. Cambridge, MA: MIT Press, p. 1-52, 2001.
- CINQUE, Guglielmo. **Types of A-Dependencies.** Cambridge, Mass.: MIT Press, 1990.
- COSERIU, Eugenio. **Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística.** Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/Universidade de São Paulo, 1979.

COSERIU, Eugenio; LOUREDA, Óscar. **Linguística del texto. Introducción a la hermenéutica del sentido.** Edición, anotación y estudio previo de Óscar Loureda Lamas. Madrid: Arcos, 2007.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CYRINO, Sonia Maria Lazzarini. **O objeto nulo no português brasileiro: uma mudança paramétrica.** Universidade Estadual de Campinas, 1990.

CYRINO, Sonia Maria Lazzarini. **A categoria "INFL" no português brasileiro.** Estudos Lingüísticos XXVIII, p. 449-454, 1999.

CYRINO, Sonia Maria Lazzarini; REICH, Uli. **Uma visão integrada do objeto nulo no português brasileiro.** Romanistisches Jahrbuch 52: 360-361, 2002.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro.** Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1995.

FRAMPTON, John; GUTMANN, Sam. **Agreement is feature sharing**, 2000. Disponível em: <<http://mathserver.neu.edu/~ling/pdf/agrisfs.pdf>>. Acesso em 3 de maio de 2017.

GALVES, Charlotte. **A Sintaxe do Português brasileiro.** Ensaios de Linguística, v. 13, p. 31-50, 1987.

GALVES, Charlotte. **O enfraquecimento da concordância no português brasileiro.** In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Orgs.) **Português brasileiro. Uma viagem diacrônica.** Campinas: Editora da UNICAMP, pp. 387-408, 1993.

GALVES, Charlotte. **Ensaios sobre as gramáticas do português.** Campinas: Editora da UNICAMP. 2001.

GRAVINA, Aline Peixoto. **A natureza do sujeito nulo na diacronia do PB: estudo de um corpus mineiro.** Dissertação de mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Campinas: Unicamp, 2008.

HAEGEMAN, Liliane. **Register variation in English: Some theoretical observartions.** Journal of English Linguistics 20: 230-248, 1989.

HALLE, M.; MARANTZ, A. **Distributed Morphology and the Pieces of Inflection**. In: HALE, K.; KEYSER, S. (eds.) *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvian Bromberger*. MIT Press, Cambridge, MA, p. 111-176, 1993.

HORNSTEIN, Norbert. **Movement and control**. *Linguistic Inquiry* 30, vol. 1: 69-96, 1999.

HORNSTEIN, Norbert.; NUNES, Jairo; GROHMANN, Kleanthes. **Understanding Minimalism**. Cambridge University Press, 2005.

HUANG, C. T. James. **On the distribution and reference of the empty categories**. *Linguistic Inquiry*, 15. P. 531-74, 1984.

KABATEK, Johannes. **Tradiciones discursivas y cambio lingüístico**. *Lexis* XXIX, n.2, p. 151-177, 2005.

KABATEK, Johannes. **Tradições discursivas e mudança linguística**. In: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilza; CARNEIRO, Zenaide; ALMEIDA, Norma. (Org.) *Para a história do português brasileiro VI: novos dados, novas análises*. Tomo II. Salvador: EDUFBA, pp. 505 – 527, 2006.

KATO, M. A.; TARALLO, F. **Anything you can do in Brazilian Portuguese**. In: JAEGGLI, O.; CORVALÁN, C.S (Eds.) *Studies in Romance Linguistics*. Amsterdam: Foris, p. 343-358, 1986.

KATO, Mary.; DUARTE, Maria Eugenia; CYRINO, Sonia & BERLINCK, Rosane. **Português brasileiro no fim do século XIX e na virada do milênio**. In: Suzana Cardoso, Jacyra Mota e Rosa Virgínia Matto e Silva (orgs.) *Quinhentos anos de história linguística no Brasil*. Salvador, Empresa Gráfica da Bahia/Funcultura/Governo da Bahia. Pp. 413-438, 2006.

KEWITZ, Verena. **Gramaticalização e semanticização das preposições A e PARA no português brasileiro (séc. XIX e XX)**. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

KOCH, Peter. **Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik**. In: FRANK, B. HAYE, T. TOPHINKE, D. (Hrsg.) *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*, Tübingen: Narr, 1997 (*ScriptOralia*, 99), 43-79 [Texto traduzido]

KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. **Oralidade y escrituralidad a la luz de la teoria del lenguaje**. Madrid: Gredos, 2007.

KROCH, Anthony. **Reflexes of grammar in patterns of language change**. Language Variation and Change, n. 1, pp.199-244, 1989.

LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta; RODRIGUES, Angélica. **O estatuto teórico-metodológico do falado e do escrito para a pesquisa em mudança linguística**. Signo e Sena, n. 23, p. 191-212, 2013.

LONGHIN, Sanderléia Roberta. **Tradições discursivas: conceito, história e aquisição**. São Paulo: Cortez, 2014.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **A inserção de “a gente” no quadro pronominal do português**. Vol. 18. Frankfurt/Madri: Vervuert/Iberoamericana, 2003.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **Tradição discursiva e mudança no Sistema de tratamento do português brasileiro: definindo perfis comportamentais no início do século XX**. Revista Alfa v. 55, n. 2, 2011.

LUZ, Geraldo A. **Inflected Infinitive in Romance Languages**. Cad.Est.Ling., Campinas, (34):7-17, Jan./Jun, 1994.

MCFADDEN, Thomas. **The position of morphological case in the derivation: a study on the syntax-morphology interface**. Phd dissertation, University of Pennsylvania, 2004.

MARINS, Juliana Esposito. **O Parâmetro do Sujeito Nulo: uma análise contrastiva entre o português e o italiano**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ-FL, 2009.

MARTINS, Ana Maria. **Aspects of infinitival construction in the history of Portuguese**. Universidade de Lisboa. Disponível em: http://www.clul.ul.pt/files/ana_maria_martins/MartinsAspectsOfInfinitival.pdf <acesso em 5 de abril de 2016>

MAURER Jr., Theodoro Henrique. **O infinitivo flexionado no português: estudo histórico-descritivo**. Imprensa. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1968.

MINUSSI, Rafael Dias. **A relação entre Caso e definitude no hebraico: o Construct State e a Marcação Diferencial de Objeto**. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística

Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.

MODESTO, Marcello. **Infinitivos flexionados em português brasileiro e sua relevância para a teoria do controle.** Disponível em: <<http://linguistica.fflch.usp.br/sites/linguistica.fflch.usp.br/files/ModestoCasadinho.pdf>>.

Acesso em 4 de abril de 2016

MÜLLER-LANCÉ, Johannes. **Absolute Konstruktionen vom Atelein bis zum Neufanzösischen: ein Epochenvergleich unter Berücksichtigung von Mündlichkeit und Schriftlichkeit.** Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1994.

NEGRÃO, Esmeralda V.; VIOTTI, Evani. **A propriedade do Deslocamento e a Marcação Gramatical das relações Semânticas e Informacionais.** In: IV Congresso Internacional da ABRALIN, Brasília, 2005.

NUNES, J. **Nominative pronoun reduction in Brazilian Portuguese.** University of Maryland. 1990.

OESTERREICHER, Wulf. **Lo hablado em lo escrito. Reflexiones metodológicas y aproximación a una tipología.** In: OESTERREICHER, W. et al. (edd.) *El español hablado y la cultura oral em España y Hispanoamerica.* Frankfurt am Main, Vervuert/Madrid, Iberoamericana, 317-340, 1997.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. **Língua barroca sintaxe e história do português nos seiscentos.** Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2004.

PERINI, Mario. **Gramática do infinitivo português.** Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

PHPP - **Projeto de História do Português Paulista.** Descrição do projeto. <http://phpp.fflch.usp.br/> <acesso em 13 de abril de 2016>

PIRES, Acrísio. **The minimalist syntax of defective domains: Gerunds and infinitives.** Amsterdam: John Benjamins, 2006.

PREMINGER, Omer. **Case and Agreement in Generative Grammar.** University of Maryland – Departament of Linguistics, Maryland Language Science Center, 2015.

RAIBLE, Wolfgang (Eds.) *Language typology and language universals.* Berlim/New York: De Gruyter, 2001.

RAPOSO, Eduardo Paiva. **The Inflected Infinitive in European Portuguese.** Linguistic Inquiry, Vol. 18, No. 1, Winter, pp. 85-109, 1987.

RAPOSO, Eduardo Paiva. **Teoria da Gramática: A faculdade da Linguagem.** Lisboa: Caminho, 1992.

ROBERTS, Ian. **Verbs and Diachronic Syntax.** Dordrecht: Kluwer, 1993.

RODRIGUES, José M. **O Imperfeito do conjuntivo e o infinito pessoal no Português.** Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa. 8.72–93, 1914.

SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima. **Estabilidade na variação da flexão do infinitivo em português: propriedades das construções e implicações teóricas.** Revista do GELNE, Vol. 8 - Nos. ½, 2006.

SHEEHAN, Michelle. **‘Free’ inversion in Romance and the Null Subject Parameter.** In: BIBERAUER, T.; HOLMBERG, A.; ROBERTS, I.; SHEEMAN, M. Parametric Variation: Null Subject in Minimalist Theory. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 231-262, 2010.

SILVA, Cláudia Roberta Tavares; SILVA, Francisco Eduardo Vieira da. **Aspectos morfossintáticos do português brasileiro sob ótica das gramáticas contemporâneas: contribuições da gramática gerativa.** Acta Semiótica et Lingvistica v. 19, n.1, 2014.

SIMÕES, José da Silva. **Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro.** Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SIMÕES, José da Silva; KEWITZ, Verena. **Tradições discursivas e organização de corpora.** In.: AGUILERA, Vanderci. (org.). Para a História do Português brasileiro volume VII: vozes, veredas, voragens. Londrina: EDUEL, p. 467-529, 2009.

TARALLO, Fernando. **Relativization Strategies in Brazilian Portuguese.** Tese (Doutorado) – University of Pennsylvania, Pennsylvania, 1983.

VASCONCELOS, J. Leite de. **Estudos de Philologia Mirandesa.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1900.

VERGNAUD, Jean-Roger. **Letter to Noam Chomsky and Howard Lasnik on “Filters and Control, April 17, 1977”** In: FREIDIN, Robert; OTERO, Carlos; Zubizarreta, Maria Luisa. (Eds.) *Foundational Issues in Linguistic Theory – Essays in Honor of Jean-Roger Vergnaud*. The MIT Press, 2008.

WERNECKE, H. **Zur Syntax des portugiesischen Verbs**. Weimar (Programm des Realgymnasiums in Weimar), 1885.

ANEXOS: INFINITIVOS FLEXIONADOS ENCONTRADOS **NO CORPUS**

Cartas de Aldeamento de Índios (1701-1750) – Século XVIII

Carta 02

por que estas sendo antigamente de gente innume= ravel fundadas pellos Religiozos da Companhia fomos obrigados a dimitilas de noSso governo cançados de as naõ **podermos** defender dos in= justos cativeiros de homêS poderozos; faltando neSse tempo ao6 [manchado] temor do Rey, edo mesmoDeos

os ditos brancos por descargo de sua consciencia os deixaraõ com suas t[er]ras encapellados para **serem** administrados co= mo forros sem injustiça.

Entre os taes indios ficaraõ muitos mulatos filhos de negros d'Angola que por **terem** servido bem a seos Senhores ficaraõ forros.

E dezejamos que cresça o numero delles para **termos** mais que empregar no serviço de Sua Magestade

Carta 03

ConSsigo poCo fruto aSSim por alguñs **fugirem** deSSua aldea; Como outros Sonegados de quem ostem.

os quais Senaõ Sabe *quem* Sejaõ por **estarem** taõ espalhados

Carta 06

tendo notiÇia de *que* hua jndia CaZada
que tem omarido emoCaminho doCu[y]aba por
ordem de *vossa excelencia*, andava empeCadoCom
outro jndio CaZado, Com jndiCios de *que*
tinhaõ tenÇaõ de**fugirem**

Sem fruto algum, preendi aos parentes *para* efei

to de**ComfeÇarem** averdade

RepaÇe Carta *para* os Cabos, ou ofi

Ciais dejustiCa deSSas viLas prinCipal

adeJaCarehy para **faZerem** apriZão eintre
gaLa aos jindios

Carta 07

eas idades de todos, nella verá *VossaExcelenCa* oquam di –
minuta esta degente, para **poderem** aCudir, aos ServiSSos
de ElRey meu *Senhor*,

Carta 08

porque as mulheres vivem Ca
neSeCitadas eSem **ter** que **vistirem** pela falta de
Seus maridos
Eu estou *muito* de a Cordo diSso
porque depois que para aqui vim omeu Cuidado
edesvelo he trazelos para adoutrina emiSSa ou nes-
ta praia aSeus ganhos eSo ao Convento osmando pera
ir[em] aeSsa Cidade a **Conduzire[m]** [a]s esmolos e o *Padre*
g[*eral*] lhespaga atodos
Eu estimo *muito* aSua ordem
por menaõ **perSeguirem** que estes Senhores aqui he
que batem

Carta 12

e para os quais ornamentos não Com Corendo os indios seti
rari[a] esmola no destrito para se**CompRarem** os
ditos ornamentos que faltam que só tem hû **daver**
melho e branco sem frontal

Carta 13

Remetto a *Vossa Excelencia* a lista das pessoas *que* assignaraõ termo **deirem** a Guer=
 ra, ea Sua Cometiva de cada hum, e inda não sabe' Com Certeza, *porque* pertende'
pro Curarem Camaradas para **Levarem**, o*que* sô Com individuação Se Saberâ
 no tempo do embarque

einda estam *bastantes* Com detreminação **deirem** a
 Cuyabâ, **Sepuderem desCobrir** algum negoCio, **eintrarem** Com os mais adita
 Guerra

SenaõaLis=ta agente que dez[ej]a, por lhe**faLtar** todo oneCeSsario preCizo para **poderem**
Condu=zirse, edesde aentrada da Coresmâ até o dia *prezente* não tenho tido o minimo
 SoCego em**proCurar** *que* SeaListe para adita Guerra

e Com pouca poSse, eporfalta de=
 paos ComCapacidade deSefazer aquantidade *que* Serâ neceSsario para
poderem Conduzir toda a Cometiva dadita Guerra

Carta 14

OFrancisco Pacheco EmbarCandose com toda a Sua gente, estan
 doSeo Pay navilla memandou **dizer**, emararitaguava, donde meacha
 va Com oexcelentissimo *Senhor* Conde **adespedir** atropa, *que* ofilho devossamerce vinha na
 Canoa, eotiraçe, Como odito não chegou atempo deeu **opoder fazer**
 deichey ordem para otirarem elevarpara avilla

Carta 15

e metendoce emSua CaZa, *que* nos fichamos asnoSSas portas pello não
vermos, efazendo [eu ja] aVizo detudo isto aSeu pãi

 e*que* mefaçam algumas
 descortezias afim denos**desgostarmos**, [e]**Sairmos** para elles **ficarem**
 mais aSua vontade

Carta 16

Sua exSelencia não puZer cobro nisto
 mais Conta nostem **recolhermos** anoSsa Religiam, *que* nella aVemos
 deaChar Refeitorio, Coro Sela, ealtar Comtodo oneSeS[r – rasurado]ario; o*que* aqui
 nada temos; pois nos *naõ* dam oSustento, nem devestir, nem Sera,
 vinho, eostias, etodo onêceSsario *para* oornato doaltar

Carta 17

Como taõ bem daSachristia **Cortarem**
 dois panos dehua Sobrepelly nova

 etudo isto esta-
 mos sofrendo, Só por **Servirmos** a Deus, e**agradarmos**
 aVossaExcelencia *que* Deos *guarde* por muitos annos Com Saude evida
 par[a]*que* chegue **avistar**çe Com aExcellentissima PeSsoa

Carta 18

Consta por Serteza que os Indios della
 por **Severem** oye Coregidos
 não taõ Sô he Serviço de
 Deos; pera os Indios Como pera **aCudirem**

Carta 19

Sendo aCauza, **deter** admoestado ao *dito* Tenente puseSse cobro nosSeos *filhos* eescravos
 por **Serem** estes perturbadores das Almas da *dita* aldeia

vindo aella de noute ededia; efazendo as In-
 dias **hirem** aSua fazenda, como mediceraõ duas, *que* as achey de noute
 MediSse, agora medisse hua India, *que* o Capitam da aldeia tinha ordem do *Senhor* Joseph
 para **vegiar** as Indias, *que* entraSsem dentro desta Casa **alevar** alguâ couza, compena de
Serem a Soutadas

Epara meo abono basta **dizerem**

todos *oque* Saõ estes Indios

Isto hê *oque* querem *para* **viverem** como Gentio

Enaõ Sem pouca cauza, pois naõ Só do*que* aquy ex perimentamos, Senaó ainda Sem nos**darem** **decomer**, enem **quererem** fazer nada; *que* SepaSsamos hê com bem median[i]a pellos vezinhos no**Lodarem** por Respeito de MiSsa, eConfiçaó, **eestarem** 6 Leguas dasFreiguezias

Carta 20

Nodia Sexta-feira 22 do Corrente veio aesta

Aldeya oTenente Francisco Leite Director **fazer** pa-

tente [?] huma Ordem do *Illustrissimo e Excelentissimo Senhor* General Cu -

ja Copia vay in clusa avista do que nam querem

mais os Indios **fazer**, ao brigacoins deque Sam em Carre-

gados pelo Directorio, *que* he **fazerem** Roça demilho, fejaõ,

e Arros, **dar** em agua e Lenha, huma CoSinheira, e

hum Rapas *para* lheajudar a Missa

Carta 21

Deos nos asista com suagraça, *para* com ela **poder**

mos louvar aDeos noço Senhor; em todas as suas dis

posiçoinš

Reconheço os Signaes e Letrado[spos ?] abayxoasig

nados **Serem** dapropria mão dos Contheudos nelle

Carta 23

Os Indios saõ livres, por estaRazaó, quando

naó saõ criminozos, nem vadios, ese empregaó

no serviço de alguem, *para* **ganhare**m asua vida,

devem **servir** *aquem* muito quiserem

Carta 24

eigoal mente algodoaes deque sevestiaó por
ser aquele terraó de reconheSsida produSsaõ para estez dous
 gêneros: deannos porema esta parte **sevem** privados
 daquele meyo

Havendo aprovidencia de **serem** obrigados
 os Indios, que sequizerem izentar dotrabalho aque
 unidos com osmais zelozos verifiquem os desman
 xos dos valos

eaque os vezinhos confinantes, que
 tiverem direito naqueles campos de fora por pro=
 prios ou foreiros os naó queimem sem **fazer** sa
 bedor ao Director dodia para os Indios **aserarem**

ede fenderem oseo quintal noato dofogo, he sem
 duvida, que naó entraraó mais criaSsoens, nem
 deixaraó de**plantar** querendo **trabalhar**, para se
remirem das suas necessidades

Aldeas consta **acharem**Sse alguns Indios dezertados por di
 ferentes districtos

*Correspondências paulistas de circulação pública (1765 – 1775) – Século XVIII*Carta 04

ainda *que* penalizante com hum flato *que* se
 me póem no estomago, pedindo a *Deos* me dé o esforço para me **empregar** no seo santo
 serviço.

Era *muito* bom correndo o [*tempo*] felicitado em tudo **aproveitarem** os dias do Na

tal, e principio do anno *para* os bonś annos o Cu[lt]o de Deos

Carta 08

em Dezembro 19920 *que* tudo emporta a referida conta aSima
e alguã Couza estã por **Cobrar por estarem** os deuedorez *para* minas, e me parece
averã algũ desembolço como atual estou exprementando.

Carta 14

Antonio Correa Barboza

Luiz vâz de Toledo, que fica *para seguir* atras com mais mantimentos

Francisco GonçaLvez Padilha, Ioaó de Souza

e como fauor de Deus, espero, naó **uoltar** Sem uer o rio grande;

Supozto **ser** o rigor das agoas hum ozbtacollo gandiozo por **estarem**

todoz oz rioz innundando tu[d]o

Cartas Paulistas da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro – Século XIX

Carta 01

Meu charo Amigo, no dia 25 tivemos a incomparavel honra de **vermos** | no nosso solo onosso
Idolatrado Principe

Carta 02

A Camara desta Cidade hoje | por editaes congregou nos Paços do Conselho atodos os
Cidadãos *para declara=* | **rem** asua vontade sobre as Cortes, *que* se devem **estabelecer** nessa
Corte; | hum grande numer de honrados Cidadãos la se haõde **achar** na certeza | de **serem**
preteridas suas vontades *para* maioria contraria dos sapatoens.

que nos Livros daCamara se lavre termo dos seus votos por elles assignados, **exi=** | **gir**
certidaõ, ecom ella **representarem** aSua Alteza.

Carta 03

Da ordens pre= | cizas *para* a plantaçaõ de canas, e carpiçaõ das *que* **estiverem** no matto.

Carta 04

alem deque as pessoas, que fo= | rem mandadas, ou **aceitarem** aquelle domicilio, he | de **crer**, que sejaõ pobres, e indigentes sem meios, sem for= | ças para **promoverem** as utilidades, e bens mais da a= | gri cultura.

Anavegação hé trabalhoza, eperigozissima por se **en=** | **contrarem** trinta, eseis Caxoeiras

nos quaes he de indispensa= | vel necessidade **vararem**-se por terra as Canoas, **etrans=** | **portarem**-se as Cargas ás Costas de homens

Carta 05

Forçadas sem **esperarem** huns pelos outros para o quar= | tel deSaõ Cristovaõ

Carta 06

Nodia 19 | doprezente publicavase aordem para se **Retirarem** para esta Provincia as Tro= | pas Milicianas

Carta 08

Hoje ja he possi- | vel **irem** pelo Caminho de Guarapuava Sair perto de | Missoens.

Carta 09

Enesta parte desde ja devo **prevenir** aV.^a pelos | Conhecimentos que aexperiencia me tem dado, que Será muito Conveniente | **marcharem** os Soldados debaixo do Cómando deSeos Officiaes e | nunca [talvez: addidos] à Tropa de Linha.

Carta 11

e não existe Governo, a vista do Decreto dito, passaraõ **acom-** | **municar**-se [com] as outras Villas (que mais ou menos tem os mesmos senti - | mentos) e tractaraõ de **estabelecer** interinamente um Centro ge- | ral da Comarca, para se **abrigarem** de tantos despotismos, visto té que | S. A. providenciasse; principiaraõ **armar**-se, temendo surpresa e | ataque da Facção

Estando Membros d' | alguma Villas, ainda assim tenho feito, que se não tenha installado | a Junta, a espera de Sorocaba, que ainda não o quiz **mandar** (apezar | de que está tambem

com bons sentimentos) e *por que* creio não devem | **tardar** as *Providencias* da Corte, certo porem, *que* se ellas **tardarem**, ea | Facção tiver arte, pode tudo **atrapalhar**, emquanto a Comarca não | estiver *centralizada* devo dar a V. Exa. uma ligeira idea disto ca, e | do miseravel estado da Capital, e suas *dependencias*, a **concluir**, pedindo | se esforce a **cooperar** por a *brevidade* dos remedios, e sobre tudo por a es- | colha delles, e sobre as terriveis *consequencias*, se elles **tardarem**.

Francisco de Paula Souza de Mello. Esta *Villa*, e suas adherentes, não socegaõ, | antes cadavez *perdidas* ficaõ, se **ficarem** | na *Provincia* os *Agentes* ou complices da | Facção

Carta 19

nunca mias tive noticias suas, apesar de as procurar, emendigar, princi= | *palmente* viajando em espirito por toda a Europa: pois as almas *para* se **ama=** | **rem**, não attendem *agrandes* *distancias*: sim meo Charo *amigo*, nunca cessei= | defalar nos raros dotes dasua alma, inimio dezejo, *que* tinha de tornar | aver, esaber dasua sorte nessaCorte, aonde deviaõ ser premiados os traba= | lhos deuma tão longa viagem literária

faz quinze anos, *que* meRecolhi aesta sua Caza daminha di= | gressaõ a *Lisboa*; ecomo omeo genio nunca foi deviver emterra pe= | quena, aonde só os incomparaveis *merecimentos* desua linda Mana, | me poderaõ atrahir; trabalhei nos *primeiros tempos* , em querer mudar-me | para o Rio de Janeiro, chegando afazer par tidos a*Senhora* D. Maria Barba= | ra *minha* Sogra, para Reduzir osseos bens adinheiro, afim denos **mudar-mos** | todos *para* o Rio

No decurso destes quatro anos, he*que* eu metenho | visto nos maiores trabalhos, *por* **seterem** lembrado demim / pela | mizeria dos *tempos* / *para* diferentes empregos, Cujo pezo, não poço suportar, | *por* falta deforças, etalentos.

deo isto Cauza, *aque* o dito Intendente, me intregace *por* Ordem, as Cha= | ves dos armazens Reais, *para* eu *por* ellas Responder, efazer o Servisso, | etaõ bem aqual o dito Sargento Mor, foce mandado governar, e Commandar | as *Villas* de Ubatuba e São Sebastiam, *para* **ficarem** desvanecidas as *ethique*= | tas Como dito Intendente: immediatamente logo veyo Commandar esta Pra= | ça o Coronel pago Antonio Luiz da Roxa Ferreira

Chegando os *mesmos* | *Ajudantes de Ordens*, huns *Cazados*, trazendo a *Consorte*, e outros solteiros. | ||4v **aestarem** nella vinte dias.

esperando, *que* o *prezente General* me nomeye sucessor, a= | pezar de todos me **dizerem**, onã fará; porem eu no meyo | destas *Couzas*, ja escrevi em 20 de Agosto *proximo passado* aditos *Silva & Fi*= | lho

as *goais* eu sempre obecequiosamente cumpri, sem ter *obrigaçam*,/ pois | só devo obedecer ao do *Geral e Real Junta*/ por **terem** obeneficio | do *Real Serviço* menos as *que* focem *tendencias* á *despesas* por este *almoxarifado*, | *que* só por ordem da *mesma* ao faz/ as *goais*, não devia mandar **fazer**, sem ordem | especial por **serem** fora da *Communa* e como o *doutor Mansso* / *que* me con= | ta tem bons *creditos* para com o *Exmo. Senhor Doutor Rodrigo* / não queria pedir Or= | dem ao *Geral* para *despeza*, por não estar bem com elle, como eu as não quis | fazer poz-se tão bem commigo de *candeias* ás *avessas*

mas elles ta vez, pemcem o *contrario*, como julgas, *quando* vejo, não **meterem** | escripto ou ao menos *respodendo* ás *minhas ultimas cartas*

depois *que* Cheguei de *Lixboa*, mandace eu Ordem para se **Cobrare**m do dito | Mathiaz 128\$000 *reis*

emeo Pay foi *Bacharel* formado em | *Medicina*, sendo logo na *Universcidade*, antes deseformar, do *Par*= | tidistas, os *goais* para o **Serem**, deviaõ tirar as suas *Inquirçoens*

Lembro=menaõ | seria mas ser eu aqui *Sossio*, ou *Correspondente* da *Academia Real* | das *Sciencias*, dese erigir aqui, alguma *Fabrica* util ao *Commercio*, e | ao *Estado*, sem prejuizo dos *Reais Direitos*, os *goais* Cá sepodiaõ | lutar, epagar, sem tantos *riscos* demar da *fazenda*: visto *que* nomes | pemçar he lastima, sahir oalgodaõ emrama dos *Portos* do *Bra*= | zil, entrar no de *Lixboa*, sahir deste *damesma forma*, entrar nos *Portos* Es= | *trangeiros*, tornar a entrar em *Lixboa*, fabricado em *diverças fazendas*, | tornando as *mesmas* asahir de *Lixboa*, para se **virem** uzar neste *Brazil*, | aonde *disfigurando*=se tanto *humas tantas Couzas*, *Contra* omeo | *genio*, tão bem me lembro dehir acabar os *meos dias* em *Lixboa* se | *podece*, *porque quem* vive na *Conquista*, vive *Conquistado*.

Aldeamento dos índios – século XIX

Carta 29

para aque tenho projectado mandar algumas Mulheres, em
Cazas particulares de Peçoas capazes, e conducta irreprehensivel a
fim de **aprenderem** a fiar, etecer Algudoens, edeste modo suavizar, e
fazer mennos gravoza adespeza dareal Fazenda relativa aconser
vação daquelle Estabelecimento

Certoens para com elle se **suguitarem** a mesma Aldea, onde logo
forão Baptizados anada me exponho sem obeneplacito de *Vossa Excelencia*
por **serem** estes daquelles Certoens de Rezende, exigindo eu a com
petente authority para **proseguir** esta *Deligencia* por meio de Ordem
de *Vossa Excelencia*

Tambem pertendem os Povos desta, eoutras Villas circunvezinhas pella repartição de
glebas de terras, das *que* axaõ-se inda devollutas neste Certaõ
para o fim de as **Povoarem**, e **promoverem** os seus interesses, cujas
Dattas não posso fazer, nem conseder sem expressa Ordem –
de *Vossa Excelencia*.

Correspondência Passiva de Washington Luiz – Século XIX

Carta 07

Nós vamos indo sem novidade, só muito
no ar, por ter-se sempre hospedes e não se
poder de sopetão ficar a par de todos os ser =
viços.

Muito agradeço-te o cacetada de mandar a Julio
fazer a procuração para o advogado de Araras e
assim *tambem* o **teres** mandado os livros para o Manuel
cazeiro.

Carta 09

e fecho aqui esta
 esperando que Sophia e você
 continuemgozando perfeita saude
 e apomptando-se para logo **virem**
 para cá.

Carta 13

Assim ves que mais ou menos sou conhecedor
 de toda a materia; calma tenho bastante, prova
 escripta já fiz e tive “acima de soffrivel”, a ques-
 tão toda e os homens não **bombearem** sem
 mais nem menos

peço-te por favor para **vires** o
 mais breve possivel a fim de divertirmo-nos
~~o mais breve possivel~~ um pouco

As matriculas
 acham-se abertas e é bom **aproveitares** a occasião
 para **occupares** um dos primeiros lugares de ordem

Carta 14

com o fim
 dos commissarios **liquidarem** mi-
 nha divida no Banco - e estou ven-
 [do] *que* isso não co[ns]eguirei

Carta 16

És um felisardo; sem **solicitaes** cou-
 sa alguma, vaes te deixando levar

- assim com [s]eus ares de Napo-
leão no Egypto

Carta 17

Dirijo - te esta como vehiculo
de um amistosissimo am -
plexo por **arredondares** hoje
a conta de mais uma
primavera.

E te será esta
a ultima !.... para o anno
entrarmos quasi juntos
no Outonno da vida!

Carta 19

Bem avalio o dia da chega-
da a essa, causadas, e com cer-
tesa com bem dores de cabeça
terem de **attenderem** a grande
manifestação que tiveraô, deveria
sêr bem difficil de suportal-a
mas ao mesmo tempo agradavel
por **vêr** nisso como és querido pelas
pessoa d'ahi.

Naô sei se
voces querem que mande trolley em
Araras, ou que pretendem, acho bom **avi-**
sarem-me nesse sentido.

Cartas familiares: em torno de Washington Luís – Edição semidiplomática de cartas particulares da 1ª metade do século XX

Carta 01

acho melhor Elisa não vir a São Paulo antes de eu lá **chegar** (flexão zero)

Carta 03

eu vou passando sem novidade, tomara [p.2] meus nervos me **dei_ charem**, demorar-me aqui

Carta 04

encarreguem alguém para tomar a direcção dos seus negocios, visto não **podermos** continuar com tal encargo

Carta 08

Voce converse com Alvara [sic], e faça favor me **diserem** francamente o que resolvem

eu preciso declarar ficando a mobilia me pertencendo para depois de minha morte **dividirem** aos filhos por sorte.

Carta 18

se voce podes_ se emprestar-me 500\$ até eu **arranjar** o negocio com o commissario

Carta 22

com a condição, porém, de me **serem** pontualmente pagos os juros semeestraes á razão de Oito e meio por cento ao anno

De fã para fã: edição de cartas particulares da 2ª metade do século XX

Carta 01

Caso todos **concordarem**, o zine já começa a englobar o Jesus & Mary Chain nas suas páginas também a partir de setembro/outubro, ok?

Carta 02

Aí come- çamos a pular para chamar a atenção mesmo!!! Ficamos de guarda para ver eles **entrarem** [p.3] no ônibus e mais um monte de macaquices que um dia eu te conto melhor e com calma, ok?

Carta 05

Bem, ontem eu estava escutando a 89 FM e só prestando a atenção nos pares de convites para o show **serem** distribuídos aos montes.

Ah! O cara do correio falou que vai demorar um pouco as fitas **desembarcarem** por aí porque o correio está com ‘excesso de cargas’

Carta 06

As letras das músicas eu tentei traduzir (as que eu tenho) e ficaram bem “es- tranhas” mesmo, mas que não deixam de **serem** maravilhosas, não?

Carta 08

eu fiquei louca por ele, apesar dele **ser** em 'english' e **custar** 3.500,00 ... (**FLEXÃO ZERO**)

Carta 09

O 'The Cure cover' é mais ... melódico, né?... Estou torcendo para **serem** eles!

Carta 12

eu tava pensando em mandar uma carta para a gravadora pedindo para eles **entregarem** uma carta nossa nas mãos do Ian, que tal?

Agora é rezar para eles **passarem** sempre, não é?

Mas se os imbecis dos repórteres **falarem** que o inferninho (é um quarto escuro onde os casais ficam mais ‘à vontade’ e todo mundo vai lá! E filmaram justo eu!!!) só serve para ‘aquilo’ eu tô ferrada!!!! Vou ficar conhecida pelo Brasil todo como a ‘garota do Inferninho’

Carta 13

Aí vão algumas das mais de 20 xerox do Senhor Ian que eu recebi por aqui só pra te fazer vontade e fazer você **apa-recer** por aqui. (**FLEXÃO ZERO**)